

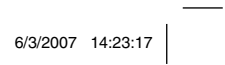
# Nola

Benedicto Ismael Camargo Dutra

# Nola

as revelações que  
abalaram o mundo

MARCOZERO



## Sumário

1	A vidente de Nola	7
2	A reunião da Liga	15
3	A Fraternidade Ametista	25
4	Fortaleza bela	31
5	O Manuscrito de Nola	38
6	As quatro partes	44
7	Os Invasores	53
8	As partes se juntam	61
9	A decodificação tem início	68
10	O eterno circular do universo	78
11	Um traidor entre os ametistas	87
12	A importância da vontade humana	98
13	O anticristo e a conspiração contra a humanidade	104
14	Uma pausa para reflexão	113
15	As profecias noleanas	119
	Epílogo	133
	A palavra do autor	137
	Bibliografia	139

# 1

## A vidente de Nola

*Há mais coisas entre o céu e a Terra do que a vossa  
vã filosofia possa imaginar.*

William Shakespeare

Nola, província de Nápoles, região da Campânia, Itália Meridional — ano de 1591. As revelações se formam no espírito da vidente Annunziata Campobianco enquanto dorme. Em seu sono profundo, ela enxerga acontecimentos do século XXI e vê a grande aflição dos seres humanos. São imagens de destruição de cidades, prédios ruindo, maremotos, águas invadindo as ruas, vendavais, pessoas feridas e completamente desesperadas. De repente, ela vê algo totalmente inesperado que a faz despertar de súbito. Assustada e angustiada com tudo o que viu e sentiu naquele terrível sonho, Annunziata levanta-se da cama e se dirige até o outro cômodo, senta-se à escrivaninha onde guarda uma espécie de caderno em que anota todas as suas inexplicáveis visões. Antes de começar a escrever, bebe um gole de água para se recompor e, como que novamente tomada por uma força invisível, revê todas as cenas que presenciou enquanto dormia. Sua mão ágil começa a escrever com uma incrível riqueza de detalhes. Era como se ela realmente estivesse naquele local, naquele momento, vivenciando todo aquele horror.

Visões como essas eram comuns na vida de Annunziata, desde quando era uma garotinha. Numa das primeiras vezes, aos dez anos de idade, ela assustou toda a família quando contou que uma tia iria sofrer bastante, naquele ano, porque algo muito ruim estava para acontecer. A tia Amália era uma mulher idosa e lhe restavam poucos anos de vida. Quando teve a premonição, Annunziata compreendeu que sua tia iria passar por uma provação para que pudesse compreender a justiça da Lei do Criador. Em vez de revoltar-se, a velha senhora deveria aproveitar o difícil momento, que estava prestes a lhe acontecer, para meditar sobre as suas ações e pedir perdão pelas falhas cometidas. Caso contrário, após a morte, sua alma iria para uma região de muito sofrimento e teria a companhia apenas de almas revoltadas com a Justiça Divina.

— Deixe de ser boba, Nina — retrucou sua mãe, na época, chamando-a pelo apelido carinhoso. — O que de ruim pode acontecer à tia Amália se o Alfredo, seu marido, está sempre por perto? — quis saber a mãe.

— Ora, quando ela terminar de alimentar o cavalo e se virar para sair do estábulo, irá derrubar, sem querer, um monte de tigelas de ferro que ficam empilhadas num canto. O barulho irá assustar o cavalo e ele acabará dando um coice na tia, deixando-a muito machucada. Depois desse acidente, ela não poderá andar nunca mais. Quando o tio Alfredo chegar do mercado já será tarde e ficará muito triste ao ver a titia caída no chão, sem poder se mexer. Ele irá abraçá-la e chorar muito, mas ambos terão que aceitar a lei da reciprocidade — contou a menina com a maior naturalidade.

Annunziata estava se referindo ao fato de que sua tia Amália deveria arcar com as conseqüências das maldades que impingiu aos animais indefesos, naquela vida e em vidas passadas. Numa das suas existências, Amália foi adepta da magia negra e sacrificava animais em rituais macabros e cruéis. Na encarnação atual ela continuava tratando mal os ani-

mais e, por isso, seria ferida por um deles e ficaria inválida para que pudesse refletir sobre suas ações.

Ninguém deu muita importância ao que a menina havia dito. Dias depois, uma conhecida da família traz a trágica notícia e todos ficam chocados quando percebem que tudo aconteceu como fora revelado a Annunziata. Outros fatos parecidos se repetiram até que Nina, temendo a reação dos adultos, parou de falar sobre o que via. Ela apenas confiava suas previsões ao *nonno* Giovanni, seu avô querido, que era o único da família capaz de compreender a vidência da neta. Eles passavam longas horas conversando todos os dias. Giovanni Campobianco era um filósofo e freqüentava as reuniões de uma sociedade secreta, cujos membros analisavam o significado de antigas profecias, além de outros temas, como astrologia, alquimia e filosofia. Foi seguindo um conselho do avô que Annunziata passou a anotar num caderno tudo o que via e sentia em seus presságios. Muitas vezes não compreendia bem o que vivia nesses momentos de transe porque era capaz tanto de retroceder no tempo como de visualizar o futuro e também de ver outras culturas e países, e conseguia entender perfeitamente o que as pessoas diziam, embora o fizessem em diferentes idiomas.

Naquela noite, Annunziata viajou para o futuro e o que viu a deixou transtornada. Ainda mais porque para ela a vida é maravilhosa. Ela sentia, no âmago do seu coração, que estar viva, num corpo terreno, é uma graça imensa, pois somente na vida material o espírito pode fortalecer o anseio pelo reconhecimento de Deus, usufruindo as bênçãos da Criação. O ser humano existe há mais de três milhões de anos. Houve eras douradas de paz e crescimento individual em conformidade com as leis da Criação. Annunziata foi capaz de ver isso também. Mas ela sabe que o ser humano tanto pode criar, na Terra, o céu ou o inferno, mediante as suas ações benéficas ou destruidoras.

A época para a qual foi transportada, em seu sonho,

mostrou algo desalentador: o fato de os seres humanos terem perdido a capacidade de compreender o significado da vida. No século XXI, as pessoas se afastaram do verdadeiro sentido da existência e a vida ficou atrelada a uma série de objetivos puramente materiais. Por isso a maioria das pessoas parece perdida, dando voltas e mais voltas, sem saber aonde querem chegar, sempre transitando por vias secundárias. Elas já não conseguem perceber que existe uma estrada principal, a qual nasceram para percorrer.

O ser humano não sabe mais brindar à vida com todo o seu ser, tendo por isso atraído muitas tragédias, em vez da paz e alegria, como seria natural. E a sensação que Annunziata teve foi de que o caminho que a humanidade está trilhando, no século XXI, possivelmente a levará a uma insustentável situação ambiental e socioeconômica. Ela viu a Terra se transformando rapidamente numa imensa favela, quente e abafada, sem empregos, sem esperanças de um futuro melhor.

Algo semelhante, mas em menor escala, ocorreu há mais de dez mil anos, na poderosa Atlântida. Situada no Oceano Atlântico, além das Colunas de Hércules, a ilha de Atlantis, ou Atlântida, como também era conhecida, abrigava uma civilização que havia atingido um patamar invejável. Sua organização social e política era perfeita e seu povo usufruía um elevado grau de desenvolvimento material e de amplo entendimento sobre o Criador e Suas leis naturais. Esse elevado nível de vida, ao contrário do que se poderia imaginar, tornou seus habitantes arrogantes.

Apesar de toda a beleza e de tantas dádivas que receberam, os atlantes se deixaram levar pela mania de grandeza e se esqueceram de que a vida, no plano terrestre, passa muito rapidamente. Orgulhosos e prepotentes, seus líderes ignoraram os avisos dados pelos mentores espirituais de que a Terra passaria por transformações geológicas, provavelmente causadas pela queda de um meteoro gigante e que,



em conseqüência, Atlântida iria submergir no oceano. Era imperativo abandonar a ilha o mais rapidamente possível. Mas, em vez de orientarem a retirada da população, esses governantes ficaram acomodados com o luxo, o conforto, a riqueza e o poder, levando as pessoas a acreditarem que não havia motivos para preocupações e que haveria muito tempo para deixarem a cidade. No entanto, não tardou para que as previsões se confirmassem e a ilha fosse destruída da noite para o dia, submergindo no oceano. Nada mais restou. Apenas umas poucas pessoas se salvaram porque, ouvindo a voz interior e as recomendações feitas pelos guias espirituais, abandonaram a ilha a tempo e foram construir um novo lar em outras regiões. Alguns dos atlantes se dirigiram para o norte da Europa e outros, para a Suméria.

A tragédia poderia ter sido evitada se os líderes tivessem aceitado as recomendações dos orientadores especialmente preparados. Porém, eles optaram por ignorar tais avisos com medo de perder os privilégios que sua casta dominante lhes assegurava. Atualmente vivemos uma situação análoga em âmbito planetário, pois a elevada pressão exercida pela explosão populacional está levando as condições ambientais aos seus limites críticos, mas cegos pela paixão pelo aumento de riqueza e poder, os líderes não querem ouvir as advertências dos sábios. Assim, o acontecimento natural das transformações geológicas que atingiriam a Atlântida acabou sendo, para a maioria de sua população, um severo castigo como conseqüência da arrogância e da falta de humildade espiritual.

Apesar disso, a Luz, em sua grande sabedoria e Amor, deu a todos uma nova oportunidade por meio de reencarnações em outros corpos terrenos, em diferentes regiões. Mas, ainda assim, os seres humanos parecem não ter aprendido a lição e foram se deixando escravizar pelos prazeres terrenos, obscurecendo a visão ampla do sentido espiritual da vida, perdendo cada oportunidade ofertada, sem aproveitar

o tempo para construir uma nova realidade e utilizar adequadamente a Força por meio da vontade. Essas pessoas, espiritualmente indolentes, foram dando testemunho de seu erro, permitindo a infiltração de falsos conceitos, desvirtuando a pureza do saber sobre a Criação.

O desenvolvimento espiritual não se processa de forma homogênea e depende da sintonização individual. Na história da humanidade, os seres mais desenvolvidos sempre alcançaram as posições de comando. Essas pessoas deveriam agir sempre com nobreza, promovendo condições para o desenvolvimento espiritual dos mais lentos, não estabelecendo a sobreposição de classes, mas sim fomentando a consideração humana, eliminando a exploração e os abusos. No entanto, os dirigentes, em todas as épocas, se consideraram os donos do Planeta, esquecendo que o período de vida no corpo físico não representa a totalidade da vida e que as conseqüências de seus atos os aguardam onde quer que estejam. Então, deixaram de agir de forma natural, subjulgando as populações em benefício próprio. Esse processo se repetiu na Babilônia, na Grécia, no Egito e em Roma. Os seres humanos não souberam se preparar para o período das grandes transformações.

De tempos em tempos, seres iluminados são enviados à Terra para reavivar nas pessoas o correto entendimento sobre a vida. Jesus Cristo foi um deles, e veio para que a Luz pudesse, novamente, penetrar na Terra tão obscurecida pelos erros humanos, na tentativa de que, por meio dos ensinamentos recebidos, os indivíduos mudassem de sintonização, cumprindo sua tarefa na Criação para que não pudessem sob os severos efeitos do Final dos Tempos, quando teriam que prestar contas sobre o que lhes foi concedido. Mas a humanidade decaída permitiu que os ensinamentos claros e simples sobre a trajetória espiritual fossem desvirtuados.

No século XVI, época em que Annunziata viveu, verificou-se o surgimento de novas idéias e de descobertas que

estavam mais de acordo com as leis naturais da Criação. Foi um período propício a variados estudos e discussões, muitos dos quais eram realizados de forma oculta e restritos a sociedades secretas e fraternidades. Era necessário estudar às escondidas porque, em paralelo a essa efervescência investigativa e cultural, havia grande repressão exercida, sobretudo, pela Igreja, que não permitia a liberdade de expressão e muito menos questionamentos sobre os preceitos que apregoava. As pessoas que se guiavam pela própria intuição e contrariavam a ordem vigente eram consideradas inimigas e muitas delas chegaram a ser perseguidas pela Inquisição, torturadas e mortas.

Estudiosos mais ousados, no entanto, desafiaram o poder da Igreja e, apesar de toda a repressão, rebateram as incoerências referentes às explicações sobre a origem da vida que eram dadas pelos eclesiásticos de então. Eles queriam ajudar a humanidade, trazendo à tona assuntos considerados tabus e que mostravam as contradições dos conceitos que eram transmitidos à população. O que esses estudiosos pretendiam era propiciar a discussão sobre o futuro da humanidade, de forma a que cada indivíduo pudesse fazer a sua avaliação sobre o sentido da vida, as múltiplas encarnações e sobre várias outras questões, descortinando, assim, os caminhos que levariam à conquista da felicidade.

Apesar dos esforços desses seres humanos mais vigilantes no espírito, a humanidade pouco avançou nesse sentido. Com o decorrer dos séculos, deixou de ouvir a voz interior e intuição e, com isso, não recebeu o suprimento de energia necessário para se aproximar da Luz. Ao contrário, o indivíduo se afastou dela, distanciando-se do amor e, em consequência, a vida se tornou áspera e vazia. Passou a vigorar o conceito de que a morte é o fim de tudo. A humanidade se tornou egoísta e imediatista, reduzindo-se à condição de máquina sem conteúdo.

No século XXI, nos encontramos diante de nova fase de

transformações, de amplitude universal e que deveria trazer bênçãos e um maior nível de conscientização sobre a importância da vida em todas as suas manifestações. Porém as pessoas agem com base no seu raciocínio e se afastam, cada vez mais, da intuição, não conseguindo mais ouvir a voz interior. Com isso, lhes falta o amor verdadeiro e prevalecem sentimentos menos nobres, como o egoísmo e a cobiça, que invariavelmente conduzem a humanidade à destruição.

Para muitos seres humanos, que tinham em si o anseio pelo reconhecimento de Deus, foi dada a oportunidade para uma nova existência terrena nesta época, que alguns chamam de Fim dos Dias e que, mais acertadamente, deveria ser designada como Fim dos Tempos, ou seja, dos tempos concedidos ao espírito humano para a sua evolução. Mais do que nunca é preciso repensar atitudes e direcionar a atenção para a espiritualidade. Só assim será possível construir um futuro melhor.

No século XXI, vivemos o terrível impacto da falta de educação. Nos países atrasados, a população vai se tornando inculta, incapaz de entender o que lê. Nos países desenvolvidos, a educação se tornou puramente voltada para o materialismo, para a obtenção de ganhos. Cada vez mais os seres humanos se distanciam da sua tarefa na Criação, não querendo executá-la. As correntes de força foram tripudiadas, mas conduzem agora para a inevitável confusão, dada a eclosão dos efeitos provocados em sua automática atuação.

## A reunião da Liga

Annunziata sabia que deveria registrar as suas visões e percepções para que fossem transmitidas aos seres humanos como advertência e orientação. Nem por isso sentia-se superior aos demais. Pelo contrário, retraía-se pelo temor de ser mal interpretada na manifestação de seu dom e escrevia às escondidas. Essa habilidade, muitas vezes uma sina, regularmente a atingia na forma de pensamentos incompreendidos que torturavam sua mente e a remetiam a uma dolorosa viagem no espaço e no tempo, observando sofrimentos e miséria. Quando escrevia, se curvava acometida por forte tristeza e nostalgia, e concebia palavras que desbravavam o futuro ou desmascaravam o passado, muitas vezes, como rabiscos disformes que não podiam nem sequer ser chamados de escrita. Eram borrões, assim como as imagens difusas que surgiam em sua mente.

Sua visão a levava a um mundo distante que pouco compreendia, até porque pertencia a uma humanidade esquecida dos ensinamentos Divinos. Era um povo sem ouvidos para ouvir nem olhos para ver. Ela sabia tratar-se de um tempo em que se esgotava a chance do ser humano de elevar-se em busca da Luz do Criador que levaria todos os seres para o fim a que se destinavam: o fortalecimento e a salvação do espírito para não cair nas profundezas das trevas.

Sua vidência descortinava uma reunião de poderosos, muitos deles envolvidos pelas sombras que costumam se enamorar da decadência proveniente de ações egoístas e impensadas. Ela orava para que uma Força Maior penetrasse aquela Terra obscurecida pelos erros humanos. Orava também para que os valores modestamente descritos nas palavras, das quais era mensageira, chegasse às mãos de um homem bom e digno. Ela fechava os olhos e sonhava.

Século XXI: Paris, França, 8h30 da manhã. Ele acordou sobressaltado de seu breve descanso. Breve, principalmente, pela aceleração do tempo que fustiga uma mente inquieta que almeja a renovação necessária do ser humano. “Pouco tempo”, seu pensamento não se referia ao sonho.

“Resta pouco tempo”, insistia sua mente. O sonho havia se repetido. Uma figura feminina — nem jovem nem velha — soerguia-se de uma multidão desesperada com braço estendido como um estandarte em cujo topo uma página branca, cheia de rabiscos, tremulava tal qual uma bandeira da paz em meio a um campo de guerra. Era ela de novo. Os sonhos se alternavam, mas ainda era ela: a andarilha nas trilhas do seu inconsciente. Mas a mente domina a intuição, arrastando os pensamentos a faixas vibratórias que permitem a recepção de mensagens confusas e desordenadas. Ele precisava manter limpo o foco dos pensamentos para captar o significado.

De pé, ele se perguntava o que aquela mulher queria lhe dizer. No espelho, ele observava seu reflexo cansado como o do Planeta esgotado por problemas econômicos, políticos, ambientais e ecológicos. “Henrique Zaion”, ele dizia a si próprio, “você já não é mais o mesmo”. Ainda assim era líder e, como tal, consciente de suas obrigações. Preparava-se para mais uma reunião, daquelas vazias de intenções, em que era esquecida a principal urgência de uma civilização que preza o futuro: a renovação de atitudes com base na

espiritualidade.

Zaion e outros líderes chegavam ao Centro Mundial das Convenções (CMC), vindos de todos os cantos do Planeta. No elevador estava Giorgio Dark, o mestre de cerimônias e outros líderes. Zaion teve que presenciar aquela desagradável cena de palavras bajuladoras pronunciadas por Dark aos seus pares. Os aduladores, infelizmente, sempre conseguem alcançar seus objetivos interesseiros, lisonjeando os poderosos, os quais se deixam envolver pelos elogios e logo simpatizando com quem os faz. A campanha soou, a porta se abriu e o Master pôde, finalmente, respirar livremente.

Anualmente, os líderes mundiais de todos os continentes se reuniam, cada vez em um país diferente, para discutir e analisar as questões de interesse mundial. Dessa vez, a cidade escolhida foi Paris. Os líderes sentavam-se em mesas dispostas em formato de ferradura que guardava, ao centro, uma mesa principal, reservada aos dirigentes máximos e ao mestre de cerimônias, encarregado de ser o porta-voz desses encontros. A razão alegada para tais reuniões era a de examinar os rumos da sociedade, mas a real intenção era encontrar subterfúgios para mantê-la sob controle.

O salão onde se realizava o evento era revestido de madeira clara, provavelmente usurpada da floresta amazônica. Na parede, um painel exibia, em alto relevo, terras e mares de todos os continentes, protegidos por uma moldura dourada que parecia estar ali como que afirmando o pensamento da maioria dos líderes presentes: “Esse é o nosso território, daqui zelaremos para que nada se anteponha aos nossos objetivos”. Aos olhos de Zaion, o painel trazia outra interpretação. O contorno era do ouro que corrompia e regia interesses rasteiros de uma sociedade sem escrúpulos.

Dark, o mestre de cerimônias, de estatura mediana, traços duros tais como de uma rocha impenetrável ao sofrimento alheio, pediu a palavra e, após um breve cumprimento aos convidados, solicitou reduzir a claridade do ambiente

para a projeção de um filme preparado especialmente para a ocasião.

As imagens se sucederam sem preâmbulos, mostrando uma terra devassada pela desgraça, vítima do aquecimento global e da destruição. O verde das florestas percia nas cinzas que restavam das chamas que destruíam e flamejavam, mesclando-se ao vermelho da cena seguinte, em que sangue jorrava da matança indiscriminada de baleias e golfinhos. Homens insensatos eram retratados em atitudes desmedidas, em consequência de desordens políticas, sociais e econômicas. A essas cenas se sobrepunham outras em que doentes gemiam e sofriam diante da incapacidade de atendimento em hospitais relegados ao descuido. Em seguida, viam-se prisões que cuspiam a violência gerada pela superpopulação carcerária. O filme continuava mostrando outros acontecimentos terríveis, tais como a matança de diferentes espécies de aves, por estarem contaminadas por um novo vírus. Tal fato poderia comprometer seriamente e até acabar com uma das mais importantes fontes de alimentação de milhões de pessoas em todo o mundo. Em outro momento, o mesmo vírus prometia ganhar força, batizar-se de H5N1 e causar um colapso mundial por passar a contaminar também os seres humanos. Em outra região da Terra, o efeito estufa chegava aos limites e as estatísticas anunciavam a destruição gradual da camada de ozônio.

\*

Em outro tempo e espaço, entretida com os afazeres domésticos em sua humilde casa naquela manhã de sol, em Nola, Annunziata sentiu, de repente, dificuldade em respirar. Em questão de segundos, sua mente passou a ser castigada pelas imagens que surgiam disformes. Correu para a velha escrivaninha, pegou seu caderno e começou a rabiscar as paredes brancas daquele papel, no qual tentava construir



um alicerce coerente para aquelas visões. Por um momento sentiu que não conseguia falar. Suas palavras eram sufocadas pela queima de um líquido inflamável, cuja fumaça ganhava os céus e destruía o ar que a humanidade tanto necessitava. Ela via lavouras serem dizimadas pelo calor. Sua testa gotejava um suor frio. Em seguida, via a imagem de um grande bloco de gelo se desprepar das geleiras e seguir rumo ao mar, elevando as marés e avançando em ondas de calamidade sobre a terra. Em outro momento, era a visão precária de um povo castigado pela seca e capaz de atos desesperados para não morrer de sede. Ela balançava a cabeça, inconformada.

\*

Na reunião do CMC, em Paris, Zaion não podia acreditar que fossem reais as imagens daquele filme abominável. A seca na Somália ameaçava centenas de milhares de pessoas. A cena mostrava algumas delas bebendo a própria urina para não morrer de sede. O leste da África, igualmente ameaçado pela devassidão daquele inferno a céu aberto, estendia a aridez incontrolável sobre o Quênia, a Etiópia, a Eritreia, a Tanzânia e o Burundi. Ao mesmo tempo, em outro canto do planeta, uma chuva torrencial provocava um deslizamento de terra em um vilarejo nas Filipinas, e a lama, tal como manto funesto, cobria milhares de vítimas, deixando-as soterradas.

O filme seguia com imagens de um rio na cidade de Harbin, na China, contaminado por vazamento tóxico de uma indústria química. Seu leito envenenado deixava quase quatro milhões de moradores sem ter o que beber, aguardando a chegada de suprimentos. A contaminação das águas prometia chegar à Rússia em poucas semanas. O dióxido de carbono, resultante da queima de combustíveis fósseis usados na indústria, nos transportes e nos sistemas de aqueci-

mento de casas, mostrava-se como o principal responsável pelo descontrole atmosférico, capaz de gerar ondas de calor devastadoras, secas, enchentes e a elevação do nível dos oceanos.

Zaion sentiu uma forte vertigem. Num rápido momento de inconsciência, ouviu a voz de uma mulher e um nome. Em Nola, no século XVI, Annunziata gritava: “Giordano Bruno”. Em Paris, as luzes se acenderam no salão do CMC. O mestre de cerimônias pediu a palavra:

— Líderes, essa é uma amostra dos eventos que estão se tornando freqüentes em todo o Planeta. A cobertura de gelo da Antártida, por exemplo, está derretendo de forma assustadora e já se percebe a elevação do nível do mar. Até quando esse e outros fatos passarão despercebidos não sabemos prever, mas o aquecimento global representa a maior ameaça à humanidade.

— Que novidade! —, brada Zaion, de forma impetuosa, mas sua interferência é propositadamente ignorada pelo mestre de cerimônias.

— Até o final dos anos 70 — prosseguiu o porta-voz, sem dar importância ao sarcasmo daquele que nunca apreciou — os seres humanos tinham a esperança de obter o enriquecimento que lhes propiciasse uma vida amena e saudável, mas logo após veio um período de estagnação ao qual se seguiu um processo de regressão continuada e crescente, provocando o empobrecimento da população. Os Estados fazem gastos desmedidos, a maioria das nações não se preocupa em beneficiar a população e enche-se de dívidas. Empresas tradicionais são fechadas. Empregos desaparecem. Desestrutura-se o comércio. O homem está desanimado. É preciso fazer algo.

O burburinho toma conta do salão. Na mente de Zaion, um nome domina seus pensamentos: Giordano Bruno. O que esse famoso filósofo do século XVI teria a ver com aquilo tudo?

O mestre de cerimônias prosseguiu:

— Acontecimentos escapam ao nosso controle. Muitos poderão perecer. O desemprego aumentou muito em quase todos os países. Torna-se necessário manter a massa distraída antes que a culpa das calamidades recaia sobre nós.

Os líderes presentes se agitaram. Zaion sentia o coração temeroso pelo que estava por vir, pois no mundo materialista em que vivemos as janelas se vão fechando. Cada vez há menos possibilidade para que o ser humano possa atuar com a intuição. Tudo se torna rígido, mecânico, sem que a essência do ser humano consiga se manifestar livremente.

A reunião foi interrompida para um breve intervalo com pequeno lanche. Zaion apressou-se em falar com Drake, perguntando por que não havia sido feita nenhuma menção ao estudo do Hadley Centre prevendo que severas secas castigarão metade da superfície do Planeta.

— Qual o seu interesse nisso? — foi a resposta.

Zaion, que bem conhecia a astúcia de Drake, respondeu com outra pergunta:

— O que você acha? —, pois Drake poderia estar especulando, forçando Zaion a abrir o jogo.

— Bem, penso que não seja uma coisa tão crítica que deva ser mencionada, pois notícias que se refiram à produção de alimentos sempre despertam muita inquietação.

Zaion ficou pensando como são perigosos esses elementos e, indignado, falou:

— Não é uma coisa crítica? As condições de seca extrema prevalecerão em um terço do planeta tornando impossível a agricultura.

— Isso ainda não está comprovado meu caro. Por que haveríamos de antecipar os problemas? —, retrucou Drake. — Mas vejam, temos que voltar ao salão, já estou sendo chamado.

Reiniciada a reunião, Drake prosseguiu seus esclarecimentos tentando apaziguar os acalorados debates.

— Nossos líderes intelectuais — continuou o porta-voz — recomendam que se atribua às forças satânicas e seus servidores, que há vários séculos estão desviando os seres humanos de uma vida espiritualizada, a responsabilidade pelas catástrofes que estão ocorrendo no mundo.

A audiência se agitou. Zaion trocou olhares cúmplices com alguns dos líderes ali presentes e que, assim como ele, pertenciam a uma sociedade secreta, denominada Fraternidade Ametista.

— Afinal — prosseguiu o porta-voz — não se preocupem, meus amigos. Já foi elaborado um plano de comunicação que, certamente, levará a massa a acreditar que não há salvação, e que muitos perecerão porque foram enganados pelo inimigo satânico. Assim, quando as catástrofes ainda mais devastadoras começarem a ocorrer, a massa estará formada.

— Será suficiente esse projeto? —, perguntou um dos Líderes.

— A opinião dos especialistas é de que os seres humanos não querem ter sérias preocupações sobre a vida, buscando explicações que os poupem do esforço do pensamento. O maior interesse deles é pela comida e pela diversão. Se ficarem assustados e temerosos acreditarão em qualquer coisa. Ademais, já haviam aceitado, uma vez, a absurda explicação de que o Criador havia mandado Seu Filho para ser escarnejado e trucidado como meio de reconciliação com a humanidade.

— De fato — concordou o interpelante. — Até hoje não se fez o uso da mais elementar lógica para compreender isso.

A maioria dos presentes achou a solução acertada. Dessa forma poderiam continuar desfrutando tranqüilamente todas as benesses do poder, sem vestígio de remorso ou preocupação com o futuro. Ao ver tudo isso, Zaion refletia que os seres se afastaram da realidade da vida e, agora,

perdidos no mundo, não querem saber de nada mais profundo.

Um dos líderes, novo elemento nessa reunião, interrogou:

— E sobre o manuscrito da vidente de Nola?

— Sim, já ouvimos falar dessa peça estranha — respondeu o porta-voz, — e pelo que apuramos, trata-se de documento sem valor, atribuído a uma maluca que viveu no século XVI.

— Pois sabe-se — prosseguiu o novato — que aquele documento continha importantes revelações sobre os caminhos errados que a humanidade estava trilhando, e que a vidente Annunziata Campobianco escondeu seus escritos após ser perseguida pela Inquisição...

— Bobagem — desdenhou o porta-voz, — nós somos os condutores e sempre soubemos o que deve ser feito sem a interferência de estranhos.

— Foi perseguida pela Inquisição — continuou o novato, — quando divulgou seus dons premonitórios na tentativa de avisar o filósofo Giordano Bruno quanto ao perigo que corria e...

— Basta — interrompeu violentamente o mestre de cerimônias, — já demos determinações ao nosso pessoal da Inteligência para que descubram o paradeiro desse documento e o destruam imediatamente, antes que possa causar maiores e desnecessárias inquietações.

Com um gesto de desprezo, cerrou o punho e deu um soco na mesa sinalizando um ponto final à questão, pois não era do seu interesse que a população se tornasse mais consciente, mais ativa em suas análises. Enfim, que pensasse com independência.

“Giordano Bruno, Giordano Bruno”, repetia Zaion, ao mesmo tempo indagava mentalmente: Que futuro aguarda as novas gerações que viverão na Terra? Com as alterações climáticas em curso, o meio ambiente como um todo cami-

nha para a destruição sem que se tenha uma nítida consciência da situação. Fatalmente haverá uma regressão. É preciso reunir a Fraternidade ainda hoje e trazer para o grupo esse novo líder, que falou sobre esse manuscrito. Tenho certeza de que ele irá nos revelar informações importantes e, quem sabe, até sobre a tal vidente, a vidente de Nola.

\*

A sincronia de pensamentos e a misteriosa conexão entre Annunziata e Zaion se manifestava de forma cada vez mais intensa, ainda que ambos vivessem em países e em épocas completamente diferentes. Na sua cozinha, enquanto preparava o almoço, Annunziata subitamente se lembrou da premonição que tivera dias antes sobre um ex-padre e pensou: “Eu preciso alertar Giordano Bruno”. Voltou-se para o avô que estava sentado à mesa, ajudando-a a cortar alguns legumes, e disse:

— *Nonno*, assim como Copérnico sofreu muito por temer a repressão religiosa e não revelou seus estudos sobre a Terra girando em torno do Sol, ou como Galileu, que precisou explicar à Inquisição sobre as idéias de Copérnico, menos sorte terá Giordano Bruno. É preciso alertá-lo. Eu tenho que fazer alguma coisa. Mas o quê? —, perguntou a vidente, deixando seu avô visivelmente preocupado.

## A Fraternidade Ametista

*A vós, criaturas humanas, é dado o insaciável anseio pelo reconhecimento de Deus; está inculcado em vós para que não possais encontrar sossego algum nas vossas peregrinações através da Criação posterior, que vos são permitidas realizar com a finalidade de vosso desenvolvimento, a fim de que, tornando-vos conscientes, aprendais, cheios de gratidão, a usufruir as bênçãos que os Universos encerram.*

(*Na luz da Verdade — Mensagem do Graal*, de Abdruschin, dissertação “O Reconhecimento de Deus”)

Não se tratava exatamente de uma entidade formalizada, mas sim de um pequeno grupo composto por pessoas de diferentes países, dotadas de nobreza de alma e unidas por um mesmo ideal. Assim era a Fraternidade Ametista, criada há muitos séculos e que reunia conhecimentos de todas as civilizações passadas, e também informações sigilosas que haviam sido coletadas por outras sociedades esotéricas, igualmente interessadas no progresso espiritual da humanidade. Henrique Zaion, mais conhecido como Master e assim chamado pelos companheiros da Fraternidade, havia atraído, por meio de sua sincera preocupação com os seres humanos, amigos de diversas procedências, que dele se aproximaram por sua bondade contagiante e por compartilhar de opiniões sobre o abuso dos Líderes, cujas ações

interferiam na visão clara da humanidade sobre assuntos importantes da existência humana.

Entre os membros da Fraternidade havia alguns que se destacavam por apresentar capacidades intuitivas mais desenvolvidas. Também havia no grupo pessoas que não possuíam tais dons, mas eram dotadas de grande inteligência e de um forte sentimento de benevolência por seus semelhantes. Todos eram conscientes das múltiplas reencarnações e da necessidade de essas ocorrerem para, com isso, fortalecer o espírito, fato que foi habilmente ocultado e camuflado durante séculos, causando enorme prejuízo para a evolução espiritual da humanidade.

Os membros da Fraternidade Ametista percebiam como a vida dos seres humanos transcorria apagada, sem as cores da alegria e do anseio pelo contínuo aprimoramento. Procedimentos errôneos passaram a ser considerados aceitáveis. O tempo de lazer, na maioria gasto com futilidades, segue exemplo de modelos de comportamento impingidos pela mídia. Para os rapazes, o futebol tornou-se palco de exibição de fortunas rápidas e inconseqüência amorosa. As meninas, de sua parte, ficam pensando que basta serem fisicamente atraentes. Ambos esquecem que precisam ler mais e estudar, para desenvolverem um raciocínio lúcido e claro. Mas isso não é de grande interesse para uma sociedade preocupada apenas em controlar o comportamento e ampliar a massa de consumidores.

Na vida moderna, os jovens estão sendo direcionados, desde cedo, para a prática da atividade sexual. Não haveria nada de errado nisso, pois a sexualidade é um atributo do corpo adulto e faz parte da natureza terrena do ser humano. Mas alguns aspectos devem ser levados em consideração. Não se deve negar nem constranger o impulso sexual, porque isso contraria um processo natural. De outra parte, exacerbá-lo e colocá-lo como ápice da felicidade também não é atitude correta, na medida em que limita o ser humano à



sua existência terrena, que é transitória. Seria uma forma de enclausurar o espírito e concentrar todo o sentido da existência apenas no corpo material, que é perecível. Sem uma sólida base espiritual, decepcionados com a aspereza do mundo, muitos jovens resvalam para o vício, o ócio ou para a revolta incontrolável contra tudo e contra todos, sem compreender o significado da vida, desvalorizando-a a ponto de destruírem a si mesmos.

No passado, muitas profecias tentavam alertar a humanidade para que abandonasse essa atitude e se voltasse novamente para o enriquecimento espiritual, passando, com isso, a agir como peregrinos em busca da Luz. Mas apesar de o sentimento do sagrado sempre estar presente no íntimo das pessoas, a busca pelo crescimento interior foi por diversas vezes deturpado e contido pelas diferentes religiões e por seus sacerdotes que, na tentativa de fortalecer os dogmas, impuseram regras rígidas aos seus seguidores. Com isso, muitas pessoas foram perdendo o interesse pela religião e passaram a buscar refúgio nas ideologias reformadoras do Estado, cujo foco está voltado apenas para os aspectos puramente racionais e materiais.

Os governos organizaram os sistemas econômicos de forma a fortalecer o poder das companhias privadas e estatais, mas mantiveram o poder das decisões sobre os rumos a serem seguidos. Assim, paulatinamente, os questionamentos sobre a vida e as confrontações ideológicas foram sendo eliminados. A sociedade foi sendo conduzida de forma a concentrar o poder nas mãos de algumas lideranças, e a grande maioria da população, conformada com o sistema vigente, se afastou dos valores importantes como o Amor, a espiritualidade e a Verdade.

Essa forma de agir e de pensar resultou na deterioração do meio ambiente, na explosão demográfica, na proliferação de falsos profetas e de novas “religiões” que também se interpõem entre o Criador e Suas criaturas, e numa série

de outros fatores que, se não forem corrigidos, poderão comprometer seriamente a continuidade da vida humana. Somente por meio do reconhecimento e do respeito às leis naturais da Criação será possível construir um futuro alegre, de paz e harmonia. Mas, em vez disso, as pessoas cada vez mais se deixam seduzir pela mágica do dinheiro. A busca pela riqueza material passou a ser o objetivo de grande parte da humanidade, que já não mede conseqüências para alcançá-lo, passando por cima de tudo e de todos. Com isso, nossos recursos naturais estão sendo esgotados e chegando próximos ao limite. A biodiversidade do planeta está em perigo, e se nada for feito para impedir o avanço da exploração dos recursos naturais e das constantes agressões ao meio ambiente, a vida na Terra poderá ser extinta em pouco tempo.

Todas essas questões eram observadas pelos membros da Fraternidade Ametista e discutidas nas reuniões que aconteciam com certa regularidade, cada vez em um país diferente. O grupo havia adotado como prática realizar os encontros na residência de cada um dos membros, de forma alternada, para minimizar os riscos de serem descobertos. Havia pessoas que moravam em países da Europa, nas Américas, na Ásia e na África e, dessa forma, a troca de experiências e de conhecimentos era muito rica e abrangente. Esse pequeno grupo, formado por poucos integrantes, percebia o enorme perigo que pairava sobre a humanidade e estava decidido a tomar providências para reverter o processo de destruição do Planeta.

A figura mais carismática da Fraternidade, sem dúvida alguma, era Henrique Zaion, o Master. Possuidor de um corpo atlético, resultante de anos de natação — esporte que praticava desde a infância e que, na fase adulta, sempre o ajudava a relaxar depois do trabalho —, Zaion chamava a atenção não tanto pela beleza física, mas sobretudo pela sua postura austera e pela forma gentil com que costumava se

dirigir às pessoas. Dono de uma inteligência arguta e acima da média e de um elevado nível cultural, o Master tinha a calma e a sabedoria de quem já passou por muitas vidas. Estranhamente sua mãe já pressentira que ele seria uma pessoa especial enquanto ainda estava em seu ventre.

Rebecca Guardia era descendente de uma família italiana que se mudou para o Brasil no início do século XIX e fez fortuna com o cultivo e a comercialização do café. Essa condição de riqueza permitiu a ela estudar em bons colégios, freqüentados pelas elites e onde conheceu seu futuro marido, Gabriel Henry Zaion, que anos mais tarde se tornaria diplomata e a levaria a conhecer e a viver em várias capitais do mundo. Eles se amavam profundamente e seu maior desejo era ter um filho. Apesar da sua formação religiosa tradicional, Rebecca possuía uma alma delicada e sintonizada com o Cosmos. Ela queria muito gerar um herdeiro para seu amado esposo, mas ao mesmo tempo cultivava certo temor inexplicável. Em seu íntimo, Rebecca sabia que a maternidade não é a finalidade máxima da mulher na Criação, ainda que esse conceito lhe tivesse sido transmitido por sua mãe e reforçado pela religião. Isso a levava a orar muito e a pedir, em suas orações, que lhe fosse concedido um filho, e que também lhe fosse dado discernimento para poder criá-lo com todo o carinho, mas sem mimá-lo em demasia e nem prendê-lo para si. Ela ansiava que seu filho se tornasse um homem digno, capaz de ser útil à sociedade e que cumprisse livremente o seu destino.

Não tardou para que suas preces fossem atendidas. Ao engravidar, Rebecca sentiu uma imensa alegria e também um enorme senso de responsabilidade. Ela mantinha uma permanente vigília espiritual, meditando e orando constantemente para que aquele novo ser que estava em formação abrigasse uma boa alma e que nenhum mal pudesse corrompê-la. Sentindo essas vibrações positivas, o espírito de Master, que já tivera várias encarnações na Terra, se aproximou e se ani-

nhou naquele pequeno corpo em desenvolvimento. Durante o período de gestação, Rebecca teve sua intuição reavivada e um grande sentimento de paz e serenidade a invadiu. Henrique nasceu saudável, de parto natural, e aprendeu com seus pais a desenvolver o intelecto e também os valores espirituais, e a dedicar consideração para com todos os seres vivos, além de sentir um profundo amor e respeito pela Natureza. Mas grande parte do seu conhecimento interior foi adquirido em vidas passadas, embora não fosse capaz de se lembrar dessas existências.

## Fortaleza bela

A última Reunião da Liga dos Líderes trouxe a certeza de que os “espiritualmente preguiçosos” são tratados como um rebanho humano enganado por falsas ilusões. Viu-se que, ali, são fortalecidos os péssimos valores do poder e da influência, em detrimento do sublime enlevo do próprio pensar e da análise independente, que deveriam ser incentivados como canais de conexão com o Grande Criador.

A Fraternidade Ametista vira repetir naquele infundado encontro de líderes mundiais a mesma postura egoísta que chegara ao ponto de clamar a urgência de uma ação. Era preciso que membros espiritualizados, ligados pela Fé Maior, se encontrassem, buscassem soluções e que trouxessem para o seio dessa sociedade iluminada aquele que despertara a inquietação no último encontro da Liga e a atenção de Henrique Zaion, por suas observações sobre os escritos da vidente de Nola. Carlo Arnaboldi era seu nome. “É preciso agregá-lo ao grupo”, intuiu o Master, que determinou o Brasil como destino da reunião urgente da Fraternidade.

A escolha recaiu sobre a cidade de Fortaleza, no Ceará, que, além de oferecer ao viajante fatigado a energização proveniente de suas maravilhosas praias, não poderia ser opção mais acertada. Sua beleza geográfica, somada aos confortos

modernos, confere à capital do Estado cearense o equilíbrio entre ambiente harmonioso e facilidades tecnológicas necessárias à reunião.

A apenas 3°.38' graus ao sul da linha equatorial, a cidade é presenteada por um clima quente e seco, mais ameno nos meses de junho a setembro. O traçado reto de seu desenho urbano, composto por largas avenidas, oferece luminosidade especial a seus espaços abertos. Plana e banhada pelo Oceano Atlântico, suas praias paradisíacas são cercadas de falésias que servem como mirantes naturais.

A arquitetura antiga também pode ser admirada nos bem preservados monumentos, dentre os quais se destaca o Forte de Nossa Senhora da Assunção, fundado em 1649 pelos holandeses com a denominação de Forte Schoonenborck. Esse belo patrimônio do século XV confere à cidade uma aura nostálgica, de um tempo que parece muito distante do caos gerado pelo descuido espiritual. Tomado pelos portugueses, em 1654, o Forte recebeu outro nome, mas a cidade se tornaria conhecida como Fortaleza.

O relevo da cidade de Fortaleza destaca as dunas, desde as de Sabiaguaba, a leste, passando pelas da Praia do Futuro, do Mucuripe, até a Barra do Ceará, a oeste. Antigamente, passageiros e tripulantes podiam admirar, de navios, barcos e jangadas essas formações arenosas de rara beleza. Hoje, não é diferente: a cidade ainda encanta quem se aproxima dela pelo mar e oferece a mesma magia para quem chega por terra ou ar.

O grupo não teve outro sentimento e encantou-se com a localidade ao primeiro contato. Em uma belíssima praia a leste, conforme previamente combinado, encontraram-se os participantes da Fraternidade Ametista que chegavam do aeroporto, um a um, incluindo o tão esperado líder italiano. O dia trazia um sol nascente propício a um passeio pela orla. O mar brilhante convidava a um banho regenerador de energia em águas límpidas. Sentindo-se como um grão

de areia na imensidão, o grupo, após um mergulho, levantou os braços aos céus e todos juntos fizeram uma saudação ao Sol por meio de uma prece: “Senhor, Criador de Todos os Mundos, a Ti pertencemos. Somos gratos pelo Sol que nos aquece e por tudo que recebemos por meio da atividade de Tua Criação. Fortalece-nos e aceita nosso agradecimento pelo dom da vida”.

Olhando para o mar e para o céu, Zaion pensou como é belo o Planeta que nos acolhe como hóspedes. Como podem os seres humanos sujar e depredar maravilhas que possibilitam a vida, em vez de, com alegria e gratidão, proteger a natureza? Não era sua primeira visita a Fortaleza e, infelizmente, percebia agora sinais de fraqueza na cidade.

É evidente a atual carência de emprego. Problemas de saneamento básico despontam por ações descontroladas e falta de investimentos. A violência mostra sua pior face, incentivada por um crescente turismo sexual. Zaion lera que a prostituição representava problema crescente entre meninas adolescentes, alvo de estrangeiros em busca do sexo inconseqüente. Segundo estudiosos, a perspectiva de vida desse segmento passou a ser extremamente reduzida — as meninas não chegariam a trinta anos de idade. “Inconformável”, lamentava-se o Master.

Má alimentação, problemas pessoais e despreparo para a vida foram apontados como razões para a saúde debilitada dessas jovens que acabavam por contrair o papiloma vírus (HPV). No formato de herpes, esse vírus se manifesta no nervo intercostal com bolhas e ardência; nos lábios, sob forma de bolhas, e nos genitais provoca a formação de verrugas ou se instala no colo do útero, predispondo ao câncer. As meninas, descuidadas, tendem a definhar precocemente.

Durante o almoço, sua mente ainda vagava sobre esse brutal quadro da juventude brasileira. Entre garfadas de uma refeição típica de um lar cearense, Zaion pensava no despreparo das novas gerações, vítimas de um ensino deficiente.

A fé verdadeira, aquela que conduz ao reconhecimento de Deus, e que possibilita real felicidade e paz, é menosprezada. “Em breve” — ele previa em pensamento — “esse descuido levará a essência humana à lata de lixo”.

O interesse da Liga dos Líderes em focar um ou mais culpados, envolto por forças satânicas, ao mesmo tempo formador de opiniões, parecia ameaçar ainda mais os caminhos a serem trilhados pela humanidade. Isso significava desviar a atenção dos focos verdadeiros.

Tão logo foi servido o café, após o almoço, os membros ametistas reuniram-se para conversar sobre a terrível pauta do encontro, lembrado ardentemente pelas palavras de Ivan Ruiz, líder espanhol, que na vivacidade de seu sangue ibérico gesticulava inconformado:

— É evidente o desinteresse dos líderes quanto ao destino da humanidade, desde que os seus objetivos egocêntricos e a manutenção do poder sejam atendidos.

— Há muitos séculos — Zaion interferiu pontualmente — a compreensão do real significado da vida tem sido distorcida em razão do aumento de proveitos pessoais. Desconhecendo o real significado da vida, seres humanos estão se ferindo mutuamente por sentimentos, pensamentos, palavras e, com certeza, poderão destruir-se mutuamente se não efetuarem uma mudança de rumos em busca da vida real.

— E a manipulação dos meios de comunicação não colabora —, acrescentou nervosamente o espanhol.

O líder brasileiro, Thomás Ferreira, ainda observou:

— O Ministro da Cultura do meu país destacou, em recente entrevista, o absolutismo consentido com que trabalha a mídia que tudo pode: pode dizer e desdizer, sem que haja reações. Mas o que acho grave é o fato de serem apagadas da memória coletiva as informações que a massa não precisa ficar sabendo. A realidade não pode apresentar-se apenas como forma de atender a interesses egoístas.

O francês Jean-Baptiste Louber acrescentou:



— Nem tudo está perdido. Alguns formadores de opinião estão realmente preocupados. O jornal *The Observer* informou que há um laudo secreto indicando estratégias para enfrentamento das mudanças e faz advertências quanto às alterações climáticas em andamento, conflitos nucleares, secas, fome e muitos tumultos que ocorrerão ao redor do mundo em decorrência da escassez de suprimentos básicos. A alteração do clima com o aumento das temperaturas poderá levar o mundo para o caos e a anarquia pela falta de alimentos, água e energia. Além do aumento dos atos terroristas, paira também essa ameaça à estabilidade global.

— A mesma atenção ao tema foi oferecida por revista semanal de grande circulação no Brasil —, disse Ferreira.

Henrique Zaion prosseguiu:

— A fatalidade é banalizada. Conteúdos verdadeiramente informativos deveriam prevalecer àqueles que contribuem para deixar as pessoas deprimidas, descontentes, assustadas e reclamando de tudo.

— Esses se tornam os eternos descontentes —, disse Jean-Baptiste. — Jogam fora o precioso tempo que receberam em seu corpo terreno.

— A sociedade humana está agindo como avestruz que enfia a cabeça no buraco para não ver o perigo —, concluiu o brasileiro.

— Acredito nisso mesmo, prezados amigos — falou o Master, — mas é provável que essas pessoas tenham a alma sobrecarregada, o que as impede de se ligarem com a natural alegria de viver e reconhecer que a situação atual é fruto da indolência espiritual. O conceito da vida única se tornou dominante, as pessoas são levadas a acreditar que a morte seja o ponto final da vida, mas, inconscientemente, seu íntimo não aceita isso.

— De fato — acrescentou o francês. — Do jeito como vão as coisas, em pouco tempo será impossível viver normalmente no Planeta. As pessoas estão irritadas.

— Tudo está cada vez mais difícil de resolver — prosseguiu o brasileiro, — agravado pelo desinteresse das pessoas e pela sensação do tempo em aceleração tendendo para um limite final.

O Master prosseguiu em seu raciocínio:

— O problema é que a ciência deveria caminhar ao lado da humanidade, auxiliando-a na compreensão da Criação e suas leis, coisa que não ocorre. A investigação do significado da vida impõe que cientistas desçam do pedestal e observem a grandiosidade da existência do espírito.

— Mas é compreensível que a ciência esteja afastada das religiões — interferiu Jean-Baptiste, — existe uma rigidez dogmática para explicar a criação do ser humano. As religiões têm oferecido “verdades” que pretendem sejam perenes, mas os cientistas indagam como acreditar num Criador diferente para cada religião? Imutáveis, porém, são apenas as leis da Criação que atuam uniformemente. — E continuou: — Para o físico Albert Einstein, as leis do Universo eram uma manifestação do Plano Divino. A criação dos universos foi regida por leis simples, eternas e imutáveis, assim como na matemática, e o único caminho para a sua descoberta é o da intuição. Essas ponderações de Einstein não foram bem acolhidas pelo pragmatismo da comunidade científica, que se orientava, prioritariamente, pelo raciocínio, que só aceita as evidências objetivas. Einstein apenas não percebeu que a grande variável, no processo, esconde-se no exercício do livre arbítrio inerente do ser humano.

Então foi a vez de o italiano falar:

— Estamos necessitando de um novo Giordano Bruno.

— Giordano Bruno — pensou Henrique Zaion. O nome do filósofo surgira novamente nessa sua caminhada libertadora da desordem espiritual e trazia indícios de uma intuição mais aguçada na direção de um alvo elevado.

\*

Em Nola, no século XVI, Giordano Bruno também era o tema central de outra conversa. Annunziata diz a seu *nonno* que decidira encontrar-se com o filósofo, pois precisava preveni-lo dos torturantes caminhos de seu destino. Ele seria usado para infundir, nos seres humanos, o medo para que não ousassem desafiar os poderosos. Annunziata não sabia que um grupo de moradores de Nola, que consideravam a vidência uma forma de feitiçaria, ouvira falar de reuniões secretas de *Nonno* Giovanni, e seguia rumo ao lar dos Campobianco com o propósito de pôr fim aos hábitos que, para mentes despreparadas, eram considerados rituais de bruxaria.

## O Manuscrito de Nola

Henrique Zaion sentiu um mal-estar ao ouvir de Carlo Arnaboldi o nome de Giordano Bruno. Em seu íntimo, sentia forte apreensão, como se precisasse alertar alguém sobre um perigo iminente. A figura daquela moça, que até então freqüentava somente seus sonhos, era agora visita constante em seus pensamentos quando fechava os olhos.

— Giordano Bruno — prosseguiu o italiano — era um filósofo que não desprezava a razão e sentia-se dono de seu próprio destino. A humanidade precisa de alguém como ele para ensinar a importância de readquirir o livre direito da expressão sobre a vida, fazendo livre-associação de idéias e fatos.

Arnaboldi acreditava na vida após a morte com vistas a um retorno regenerador sobre a superfície terrestre.

— Mas quem foi esse Giordano Bruno? —, perguntou Malik Wambua, representante africano que estranhava a atitude restritiva de representantes dos brancos em relação à reencarnação, fato sobejamente conhecido de seu povo.

— Giordano Bruno nasceu em Nola, província de Nápoles, na Campânia, Itália Meridional, em 1548 — seguiu o italiano. — Era filósofo, astrônomo e matemático. Marcou seu tempo pelas suas teorias sobre o universo infinito e a

multiplicidade dos sistemas siderais.

Zaion se recordava de um filme que assistira há muito tempo, dirigido por Giuliano Montaldo, que trazia Gianmaria Volonté no papel do filósofo, no qual dizia algo sobre um Cosmo uno, eterno, infinito, colocando a Terra como um dos planetas que giram em torno do Sol. Mesmo esse retrato do Giordano Bruno pela sétima arte fazia-se presente em sua crença nas linhas invisíveis que ligam as pequenas coisas da Terra.

— Ele acreditava — prosseguiu Arnaboldi — numa natureza governada por profunda sabedoria. Giordano Bruno sabia das sucessivas reencarnações da alma, mas foi perseguido por ter reconhecido alguns fatos naturais da vida, que ocorrem conforme determinam as leis da Criação, não as dos homens.

Ficou claro para Zaion que no atual momento de crise mundial é muito importante o ressurgimento de pesquisadores como o famoso filósofo. A visão de Giordano Bruno, mesmo que de outro século, apregoava a união dos tempos passado, presente e futuro numa convivência simultânea de preservação dos verdadeiros preceitos de uma visão da responsabilidade espiritual sobre os atos e suas conseqüências, seja na vida atual seja em outra vida.

O líder italiano prosseguiu:

— O filósofo dizia que o universo não contém apenas o nosso sistema, mas um sistema de mundos que nascem e decaem movidos pela Divina força universal. No entanto, apesar de seu pioneirismo, também foi considerado um devasso.

— E deve ter sido perseguido pelas suas crenças —, retomou a palavra o líder francês.

— Sem dúvida — afirmou o italiano, que demonstrava conhecimento profundo sobre a vida do filósofo, — Giordano Bruno condenava as guerras religiosas, questionando os dogmas da Igreja Católica. Acreditava que o Criador se

manifestava pela natureza sem se confundir com ela. Criticava as religiões institucionalizadas e negava a necessidade de uma hierarquia, indicando o caminho para uma religião sem nome e ligada à natureza. Defendeu a liberdade de pensamento e de expressão.

— Se hoje o pensamento liberto é uma ameaça, o que dirá nos tempos desse pobre Giordano Bruno —, interferiu Thomas, o líder brasileiro.

— Giordano Bruno falara que, durante quinze séculos, Roma usou a religião para conservar o poder. Mas com a fragmentação, advinda com a Reforma, os governos passaram a fazer o mesmo. Ele disse que estivera com os reis em busca da paz, mas em vez disso, encontrou somente sangue derramado na França, na Espanha, na Inglaterra e também em Roma onde seus apelos para uma mudança na rigidez dogmática não foram ouvidos. — continuou Arnaboldi.

— Eu li sobre Giordano Bruno — manifestou-se Jonathan Kristen, o líder inglês que ficara grande parte do encontro em silêncio. — Durante os oito anos do julgamento do filósofo, sua vida foi marcada pelo sofrimento físico e psíquico, até ser morto, queimado vivo na fogueira em 17 de fevereiro do ano de 1600.

— Parabéns pela informação — espantou-se o italiano pela precisão do colega.

Os olhos se voltaram ao inglês que sorriu ao prosseguir:

— As pessoas temiam a lucidez alheia, principalmente aquelas pessoas cujas posições conquistadas poderiam ser ameaçadas pela aproximação de homens talentosos que desvendavam enigmas da vida com maior facilidade.

— Nada muito diferente dos dias de hoje — concluiu Zaion, que sentia sua vista tornar-se embaçada como se encoberta por uma névoa fria que envolvia seu pensamento. Tentava concentrar-se e, embora ouvisse palavra por palavra dos presentes, algo afligia seu coração.

— Eu penso — prosseguiu o italiano — que estamos vivendo situação semelhante, seres humanos tornaram-se presas de pensamentos viciados, como gado habituado a seguir a mesma trilha, sem se aperceberem do que realmente se passa ao seu redor, alheios ao funcionamento automático das leis da Criação que atuam como ondas, elevando os que delas sabem se utilizar, mas arremessando para as profundezas os que zombam delas, agindo contra a vontade do Criador.

Carlo Arnaboldi estava certo. No mundo atual, as pessoas estão estagnadas e se tornam incapazes de agir por si mesmas. Mas os líderes não querem ver que mesmo os seres humanos espiritualmente indolentes poderão, em dado momento, extravasar a sua revolta como num descontrolado estouro da boiada. Somente o aparecimento de um ser iluminado, um modelo especial, poderia contagiar a população, fazendo-a acreditar na mudança interna e pessoal, independentemente de líderes que apenas prometem sem cumprir.

Então, Walter Hoffman, o alemão que também permanecera calado durante o encontro, tomou a palavra:

— Se Giordano Bruno vivesse em nosso tempo, com certeza não morreria queimado numa fogueira, mas logo entraria no processo de “fritura”. E se insistisse em despertar os humanos para a razão, logo seria deportado para uma localidade distante para que perdesse o contato com as pessoas.

— Mas é preciso um novo Giordano Bruno — insistiu o italiano com aprovação imediata de todos os membros da Fraternidade, — hoje predominam no mundo a violência e a lei do mais forte. Muitos abusos foram e continuam sendo cometidos. O ser humano não se esforça para compreender a Vontade de Deus. Os alicerces religiosos se desfazem, pois carecem de base real amparadas pelas leis da Criação.

— É preciso uma pessoa de muita coragem como Giordano Bruno — repetiu o africano baseado em sua crença na

reencarnação. — Na África existe essa percepção das múltiplas existências de aprendizado. O problema é que os seres humanos permaneceram estagnados e, em suas visões, só conseguem ver mundos inferiores dominados por fantasmas e demônios. A população cresceu e a miséria se espalhou, a vida não vale nada, e os líderes permitem que seu povo seja usado como cobaia para experimentos dos laboratórios.

— Na Europa a situação é de absoluto enrijecimento — disse o francês. — As pessoas agem como autômatos. Há uma educação comportamental, as pessoas são polidas, mas muito mal-humoradas e espiritualmente são uma nulidade.

— É preciso encontrar os escritos da vidente de Nola — disse o italiano, que, mais uma vez, chamou para si a atenção geral do grupo.

— Nola — gaguejou Zaion, sentindo crescer um mal-estar. Seus olhos se cegaram por uma luz branca e intensa; seu corpo pendeu como uma velha árvore cuja raiz se desprende do solo até esticar-se ao chão. Os demais líderes foram rapidamente em seu socorro. Zaion percebia vultos, até que se definiu a imagem do rosto de uma jovem mulher de pele clara, olhos verdes brilhantes e cabelos escuros que, ao aproximar-se, assoprou em seu ouvido como uma brisa: “Eles estão chegando. Preciso ir antes que seja tarde. Encontre os escritos de Nola”.

— Annunziata — gaguejou Zaion, que agora sabia o nome de sua visão.

\*

Do outro lado do Planeta, um líder dominado pelo raciocínio mantinha um ódio inconsciente contra aqueles que se deixavam guiar pela intuição. Com intenções menos nobres e mais egoístas sobre a sobrevivência do Planeta, recebe a mensagem aguardada daquele infiltrado entre os ametistas:



— O Master sabe sobre Annunziata. O grupo aproxima-se das revelações da vidente de Nola.

O líder reuniu o grupo de investigadores da Liga, pediu que ficassem atentos, encontrassem e destruíssem o manuscrito, pois poderia lançar luzes atrapalhando o plano traçado pelas forças satânicas cujo objetivo era levar à destruição a humanidade preguiçosa que, facilmente, se deixava enganar por divertimentos e ilusões.

Os seres humanos dominados pelo raciocínio se impõem uma restrição voluntária, oprimindo com força e recusando, medrosamente, tudo o que não podem comprimir nos limites estreitos de sua compreensão tão presa à Terra, pois não podem negar que existe algo mais do que aquilo que conseguem perceber com o cérebro. Em razão de seu medo, alguns se tornam maldosos e até perigosos em relação a todos aqueles que não querem se deixar envolver nessa rigidez, mas que esperam mais do espírito humano e, por esse motivo, não pesquisam somente com o raciocínio preso à Terra, mas sim com o espírito, indo além, assim como é digno de um espírito humano ainda sadio e como é seu dever na Criação. Isso tem sido assim desde há muito. Aconteceu com Giordano Bruno, com Annunziata, e agora ameaça os membros da Fraternidade Ametista.

## As quatro partes

Em Washington, Estados Unidos, Roger Willians, o líder norte-americano da Fraternidade Ametista, sozinho em seu quarto, assistia na TV ao depoimento de um novo candidato à presidência. Figura carismática, era evidente o domínio daquele homem sobre a arte da dialética, o que tornava difícil não acreditar nas suas opiniões sobre situações ameaçadoras à sociedade que ele parecia tratar com imenso descaso. “Que poder terá o líder eleito de uma nação como essa”, pensava Willians, que se assustou com o toque do telefone. Hesitou atender. Ninguém sabia que ele estava ali, hospedado naquele hotel na região central da capital norte-americana, num andar alto, registrado sob falsa identidade para protegê-lo dos riscos a que estaria exposto em sua missão.

Willians tirou o fone do gancho. Do outro lado da linha prevaleceu o silêncio. Ele desligou, preocupado. Não possuía provas, mas sentia-se seguido desde que chegara à cidade. Havia se registrado em outro hotel com seu nome verdadeiro para despistar aqueles que poderiam estar em seu encalço.

Preferira usar o *laptop*, em vez do telefone, para o envio de uma mensagem, na qual dizia: “Ametistas: desde o século XIX circulam esses rumores sobre a existência do antigo manuscrito, elaborado pela vidente italiana que ano-

tou importantes revelações sobre os mistérios da natureza humana e sua origem, e também recomendações para os seres humanos que estivessem encarnados na Terra no século XXI. Encontrei portador desse relatório que me enviou provas de tratar-se do original. Seu objetivo parece ser unicamente financeiro. Tenho um encontro ao anoitecer. Aguarde nova mensagem”.

Ele saiu do hotel e, de carro, chegou rapidamente ao ponto determinado. Um relógio, na vitrine de uma loja da esquina, mostrava que ainda era cedo, quando um homem baixo, de aparência normal, aproximou-se, fez o sinal combinado e entrou no banco do passageiro. Willians entregou a ele um pacote com dinheiro. Eram cédulas de libras esterlinas, sem seqüência numérica, tal como lhe foi solicitado. O homem deu a ele uma pasta grande. Ambos não disseram nada. O sujeito partiu sem olhar para trás. Willians pegou o conteúdo e o dividiu em quatro partes. Prontamente colocou cada uma das quatro partes em envelopes separados e os fechou com um lacre. Depois endereçou-os e foi para uma agência dos Correios. Um dos envelopes que despachou destinava-se a Fortaleza, Brasil. “Com tanta tecnologia, o bom e velho correio ainda nos é de grande valia. E menos suspeito”, zombou o americano de seu próprio pensamento.

No Brasil, Zaion recobrou os sentidos e sentia-se mais aliviado. Annunziata viera até ele e as peças daquele quebra-cabeças, no qual se fundia tempo e espaço, começavam a se encaixar. Annunziata era a vidente de Nola. Ele percebia claramente a importância do documento para o futuro da humanidade.

Em certos momentos da vida, ele pensou, sente-se um vazio e um forte desânimo para enfrentar as dificuldades, porém não podemos deixar que o abatimento nos domine. Temos que confiar e avançar com coragem e alegria, para que nosso espírito se fortaleça.

— Atualmente uma grande confusão perpassa pelo

mundo todo, tanto nos países ricos como nos pobres, afetando organizações estatais, famílias, pessoas individualmente ou povos inteiros — disse Zaion.

— Nero, o imperador insano, ateou fogo em Roma. Agora é como se o planeta todo estivesse em chamas, com tanta queima de combustíveis ou florestas — completou o italiano.

— Tudo tem a ver com o mau uso da força neutra, cuja origem e utilização pelos humanos ainda é um mistério que foi escondido ao longo dos séculos. Tudo é movido pela energia que perpassa a Criação. Nossos sentimentos e pensamentos movimentam a energia que deveria ser canalizada apenas para o bem. Uma pessoa descontente toma dessa energia para produzir desarmonia em vez de produzir somente alegria e gratidão. Mas não me falta a esperança. Nosso amigo americano está em Washington, prestes a nos enviar o relatório de Nola — sussurrou Zaion para que apenas Arnaboldi o escutasse.

— Washington — repetiu mentalmente alguém, que ouvia a conversa entre Zaion e Arnaboldi às escondidas. — É ele mesmo — pensou. Saiu da sala, sem que ninguém percebesse, foi até o jardim e fez uma ligação em seu celular:

— Está confirmado. O documento está em Washington. Tome providências urgentes para que o documento não seja enviado ao Brasil. Não meça esforços. Faça o que for preciso para pegar o documento — determinou ao telefone para seu cúmplice.

No dia seguinte, chega a Zaion a notícia de que Willians, o companheiro norte-americano da Fraternidade Ametista, havia perecido num acidente de automóvel em condições incoerentes. Os jornais locais davam pouco destaque ao ocorrido. De forma insípida, diziam de um acidente, com vítima fatal, envolvendo um carro desgovernado que foi de encontro a uma enorme carreta. Mas a notícia não dava maiores detalhes. O foco principal da imprensa local,

naquele momento, era o da eleição do futuro líder dos Estados Unidos.

Zaion soube, por intermédio de colaboradores americanos da Fraternidade infiltrados em postos-chave, que o laudo da polícia informava que o motorista havia sofrido um ataque cardíaco enquanto estava ao volante. Mas outras informações o deixaram preocupado. Tanto o carro como o apartamento onde Willians se hospedara haviam sido minuciosamente revistados. Imediatamente o Master decidiu convocar uma reunião de emergência para comunicar aos membros da Fraternidade a notícia da tragédia e dos fatos dúbios associados a ela. “Mais um valoroso ser humano foi retirado do Planeta pelas forças que se opõem à evolução real da humanidade”, declarou numa homenagem póstuma ao ametista norte-americano.

— A forma como tudo aconteceu me leva a crer que devemos redobrar a vigilância material e espiritual, permanecendo duplamente alertas — afirmou.

Dois dias depois, Zaion recebeu um envelope pelo correio e, só de ver o lacre, já sabia do que se tratava. Sua intuição lhe dizia que as forças contrárias ao designo do bem haviam falhado em se apoderar do tão esperado documento. Com muita tenacidade, fora desenvolvida a operação do envio dos manuscritos de Nola, planejada pelos companheiros da Fraternidade Ametista há algum tempo. Lamentavelmente os Invasores, com seus conceitos oriundos das trevas, se apossaram da Liga dos Líderes. Eles haviam descoberto os planos dos ametistas e planejaram assassinar o americano, acreditando que com isso impediriam que o manuscrito saísse do país, e que, de alguma forma, esse valioso documento seria recuperado por aqueles que não queriam a autoconscientização e a evolução dos seres humanos, e assim pudesse ser destruído definitivamente.

Willians, de sua parte, sabia do risco que estava correndo, e ao perceber que estava sendo seguido, tentou por

todos os meios despistar os perseguidores. Intuitivamente Zaion sabia que ele conseguira seu intento, como de fato aconteceu. O companheiro americano foi mais esperto que seus algozes e conseguiu remeter as partes do manuscrito antes do fatal e encomendado “acidente”. E Zaion, afinal, tinha à sua frente os escritos que tanto almejava conhecer.

Reunidos em volta do envelope, os companheiros que ainda permaneciam no Brasil aguardavam a abertura do laço e previam a necessidade da decodificação das informações ali contidas. Outros documentos antigos, descobertos pela Fraternidade, exigiram especialistas. Por isso, alguns ametistas estudaram os símbolos e idiomas antigos utilizados por diferentes culturas. O que poucos sabiam é que o material que chegava ali estava incompleto.

As informações sobre o Manuscrito de Nola foram cuidadosamente preservadas e escondidas durante anos, pois envolviam uma elevada dose de risco de suas revelações serem descobertas por pessoas erradas em posições de liderança e, com isso, obterem ferramentas preciosas para agirem livremente, visando à autodestruição da humanidade.

No tempo em que o texto de Nola estava sendo escrito, Giordano Bruno havia percebido incoerências na teoria religiosa e seus inimigos queriam saber como ele obtivera aquelas informações. Havia indícios de uma vidente de sonhos proféticos, que ele nunca conheceu, mas de quem recebeu informações preciosas. Nos muitos anos que antecederam sua morte, seus torturadores queriam nomes. Mas Giordano sofrera em silêncio e nada revelou.

A identidade de Annunziata sempre permanecera oculta. No dia em que os habitantes de Nola seguiram rumo à casa de seu avô com o intuito de pôr um fim ao local, falsamente apontado como diabólico ou envolto em supostas celebrações de seitas malignas, o *nonno* Giovanni deu dinheiro à neta e pediu que seguisse em fuga, sozinha, em

direção a Veneza, onde ele tinha bons e influentes amigos. Primeiramente ela se negou a partir. Não poderia deixar seu avô para trás. Mas uma intuição mais forte lhe dizia que esse era o caminho e que precisava encontrar aquelas personalidades da alta sociedade italiana que se interessavam pelo bem-estar da humanidade e se uniam nessa trilha do bem. Era fácil identificá-los: todos os membros usavam um anel grande que ostentava uma pedra de brilho especial: uma ametista.

“Annunziata conheceu a Fraternidade Ametista”, intuiu Zaion, que viu num relance esses momentos em sua mente.

— O quê? — surpreendeu-se o líder italiano, que começava a abrir o envelope. Zaion fechou os olhos e continuou a vislumbrar imagens do passado que eram projetadas no seu inconsciente.

Junto aos amigos de Veneza, Annunziata seguiu com seus escritos, nos quais dizia que ninguém está encarnado por acaso, pois todos têm uma missão a cumprir, e que não deveriam, em nenhum momento, se atemorizar diante dos poderosos. A vidente, por diversas vezes também mencionara a existência do Santo Graal como a fonte da vida, o ponto de origem da Força que a tudo sustém.

O documento descrevia alguns dos ensinamentos de Jesus que haviam sido distorcidos em seu conteúdo espiritual, e também continha algumas previsões sobre o período no qual os humanos entrariam num processo de atribulações jamais visto na face da Terra, enfrentando as maiores atrocidades e sofrimentos. Ela fora avisada de que a revelação do Apocalipse recebida por João, destinada a auxiliar aos seres humanos na época das grandes tribulações, fora desfigurada, perdendo muito de sua essência, e que acabaria sendo desvirtuada para não causar inquietações na população.

Depois da morte de Giordano Bruno, ela teria dado aos nobres de Veneza o documento secreto com a recomendação de que ele permanecesse oculto para não expor os que

dele tomassem conhecimento e sofressem o perigo de um fim semelhante ao do pobre filósofo. Seus manuscritos acabaram por circular em algumas sociedades secretas até serem confiscados por um frade beneditino. Simpatizante dos assuntos esotéricos, o religioso os encaminhou para o mosteiro da sua ordem, em Roma, onde foram propositadamente guardados por um outro frade, também adepto dos temas ocultos, num compartimento secreto que ficava numa estante da biblioteca, e lá permaneceram durante vários anos. Apenas os frades mais velhos sabiam da existência do esconderijo e do que ele continha. Mas guardavam a informação a sete chaves e raramente falavam sobre o assunto. No íntimo sabiam que os manuscritos abordavam assuntos delicados, cuja divulgação não era do interesse dos poderosos da época. O documento se referia também ao então distante século XXI, o que lhe conferia uma aura de mistério. Mas como o tempo passa celeremente, nada permanece oculto para sempre.

— Uma parede — repetiu Zaion como se recém-saído de um transe. — Primeiro vi Annunziata que mostrava seus escritos condensados num caderno e, depois, divididos em blocos. E ela sorria — revelou o Master ao grupo à sua volta. — No momento seguinte, vi uma parede. Por que uma parede? — ele perguntava a si mesmo.

— Senhores — ele pediu a atenção de todos, enquanto o companheiro italiano começava a romper o lacre do envelope, — não se iludam. Temos à nossa frente apenas uma parte dos manuscritos de Nola.

O Master estava certo. Sabendo do perigo que corria e para evitar que o manuscrito fosse destruído, caso os Invasores tivessem sucesso, Willians dividiu o documento em quatro partes e as enviou a destinatários diferentes e de sua plena confiança. Naquele momento, apenas a parte destinada ao Master havia chegado.

Um burburinho se instalou na reunião. Onde estavam as outras partes? O que fazer para recuperá-las? Será



que haviam caído em mãos erradas? Eram perguntas que os membros da Fraternidade faziam uns aos outros, com evidente preocupação. Mas logo Zaion tentou apaziguar os ânimos.

— Calma irmãos — falou usando o tom de voz suave e conciliador que tanto o caracterizava. — Willians era uma pessoa extremamente inteligente e fiel à nossa causa. Tenho certeza de que criou um subterfúgio para enganar nossos inimigos e em breve as outras partes deverão chegar às nossas mãos. Nada mais nos resta, a não ser esperar.

Os companheiros se entreolharam e sorriram, confiando nas palavras do Master.

Uma semana após a reunião, Ivan Ruiz, o líder espanhol da Fraternidade, recebeu no hotel em que estava hospedado uma caixa fechada de azeite de oliva extravirgem. Por pouco, quase a devolveu à recepção por achar que se tratava de um engano. Mas parou quando percebeu que a mercadoria havia sido enviada dos Estados Unidos. Com grande urgência, abriu a caixa, e dentro dela encontrou um outro envelope, semelhante ao que o Master havia recebido dias antes e com o mesmo lacre. Seus olhos brilharam e um sorriso iluminou seu rosto. Rapidamente pegou seu celular e ligou para Zaion:

— Mestre, mais uma vez você acertou em cheio.

Do outro lado da linha, o Master ficou exultante.

Com o semblante apaziguado, Zaion se dirigiu ao aeroporto para se encontrar com Viveca e Humberto Sanches, que acabavam de desembarcar de um voo procedente do Rio de Janeiro. Pesquisadores de grande conhecimento e exímios decifradores de idiomas antigos, os Sanches também eram amigos de longa data de Zaion e prontamente atenderam ao seu chamado, saindo do México, seu país natal, para ajudar os ametistas a desvendarem os segredos do manuscrito. Mas antes de se dirigir a Fortaleza, o casal havia sido instruído pelo Master para ficar uma semana no Rio de Janeiro, dis-

farçados de turista. Seguindo essa recomendação, eles passaram os dias passeando pela cidade maravilhosa, apreciando suas belas praias e seu povo alegre e acolhedor.

Numa tarde, os Sanches resolveram visitar um *shopping center* na Barra da Tijuca e ficaram deslumbrados com a decoração das lojas, a luminosidade dos corredores e o colorido das roupas expostas nas vitrinas. Não resistiram e entraram numa pequena loja que vendia produtos artesanais. Viveca gostou especialmente dos braceletes, colares e anéis enriquecidos com pedras semipreciosas brasileiras, como água-marinha, topázio, turmalina e, claro, ametista. Depois de comprar algumas peças, o casal se dirigiu a uma livraria e, enquanto examinava os recentes lançamentos de livros, Humberto percebeu que, do lado de fora da loja, alguém estava fotografando a distância. Disfarçadamente se aproximou da esposa, lhe deu um beijo na face e sussurrou algo em seu ouvido. Ela apenas sorriu, dirigiu-se ao caixa, pagou pelo livro que havia escolhido e ambos saíram da livraria como se nada tivessem percebido. Mas sabiam que estavam sendo seguidos e aproveitaram quando uma turma de jovens saía apressadamente de uma das salas de cinema do *shopping* e caminhava na direção em que estavam indo. Prontamente se misturaram ao grupo para confundir o misterioso perseguidor, conseguindo escapar por uma escada que dava para uma das saídas do *shopping center*. Depois de se assegurarem de que haviam despistado o tal fotógrafo, voltaram para o hotel e telefonaram para o Master, que os orientou a seguir imediatamente para Fortaleza, para se juntarem ao restante do grupo.

## Os Invasores

*“O espírito humano podia, com a sua faculdade, transformar o mundo terrestre num Paraíso, como cópia da Criação! Não o fez e por isso vê agora o mundo diante de si assim conforme o deformou por sua influência errada.”*

(Abdruschin, *Mensagem do Graal*)

Com o passar do tempo, assim como aconteceu com tantos outros pesquisadores e reformadores, também Giordano Bruno acabou caindo no esquecimento. Com a fragmentação do poder religioso e a redução de sua influência na política dos Estados, ouro e riquezas passaram a ser o novo determinante do poder político. Aos poucos, o império do dinheiro foi se tornando dominante, modificando sistemas organizados há séculos, transformando tudo em mercadoria.

Como o espírito humano é de constituição diferente da matéria precívél, muitos seres humanos conservaram uma essência espiritual que não lhes permitia dobrar diante das transformações, e tudo faziam para que a vida não se tornasse uma feira livre, onde qualquer coisa pode ser comprada e vendida, mesmo o ser humano, sua ética e sua moral. Os membros da Fraternidade Ametista eram assim.

Mas seus algozes, denominados Invasores, incentivados pelas trevas, se submeteram completamente ao poder do raciocínio querendo subjugar a qualquer preço os espí-

ritos vigilantes. Para isso desenvolveram um plano diabólico que foi posto em prática pelos seus melhores sequazes, para induzir as pessoas a ignorarem a existência do espírito, dando valor apenas ao raciocínio e a tudo que é material. E nisso foram enormemente bem-sucedidos, conseguindo arrastar a humanidade para caminhos sombrios, sem uma visão mais elevada.

O maior objetivo dos Invasores era afastar as almas humanas da sua finalidade: de serem mediadoras entre o espírito ligado à luz e o corpo terreno. Eles fizeram isso escondendo-se atrás do raciocínio, adulando as vaidades. Inicialmente confundiram o saber sobre os entes da natureza, conhecidos de todos os povos antigos. Dessa forma, os humanos enfraqueceram a sua vigilância, abrindo as portas aos inimigos que, aos poucos, os foram transformando em servidores das trevas com a perda de sua conexão com a pureza original do espírito, o que os foi afastando cada vez mais de tudo o que está relacionado à natureza espiritual. A conservação da conexão espiritual possibilita a absorção de todas as irradiações auxiliadoras que a Luz envia, o que traria, como consequência, um maravilhoso prosperar. Mas o afastamento impede isso, arrastando tudo para a decadência.

A energia contida na vontade humana tem a capacidade de atrair a igual vibração. Quando os pensamentos são escuros, pendendo para o mal, são imediatamente alimentados por esse mesmo tipo de energia, insuflada pelos invasores e, com isso, as pessoas não conseguem mais distinguir qual foi seu pensamento original e o que foi habilmente implantado em sua mente, com o intuito de levá-las à destruição.

A humanidade sempre gera novas formas com cada pensamento, cada manifestação da alma, sendo por isso responsável por tudo que formar. O bem soergue. O mal arrasta para baixo. No entanto, o ser humano se deixa prender por futilidades, desperdiçando tempo e energia, brincando com

a força de modo nocivo para a Criação. Toda a confusão produzida com a ignorância das leis Divinas terá que perturbar e esmagar.

Os Invasores se valiam disso para continuar alimentando seu poder destruidor. Mesmo a ciência acabou sendo contaminada por esse tipo de pensamento, ficando submetida ao cérebro, o qual tem o seu foco voltado exclusivamente para o que é material e, como tal, não quer reconhecer o que esteja além de sua compreensão restrita às categorias do tempo e espaço do mundo material. Lamentavelmente, a ciência ainda desconhece a origem do universo.

A cada nova geração os seres humanos ficam mais distantes do Criador e Suas leis que atuam automaticamente, desencadeando cada efeito, favorável ou não. E mesmo os efeitos negativos não devem ser considerados como castigo. Os membros da Fraternidade Ametista tinham a consciência de que as pessoas precisavam ser orientadas novamente na direção do bem e do crescimento espiritual, mas muitas vezes se sentiam impotentes diante da realidade dos fatos.

A história comprovou que o ser humano tem agido de forma inadequada, por se julgar mais importante do que na realidade o é, tomando atitudes danosas para si e para o meio ambiente, sem jamais querer assumir sua responsabilidade. Mesmo diante das maiores calamidades, não quer reconhecer isso, nem mesmo quando a natureza desequilibra, atingindo o seu limite, começa a manifestar a sua reação agressiva.

Baseados nesse princípio, os chamados Invasores exploraram o desejo humano de se sobressair e dominar para que fossem afastados da real evolução, inculcando-lhes a idéia de que apenas a satisfação material deve ser almejada. Em muitas culturas passadas, e também nas atuais, é considerado bem-sucedido aquele que consegue acumular a maior quantidade de bens e dinheiro. Mas a prática tem demonstrado que esse tipo de atitude e de pensamento não traz felicidade.

Quem não consegue encontrar satisfação com pouco, também não será feliz com muito, pois sempre haverá um vazio que não pode ser preenchido dessa forma. O verdadeiro enriquecimento é o espiritual. Mas isso não quer dizer que se deva abandonar o conceito da propriedade privada obtida por meio da atividade laboriosa. Imperceptivelmente, os seres humanos, dominados pelo descontentamento, se deixaram envolver pelas idéias provenientes das trevas.

Um dos integrantes desse grupo de pessoas que se opunham frontalmente à Fraternidade Ametista era o escocês Gerald McMilan, cuja missão era seguir o casal Sanches, desde que saíram do México e chegaram ao Brasil, para tentar impedir que se reunisse com seus companheiros. Desolado por ter perdido o rastro do casal, McMilan chegou ao hotel em que estava hospedado e deu um telefonema:

— Não tenho boas notícias. O tal casal conseguiu me despistar, e quando cheguei ao hotel descobri que eles já haviam partido. Não sei como isso aconteceu. Eu os estava seguindo o tempo todo e só os perdi de vista naquele maldito *shopping*. Não sei como conseguiram ser tão rápidos e sair do hotel antes que eu pudesse alcançá-los — tentou justificar-se.

— Eu já sei onde eles estão, seu incompetente! — gritou a voz do outro lado da linha. Os Sanches estão aqui. O próprio Master foi buscá-los no aeroporto e a essa altura já devem estar examinando as duas partes do Manuscrito. Venha para cá, imediatamente. Agora temos que nos concentrar em impedir que eles se apoderem das outras partes e fazer o impossível para recuperar as duas que já estão com eles.

— Estarei aí em algumas horas. É só o tempo de encerrar minha conta no hotel e pegar um avião — obedeceu prontamente McMilan.

Hospedados no quarto ao lado de Zaion, Viveca e Humberto Sanches mal podiam conter sua excitação para

ver o manuscrito. Logo que chegaram, tomaram um banho rápido para se refrescar e se dirigiram ao quarto do Master.

— Podemos ver o documento? — perguntou Viveca, assim que Zaion abriu a porta, recebendo um olhar de desaprovação de Humberto.

— Ficou louca, mulher? Fale baixo. As paredes têm ouvidos e precisamos ser cuidadosos — recriminou o marido.

— Ora, ora, deixem disso e entrem logo. Não temos tempo a perder — apressou-se Zaion, fazendo o casal entrar e trancando a porta em seguida. — Conseguimos recuperar apenas duas partes do manuscrito. A primeira já está comigo. A segunda, Ruiz deverá trazer dentro de algumas horas — completou, abrindo o envelope sobre a mesa.

Humberto retirou uma lupa de seu bolso e começou a examinar o documento. Segurou uma das páginas entre os dedos para perceber a textura, aproximou o nariz ao documento e o cheirou, e depois com a lupa começou a percorrer as linhas escritas.

— Que maravilha. É mesmo um documento autêntico do século XVI. Veja a cor e a textura do papel, e a tinta usada para escrever — dirigiu-se a Viveca, que estava visivelmente emocionada.

Recompondo-se e enxugando as lágrimas que começavam a escorrer pela face com um delicado lenço bordado, a senhora Sanches aproximou-se da mesa, pegou a lupa que lhe foi oferecida pelo seu marido e começou a examinar o documento.

— Acho que foi escrito em dialeto napolitano — disse Viveca, ao ler as primeiras palavras.

— Isso mesmo — acrescentou Zaion. Mas há também algumas citações em latim e acho que a vidente se valeu de algumas simbologias para não deixar o texto tão óbvio.

— Muito bem — disse Humberto, — vejo que já andou lendo o documento.

— De fato, assim como vocês, eu também fiquei bas-

tante curioso e emocionado e não resisti. Mas para decifrar o que está escrito de forma correta preciso da ajuda de vocês, meus caros amigos. Ninguém sabe decifrar códigos e escritas antigas tão perfeitamente bem quanto vocês. Ninguém! — disse Zaion, recebendo em troca um caloroso abraço do casal de amigos, agradecidos pelo elogio carinhoso.

Zaion se dirigiu à janela para contemplar a bela paisagem, deixando seus amigos à vontade para examinar o documento com calma. Logo sua mente começou a divagar. Para uma alma nobre como a do Master era difícil aceitar o fato de a humanidade ter-se deixado ludibriar pelas falsas promessas e premissas, afastando-se da verdade e da Luz. E pensou: “Em sua teimosia, o ser humano deixou de perceber o quanto tem agido de forma errada por ter-se afastado do saber espiritual, contentando-se com as teorias religiosas ou não, engendradas pelos próprios cérebros, afastados do espírito. Hoje o materialismo alcançou o auge. Uma nova e verdadeira filosofia de vida deverá surgir, pois os seres humanos começam a sentir em sua alma o fastio dessa vida vazia, e também certo desespero com a abrupta precipitação dos acontecimentos, desejando manter a qualquer custo o controle, sem permitir que surja qualquer impulso para alcançar uma visão mais elevada”.

E continuou refletindo: “Jamais conseguiremos solucionar os problemas se a nossa atitude for a de simplesmente ignorar as questões que nos afligem e que estão destruindo o Planeta. Neste início do século XXI estamos convivendo mais com as incertezas do que com as soluções. Isso porque ficamos muito tempo afastados do ponto de equilíbrio. Tudo à nossa volta nos mostra que adentramos numa fase terminal. Urge a necessidade de encontrar um novo modelo, com alicerces reais e firmes, para reconduzir a humanidade ao caminho do bem, da verdade e do amor universal”.

Uma das grandes qualidades de Zaion era a de nunca perder a esperança. Isso porque ele sempre acreditou que,



no fundo de cada indivíduo, há um anseio interior de experimentar uma vida de grandeza e de prosperidade. A essência do ser humano é a sua capacidade de dirigir a própria vida, enquanto os animais apenas reagem. Nossas escolhas podem mudar o futuro e influenciar toda a Criação, para o bem ou para o mal. Aqueles que ficam atentos e sintonizados ao seu sentimento intuitivo, buscando oportunidades para melhorar este mundo, são muito mais valiosos, embora não recebam reconhecimentos humanos, pois a influência da intuição nobre atua primeiramente na matéria invisível aos olhos, mas acaba se realizando materialmente. Se hoje tudo é feio, é porque as pessoas deixaram de ouvir a voz interior.

Zaion teve seus pensamentos interrompidos por uma ligeira tontura. A imagem de Annunziata lhe veio à mente. Ele a viu com as mãos postas em prece e uma expressão de tristeza no rosto. E então o vento soprou e ele pôde ouvir nitidamente uma voz doce e feminina lhe falar. Era a voz de Annunziata: “Urge reconhecer as Leis naturais da Criação”. A voz prosseguia: “Cuidado, meu amigo. Os Invasores estão se aproximando. Não deixe que eles destruam a esperança. Apresse-se para se apossar das outras duas partes do Manuscrito”. Zaion recobrou desse estranho transe e se dirigiu ao casal de amigos que estavam absortos na leitura do documento.

— Meus caros, precisamos ser rápidos e extremamente cuidadosos. Nossos inimigos são capazes de tudo para conseguir seus intentos. Até torturar e assassinar. Não podemos perder tempo. Temos que decifrar o documento e levar a mensagem ao conhecimento do público o quanto antes. Só assim conseguiremos reverter o mal e impedir que ele continue avançando — disse Zaion.

Os Sanches se aproximaram do amigo e mais uma vez o abraçaram. Humberto quebrou o silêncio e falou:

— Você sabe que pode contar conosco para isso. Vamos trabalhar dia e noite se for necessário.

Em seguida, pegou a mão do Master e a de Viveca e iniciou uma prece: “Senhor todo poderoso, sê Tu conosco. Dê-nos coragem, sabedoria e determinação para cumprir nosso destino”. Instantaneamente os três foram tomados por um sentimento de confiança e serenidade, e sorriram.

## As partes se juntam

Os Sanches voltaram a estudar atentamente o documento quando ouviram alguém bater na porta e se assustaram.

— Fiquem tranqüilos — disse Zaion, — é o Ivan Ruiz. Pedi a ele para que se juntasse a nós e trouxesse a segunda parte do manuscrito — já se dirigindo à porta e recebendo o companheiro espanhol da Fraternidade Ametista.

— Mas que felicidade encontrá-los novamente — dirigiu-se Ruiz ao casal, recebendo em troca um afetuoso e demorado abraço, primeiro de Humberto e, em seguida, de Viveca, que perguntou:

— E então, trouxe a outra parte?

— Mas é claro — respondeu o espanhol. — E vocês, já conseguiram desvendar o que está escrito? — perguntou de volta.

— Na verdade, conseguimos traduzir grande parte do que está escrito, mas estamos com algumas dúvidas que gostaríamos de esclarecer com outros peritos — disse Humberto.

— Você acha que isso será mesmo necessário? — questionou Zaion.

— Como você disse que o documento precisa ser decifrado de forma correta, sem margem para dúvida na interpretação, ficaríamos mais tranqüilos se pudéssemos contar

com a opinião e ajuda de outros de nossos companheiros — antecipou-se Viveca.

— Você está se referindo às irmãs Sinclair, não é? — intuiu Ruiz.

— Elas mesmas. Modéstia à parte, depois de nós, elas são as peritas mais competentes do mundo e que conhecem a história do manuscrito e da vidente de Nola como ninguém — completou Viveca.

O Master sabia que ela estava certa. As irmãs gêmeas Bárbara e Brenda Sinclair eram duas adoráveis solteironas inglesas que passaram boa parte de seus sessenta anos enfiadas em bibliotecas, obcecadas em desvendar escritos de culturas antigas. Filhas de um rico aristocrata inglês, que morreu quando ambas contavam apenas dez anos, Bárbara e Brenda sempre tiveram uma vida confortável ao lado da mãe — uma mulher tão doce e bondosa quanto elas — e de vários cachorros, gatos e pássaros, suas grandes paixões, além dos livros. Apesar de sempre terem vivido no luxo e no conforto pela herança que o pai lhes deixou, as irmãs Sinclair não eram alheias ao sofrimento dos menos favorecidos. Ambas aprenderam com a mãe a trabalhar, desde a tenra idade, como voluntárias em creches e orfanatos, e o faziam com genuína alegria e amor ao próximo. Também davam generosas contribuições em dinheiro, e de forma incógnita, a várias instituições. As duas ingressaram na Fraternidade aos vinte anos de idade e logo se tornaram conhecidas por todos por sua inteligência, vivacidade e pelo profundo conhecimento sobre as culturas antigas, especialmente as dos povos que habitaram a Europa.

O Master ficou pensando como poderia trazer as irmãs para o Brasil sem despertar suspeitas. O momento era delicado. Ele sabia que seus passos e os de seus companheiros estavam sendo observados pelos Invasores e temia que algo de ruim pudesse ocorrer a qualquer um deles. Tudo tinha que ser planejado de forma cuidadosa. De súbito lhe ocor-

reu uma idéia. Ele se lembrou de que as irmãs costumavam investir parte de seus bens em negócios variados. Elas eram donas de uma indústria de biscoitos e pensou que um bom pretexto para trazê-las ao país seria para comprar soja, para ser utilizada na produção de uma nova linha de guloseimas.

— Amigos, já sei como poderei trazer as irmãs Sinclair para nos ajudar. Continuem analisando os documentos. Enquanto isso, vou fazer alguns contatos e já volto — disse Zaion, saindo do quarto.

O Master foi ao encontro de Thomas Ferreira. O companheiro brasileiro era dono de uma grande fazenda no Mato Grosso e um dos maiores plantadores de soja do país.

— Ferreira, preciso de sua colaboração. Você se lembra das irmãs Sinclair? Acho que elas irão adorar fazer negócios com você — disse Zaion, dando uma piscadinha para o amigo, que sorriu e acenou concordando com a cabeça.

Num hotel próximo ao que os membros da Fraternidade Ametista estavam hospedados, Gerald McMilan encontrou-se com o integrante dos Invasores.

— Vim o mais rápido que pude. Alguma novidade? — perguntou ao seu companheiro que parecia bastante contrariado.

— Por enquanto, não. Acho melhor você se hospedar num outro hotel, mais afastado daqui. Não quero que os Sanches o vejam. Eles podem reconhecê-lo. Sua missão aqui será a de me ajudar a impedir que eles ponham a mão nas outras partes do manuscrito. As que estão com eles em breve serão nossas. Nosso companheiro, infiltrado entre os ametistas, cuidará disso — sentenciou.

Três semanas se passaram. Ferreira procurou Zaion para lhe dizer que tudo estava acertado. As irmãs Sinclair estavam prestes a desembarcar no Brasil, fazendo escala no Rio de Janeiro e seguindo para Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso.

— Sigo hoje mesmo para minha fazenda para encontrá-las. Também já consegui que um amigo, simpatizante da nossa causa, nos cedesse sua fazenda, que fica próxima à minha, para hospedar os demais membros da Fraternidade. Você já definiu quem irá nos acompanhar? — perguntou Ferreira.

— Além de mim e de você, irmão para o Mato Grosso o casal Sanches, Ivan Ruiz, Jonathan Kristen, Jean Baptiste Louber e Carlo Arnaboldi. Pedi que Malik Wambua e Walter Hoffman continuem em Fortaleza. O trabalho deles será investigar e tentar descobrir o paradeiro das outras duas partes do manuscrito. Você tem idéia de quem pode estar com elas? Em quem mais o Roger Willians confiava? Para quem será que ele enviou o restante do documento? — questionou Zaion.

— Nem imagino. Mas por que você acha que existem mais duas partes e não apenas uma, ou então várias? — perguntou Ferreira.

— Willians me contou isso em sonho — disse Zaion.

— Sério? — duvidou o amigo brasileiro.

— Claro que não! Estou brincando. Quem me disse isso foi a Annunziata — falou Zaion, com uma expressão divertida no olhar.

Assim que se despediu de Ferreira, o Master voltou para o hotel para contar os planos para os demais integrantes da Fraternidade. Ele pediu para que todos ficassem alertas e tomassem muito cuidado, pois os servos dos Invasores estavam dispostos a fazer qualquer coisa para impedir que a humanidade despertasse para o real significado da vida. Eles fariam tudo para atrapalhar e dificultar a conscientização dos seres humanos, lançando ameaças veladas ou explícitas no intuito de atemorizar, fazendo morrer no nascedouro qualquer iniciativa tendente a libertar o espírito humano de milênios de aprisionamento na matéria por meio do raciocínio.

Quando as irmãs Sinclair desembarcaram no aeroporto de Cuiabá, portando seus divertidos chapéus floridos, o encarregado por Master e por Ferreira já as aguardava no saguão do desembarque, segurando uma placa com os dizeres “Soja do Brasil”, sendo logo reconhecido pelas simpáticas e gorduchas inglesas. Assim que pegaram a bagagem, entraram na van de vidros escuros, que as conduziria até uma pista de vôo particular onde embarcariam num jatinho rumo à fazenda de Ferreira.

Em Fortaleza, o Master e os demais companheiros escaldados para acompanhá-lo embarcaram num táxi aéreo, especialmente contratado para levá-los até a fazenda vizinha à de Ferreira. Durante o vôo, o Master ficou examinando os riscos que teriam de enfrentar. Ao terem decidido resgatar o Manuscrito de Nola para colocá-lo à disposição dos seres humanos em geral, os membros da Fraternidade estariam desafiando poderes seculares que não tinham interesse em que se voltasse a questionar o significado da vida. Durante muitos séculos a humanidade se habituou a ignorar as questões relativas ao espírito. A existência terrena passou a ficar fortemente aderida aos pendores de arrogância e de cobiça. Muitas pessoas julgam-se donas do Planeta que o Criador lhes ofereceu como morada temporária, estando profundamente amarrados ao corpo, dominado pelo cérebro, e mantendo um enorme pavor da morte. A maioria dessas pessoas ignora que fora da matéria as leis terrenas não têm nenhum valor. Nem o ouro nem o dinheiro. A verdadeira riqueza é intangível.

Enquanto seus companheiros aproveitavam para tirar um cochilo durante a viagem, Zaion continuava refletindo sobre a vida. E pensava: “O ser humano é um fruto da Criação e deve se tornar consciente e de pleno valor. Muito tempo já foi perdido. Está na hora de as pessoas despertarem, porque a Criação não pára. A vida avança continuamente e os frutos apodrecidos sempre são expelidos. Cada

um, de sua parte, terá que arcar com as conseqüências dos seus atos, não importando qual tenha sido a relevância de seu cargo na Terra. A época é de muita insatisfação, ninguém está contente. Todos estão enredados numa teia de confusões que obscurecem o significado da vida, roubando a alegria de viver”.

O Master não tinha dúvida de que deveria seguir em frente, desafiando todas as dificuldades que surgissem, pois acima de tudo estava o grande objetivo de promover a verdadeira ética e estimular o desenvolvimento das potencialidades humanas para que se pudesse construir, num futuro próximo, um mundo pacífico e feliz.

No outro jatinho particular, as irmãs Sinclair mostravam-se bastante animadas com a idéia de reencontrar antigos companheiros da Fraternidade. Bárbara, a mais gulosa das duas, abriu a grande bolsa que trazia junto de si para pegar uma barra de chocolate.

— Quer um pedaço, Brenda? — perguntou à irmã, já dando uma boa mordida no chocolate.

— *No, my dear* — respondeu a irmã bonachona. — E tome cuidado para não lambuzar o envelope. Quer que o coloque junto ao meu, na minha bolsa? — questionou Brenda.

— Ora, não diga tolices. Sei muito bem do valor desta preciosidade. Meus chocolates estão muito bem embalados num plástico e não irão lambuzar coisa alguma — respondeu Bárbara.

— Ok, Barbie, não se zangue. Vou confessar uma coisa: estou super-ansiosa. Mal posso esperar para contar ao Master e aos nossos amigos o grande presente que recebemos do nosso querido Willians. Quero ver a cara deles quando souberem que estamos com duas partes do genuíno Manuscrito de Nola. E por falar nisso, onde estarão as demais? — disse Brenda.

— Possivelmente com eles, minha querida. Você não



achou estranho o Ferreira insistir tanto para que viéssemos logo para cá? Aquela história de que ele tinha inventado uma receita de biscoito maravilhosa e nutritiva, a base de soja, e que nós não poderíamos perder essa oportunidade me deixou com a pulga atrás da orelha. Ele precisava nos trazer para cá sem atrair suspeitas — continuou Bárbara.

As duas se olharam e deram uma gargalhada.

— Mana, ou você é muito inteligente, ou precisa parar de ler os livros de Agatha Christie — brincou Brenda.

## A decodificação tem início

*A sabedoria de Deus governa o Universo!  
Lutai, criaturas humanas, para pressentir no  
Reconhecimento a sua grandeza!*

*(Na luz da Verdade — Mensagem do Graal, de Abdruschin)*

A fazenda do amigo de Ferreira tinha um tamanho descomunal. Sobrevoando-a, Zaion e os demais membros da Fraternidade Ametista puderam ver nitidamente como a região fora desnudada de sua cobertura florestal, restando apenas poucas áreas verdes remanescentes junto às cabeceiras dos rios. Mas nas regiões de pastagens, a devastação pelo fogo fora ainda pior. Com tristeza, o Master olhava para o cenário, fruto da mais crassa ignorância e ganância. Contudo, a casa grande da fazenda, onde ficariam hospedados, tinha uma aparência aconchegante, com um belo bosque ao redor, repleto de árvores frondosas. Um belo e florido jardim muito bem cuidado tornava o ambiente ainda mais acolhedor, embora externamente a temperatura estivesse em torno de 39 graus centígrados.

Os visitantes perguntavam-se, uns aos outros, como a região tinha se transformado nesse imenso mar de soja. O Master, então, explicou que a soja foi introduzida por intermédio de agricultores originários do Sul do país, que se mudaram para o Mato Grosso para fugir das geadas.

— Empregando a tecnologia de correção do solo

com calcário, esses agricultores conseguiram transformar essas terras degradadas e de baixa fertilidade em áreas produtivas. Segundo um estudo feito na década de 1980, a humanidade passaria fome num futuro próximo, sendo necessário aumentar as áreas de plantio. O problema da falta de alimentação e água ainda não eclodiu em toda a magnitude, mas com certeza ocorrerá em decorrência das alterações climáticas e ambientais que o Planeta está sofrendo. A soja foi trazida do Sul do país — disse Zaion em tom professoral.

E continuou:

— Grande parte das lavouras foi plantada em áreas planas, que são propícias para a mecanização. As queimadas eram os métodos comuns de limpeza das terras, e como as árvores de madeira fina e torcida, que originariamente cobriam essas regiões, não tinham valor comercial na época, foram queimadas, dando lugar ao cultivo da soja. Esse produto agrícola mostrou-se bastante compensador. Dele pode-se extrair o óleo e o que sobra desse processo — um farelo rico em proteína —, utilizado para alimentação animal e humana. O Brasil acabou se tornando um grande produtor e exportador de soja. A grande questão é a falta de uma política governamental para o setor, capaz de regularizar o cultivo e a comercialização do produto, mas o imediatismo financeiro não propicia a formação de sólidas bases para a economia real. E agora, na ânsia de reduzir custos e assegurar sua lucratividade, muitos agricultores estão cedendo aos encantos dos fabricantes de sementes transgênicas — uma nova tecnologia ainda pouco estudada e sobre a qual ainda se desconhecem os efeitos colaterais tanto para a saúde humana quanto para a manutenção do equilíbrio ecológico — completou.

Após essa verdadeira aula, os ametistas foram para os seus aposentos para um breve descanso. Passadas três horas, o Master convocou seus companheiros para uma pequena reunião. Na ampla sala decorada com móveis pesados e rús-

ticos, mas de extremo bom gosto, e que dava para um belíssimo jardim interno, Zaion começou a falar:

— Meus caros amigos, precisamos ser rápidos e prudentes. Nossos inimigos estão à espreita e qualquer erro poderá levar o manuscrito a cair em mãos erradas. O casal Sanches já conseguiu avançar na decodificação, mas ainda restaram algumas dúvidas que em breve serão sanadas pelas companheiras Bárbara e Brenda Sinclair, que já chegaram ao país e encontram-se hospedadas na fazenda ao lado da nossa. Nosso anfitrião nos munuiu com computadores, *scanners*, acesso à internet e a tecnologias de última geração. Estamos suficientemente equipados para concluir nossa missão com êxito. Peço a todos que se mantenham alertas e vigilantes.

— Quando aquelas duas gorduchas irão se juntar a nós? — perguntou Viveca, com seu jeito brincalhão.

— Elas já devem estar chegando — respondeu Zaion. E continuou: — Enquanto vocês estavam descansando da viagem, falei por telefone com Ferreira. Elas chegaram bem e disseram que nos farão uma grande surpresa.

— Já sei: elas irão nos usar como cobaias para os novos biscoitos que pretendem comercializar. Lembra da última vez que as encontramos em Londres? — disse Jean Baptiste, dirigindo-se ao companheiro inglês Jonathan Kristen.

— Claro. Elas nos obrigaram a experimentar um biscoito de trufas que simplesmente foi a coisa mais horripilante que já comi em toda a minha vida — disse o inglês, fazendo todo o grupo rir.

— Não era o biscoito que era ruim, mas sim essa sua cara azeda e seu hábito de só comer peixe e batatas fritas. Com esse paladar estragado, como é que poderia apreciar uma iguaria como a que te ofereci? — disse Bárbara que entrara na sala justo no instante em que Jonathan respondia ao companheiro francês. Todos deram uma gargalhada e se dirigiram às irmãs e a Ferreira para cumprimentá-las e dar as boas-vindas.

— Que prazer tê-las aqui conosco. Sejam bem-vindas!  
— saudou Zaion.

— Ora, meu querido Master, o prazer é todo nosso — disse Brenda, envolvendo Zaion num forte abraço. Depois se dirigiu aos demais e continuou: — Fiquem sossegados. A surpresa que trouxemos não é para comer — brincou, arrancando outra gargalhada dos companheiros.

— Não nos matem de ansiedade. Digam logo do que se trata — apressou-se Jonathan.

— Calma, afobadinho. Ou lhe faço comer os biscoitos de trufas. Ainda os tenho, sabe? — ameaçou Bárbara, em tom de brincadeira. — Falando sério, Ferreira nos informou sobre o que de fato viemos fazer aqui. E o que nos deixou mais maravilhadas foi a sincronia e a coincidência dos fatos — disse a alegre gorducha.

— Fale logo, Barbie. Quer nos matar de curiosidade? — comentou Viveca.

— Então, sente-se, minha querida, para não cair de costas. Sabemos que parte do Manuscrito de Nola já foi parcialmente decodificado por você e pelo seu adorável marido Humberto, que, aliás, continua muito atraente — disse Bárbara, dando uma piscadinha para o senhor Sanches, que enrubescou com a brincadeira.

— A surpresa, meus queridos, é que as outras duas partes estão conosco. Elas chegaram pelo correio, enviadas pelo Willians, há poucos dias, antes de recebermos o chamado do Master.

— Isso quer dizer... — balbuciou Arnaboldi, sendo interrompido por Brenda:

— Exatamente, *mio caro*. As quatro partes do Manuscrito de Nola estão conosco. Não posso afirmar com certeza, mas imagino que dessa forma estamos com a íntegra do documento.

— Imaginou certo, Brenda. Por isso temos que ser extremamente cautelosos e rápidos. Temos que desvendar

seu conteúdo o quanto antes e divulgá-lo para o mundo, antes que nossos inimigos tenham tempo de arquitetar algum plano para sabotar nosso objetivo — completou Zaion.

Todos na sala se entreolharam e ficaram com uma expressão séria e ligeiramente preocupada. O clima tenso logo se dissipou, e ficou decidido que o casal Sanches e as irmãs Sinclair permaneceriam na biblioteca da fazenda do amigo de Ferreira para trabalhar na decodificação do documento, enquanto os demais deveriam circular pelos arredores da casa e ficarem atentos a qualquer movimentação suspeita.

A sala que abrigava a biblioteca era simples, mas decorada com muito bom gosto, com móveis finos e belos quadros nas paredes. Em uma das estantes havia, entre os livros, várias peças de cristal com pontas em forma piramidal, que logo despertaram as atenções das irmãs Sinclair. O Master, então, falou que a escritora Roselis von Sass esclareceu, em seus livros, que no mundo de Luz, infinitamente longínquo, há uma pirâmide de uma beleza inenarrável que se assemelha a um gigantesco bloco de diamante rubro-flamejante, a qual encerra a chama da vida. O significado da palavra “pirâmide” é “cristal em que arde o fogo da eternidade”.

— Compreenderam por que os cristais exercem tanta atração sobre os seres humanos? — perguntou o Master.

— Eu compreendo — respondeu Brenda. — Mas acho que há algo mais relacionado com o ser humano.

— De fato. Roselis von Sass também escreveu que outrora, quando as almas humanas ainda eram mediadoras entre o seu espírito ligado à luz e o seu corpo terreno, isto é, quando a humanidade ainda não era dominada pelo raciocínio, a esfera fino-material em volta da Terra era denominada *o mundo das almas de cristal*, pois todas as almas que deviam transpassá-la e que, portanto, deixavam a Terra, ou para ela se dirigiam, refletiam a luz de seus espíritos, de modo puro e límpido, como cristais luminosos. Isso, porém,

aconteceu no passado distante. Desde então, longas épocas se passaram. Hoje, o mundo de matéria fina que circunda a Terra é chamado o *mundo dos cristais trincados* — explicou Zaion, e saiu da sala para deixar que os quatro decifradores se concentrassem no trabalho.

O casal de pesquisadores e as irmãs inglesas passaram longas horas debruçados sobre o documento, conseguindo, depois de algum tempo, catalogar as partes e restabelecer a sua seqüência original. A decodificação apresentava dificuldades, pois misturava um antigo dialeto com latim, além de uma linguagem simbólica que deveria ser transcrita para a realidade atual. O simbolismo era comum, pois era intenção dos relatores não deixarem flagrantemente expostas as idéias que contrariassem as doutrinas do poder dominante. Esse tipo de decifração era a grande especialidade do casal e das irmãs bonachonas.

Enquanto isso, em Fortaleza, Gerald McMilan recebeu um telefonema que o deixou extremamente nervoso. Do outro lado da linha, seu informante lhe dizia que o Manuscrito de Nola na sua versão integral estava em Mato Grosso e prestes a ser decifrado. Em um acesso de fúria, o escocês jogou o telefone celular no chão, estilhaçando-o em várias partes. Em seguida, pegou o telefone fixo e ligou para outra pessoa.

— Esqueça os ametistas que ficaram em Fortaleza. Avise nossos companheiros que o documento está em Cuiabá. Estou indo para o aeroporto. Nos encontraremos lá — disse em tom duro, e saiu.

No jardim da fazenda do amigo de Ferreira, Jonathan Kristen acabava de desligar seu telefone celular e já o estava acomodando em seu cinto, quando se assustou ao ver Carlo Arnaboldi olhando-o com certa desconfiança.

— Com quem você estava falando ao telefone? — perguntou o italiano.

— Com o serviço de informação da hora certa. Acho

que meu relógio parou e queria confirmar a hora. Por quê?  
— desconversou o inglês.

— Por nada. Mas achei estranho que você se assustou com a minha chegada — retrucou Carlo.

— Estamos no meio do mato, meu amigo, e você não fez barulho ao se aproximar. Não sabia se era uma pessoa ou uma cobra, por isso me surpreendi. Foi só isso. Deixe de paranóia — respondeu Kristen, já se afastando do companheiro.

Intimamente, Kristen achou que conseguira despistar o italiano e prosseguiu pensando: “Como são tolos esses amantistas, jamais consertarão o mundo. A vida é assim mesmo: mandam os fortes e espertos, o resto tem que obedecer aos nossos desejos. Brevemente não restará mais nada desses manuscritos”.

No outro canto da fazenda, Jean Baptiste Louber saía de seu quarto com uma expressão preocupada, o que chamou a atenção de Ferreira, que estava no corredor.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Ferreira.

— Não, nada sério. Só entrei para tomar uma aspirina. De repente me deu uma dor de cabeça — comentou o francês, já se esquivando.

No topo da escada, Ruiz chamava os companheiros para se reunirem na biblioteca:

— Zaion pediu para que nos encontrássemos lá. Parece que já temos parte do documento decifrada — anunciou o espanhol.

Quando todos os membros da Fraternidade se acomodaram nos sofás de poltronas, o casal Sanches começou a projetar num telão o esboço da interpretação da introdução do Relatório. Humberto começou a falar:

— O documento que recebemos é de extrema importância. Trata-se realmente de algo muito sério e profundo.

Todos se entreolharam. Havia a percepção de que se tra-



tava de uma visão profética sobre o futuro da humanidade, escrita num momento sombrio e perigoso, mas que paradoxalmente também anunciava uma luz no fim do túnel.

— Inicialmente achamos que o documento se referia a uma doença epidêmica. Mas logo em seguida descobrimos que havia, em essência, um conteúdo simbólico. Após o texto sofrer os necessários reparos, e a contribuição valiosa das irmãs Sinclair, finalizamos o rascunho da introdução — anunciou Viveca.

Bárbara começou a traduzir o que estava no início do documento:

*A época é sombria. Há muito medo no ar. Em Veneza, as pessoas escondem o seu íntimo. Ninguém que faça uso da intuição tem coragem para falar sobre isso. Há espiões por toda parte. É proibido fazer uso da lógica e do bom senso para examinar a doutrina. Todos são obrigados a aceitar as teorias impostas, mesmo repletas de lacunas. A realidade é naturalmente simples, mas os humanos a complicaram sem necessidade. No futuro será ainda pior: as pessoas ficarão incapacitadas para exercer o raciocínio lúcido, e o exercício da intuição ficará debilitado. As condições da existência decairão ainda mais. Com o aumento da população e da cobiça, a vida humana não terá muito valor. A intuição estará soterrada. Tudo estará no limite. Os seres humanos arrancarão as riquezas das entranhas da Terra para serem levadas para onde puderem obter mais dinheiro por elas. O trabalho humano será em regime de semi-escravidão, a pesquisa da espiritualidade será barrada por muitos obstáculos.*

Bárbara parou por um instante. Tomou um gole de água, e continuou sua leitura:

A era da mentira vai acabar. Então, os seres humanos saberão exatamente o significado de sua essência espiritual,

que é muito diferente do que até agora quiseram imaginar. Se souberem qual é o verdadeiro significado da vida, saberão por que o universo foi criado.

O Master observou que, já em seu início, o documento traçava a gravidade da situação da humanidade.

— Há momentos em que temos a sensação de que tudo está funcionando de forma normal. Isso acontece porque a natureza, em sua generosidade construtiva, continua nos brindando com belas paisagens, bosques e jardins, sem falar dos alimentos que produz. Por vezes, andando pelas ruas, percebemos essa beleza e esquecemos do caos que nos rodeia e das vozes de milhões de seres humanos reclamando da vida porque perderam a visão do seu significado — disse Zaion, fazendo um sinal para que Bárbara prosseguisse.

A inglesa continuou a ler o documento:

*Enquanto os seres humanos não compreenderem o significado da vida, jamais estarão aptos a lidar adequadamente com os problemas que enfrentarão: as angústias, o vazio existencial, as decepções com falsos amigos, a solidão, as injustiças, e a morte. Mas quando chegar o momento certo, cada pessoa sentirá na pele a pressão da força da Luz. Não haverá contemplação, pois muitas foram as advertências. Cada pensamento, palavra ou ação malévolos colherá as conseqüências. O que é do bem receberá um impulso para se elevar.*

Essas palavras da vidente deixaram o grupo sobressaltado. Eles começaram então a fazer conjecturas sobre o significado do que tinham acabado de ouvir. O Master interrompeu delicadamente, explicando que o tempo era curto e que não haveria tempo para debates. Recomendou que prosseguissem na análise e interpretação, pois provavelmente encontrariam o esclarecimento no desenvolvimento

do trabalho, passando logo para outra parte.  
Bárbara prosseguiu:

A verdadeira paz entre os humanos somente poderá ser alcançada quando todos, despidos de sua doentia mania de se julgarem sabedores de tudo, se abrirem ao verdadeiro saber, esclarecedor da maravilhosa estruturação da Criação, em vez de se oporem hostilmente aos esclarecimentos procedentes do céu. Aquele a quem for dado inteirar-se destes manuscritos, deverá permanecer alerta, pois muitos dos colaboradores do Príncipe das Trevas se colocarão frontalmente contrários para impedir, de modo astuto e covarde, que os esclarecimentos auxiliem a humanidade a se libertar das sombras dos erros, pois religião e política estreitaram as mãos para manter privilégios das castas dominantes.

Muitos serão preparados para atuar, auxiliando os seres humanos na busca da Luz. Serão escritores, cientistas, professores, médicos e sacerdotes, pessoas que exercem influência sobre um grande público. Porém, poderão se deixar prender aos engodos, utilizando os ensinamentos e a força que receberam dos mestres espirituais, para servir as trevas, contribuindo para desencaminhar a humanidade, tanto espiritual como materialmente.

Com isso, Bárbara encerrou a leitura da parte inicial do documento.

— A situação é muito grave. Que outras revelações trará o manuscrito? — perguntou o francês.

— Sem dúvida, Annunziata viu um futuro aterrador. Ela viu a nossa era e seu desejo era o de nos auxiliar — disse o Master. E continuou: — O importante é que conseguimos salvar os manuscritos da vidente de Nola, ou o Manuscrito de Nola, como nos habituamos a chamá-lo. Agora nos cabe decifrar o restante para torná-lo conhecido por toda a humanidade. Depois, veremos o que acontece.

## O eterno circular do universo

*“O século futuro nos julgará, porque o atual sempre crucifica os seus benfeitores; mas depois resuscitamos, ao terceiro dia ou ao terceiro século.”*

*(Tomás Campanella, 1568-1639)*

Aquele que vive restrito pelas limitações de uma mente preguiçosa, distante dos ditames do Criador, não teria sido agraciado por tamanha coincidência. Malik Wambua fora presenteado no momento certo, na hora certa, em razão de sua conexão benéfica com o destino do mundo. O momento acontecera no aeroporto. O líder africano aguardava a chegada de familiares que viriam ali para encontrá-lo, quando percebeu Gerald McMilan a caminho de uma porta de embarque. “O que estaria fazendo o velho escocês na bela Fortaleza sem se fazer presente entre os demais ametistas? Por que estaria ali às escondidas?”, suspeitou mentalmente o africano. Ele o observou a distância e o seguiu discretamente para conferir o destino que o suspeito planejava tomar.

— Gerald McMilan está a caminho daí — disse Malik ao telefone para o líder inglês, — muito suspeito — ele concluiu. Preferia contatar diretamente o Master que saíra em companhia da inglesa, mas fez Kristen prometer que avisaria o ocorrido tão logo Henrique Zaion regressasse.

Na fazenda, em Mato Grosso, o casal de especialistas prosseguia na decodificação do documento e repartia imediatamente as mensagens decifradas com os demais. Nessa parte do manuscrito, Annunziata relata que Giordano Bruno expunha a importância da humanidade em aceitar a reencarnação como natural, o que resultaria num maior cuidado com a vida alheia ou a própria vida, tornando inadmissíveis o suicídio e o assassinato. A ignorância sobre isso poderá levar os seres humanos, no futuro, a atos extremos.

Viveca ainda destacou:

— Esta parte dos manuscritos desperta grande interesse, pois fala da transitoriedade da vida humana. A vida de cada um reflete a evolução da humanidade. Os primeiros encarnados agiam como crianças e paulatinamente foram adquirindo maturidade nas sucessivas reencarnações. O corpo humano resultou da mais perfeita evolução da natureza.

Bárbara, que não arredara o pé daquele lugar desde sua chegada, se controlava para não parecer antipática tomando a frente na decodificação do documento que lhe abria um apetite de saber, maior que sua própria gula pelas guloseimas convencionais. Mas era irresistível o conhecimento propagado pela seqüência daquelas palavras. A inglesa prosseguiu:

Quando se deu a primeira encarnação, estava desenvolvido na matéria o mais perfeito espécime que possibilitou a conexão com a alma. No ventre materno a matéria evoluiu até formar um pequeno corpo que adquire vida própria com a entrada da alma, que se dá no meio da gestação. Quando a alma abandona o corpo, cessa a vida na matéria.

— Deixe-me ver — não resistiu o espanhol, — pelo que consigo decifrar desse código, aqui diz que a vida terrena é uma etapa da existência real. Viver no Planeta é fazer parte da escola para o espírito, mas o ser humano encarnado enterra as capacitações do espírito, ouvindo apenas o racio-

cínio. E vejam, mais adiante, o ser humano chegará um dia àquele limite em que a parte do universo onde ele se encontra seguirá ao encontro da decomposição como consequência da lei natural.

— Muito bem — prosseguiu Humberto referindo-se à capacidade de seu colega no processo de decodificação. — Não é esse o real destino do ser humano, mas esse será o momento decisivo para os espíritos, que se encontram na matéria, se apressem a escalar o porto seguro e luminoso por meio do saber e da evolução, a fim de evitar os perigos que se iniciam na matéria, antes que sejam por eles retidos.

E prosseguiu, firmando o olhar nas faces curiosas de seus colegas que respiravam atentos a cada palavra.

— Os universos solares isolados estão sujeitos à formação e à desintegração, portanto estão predispostos a amadurecer, envelhecer e decompor. A Criação posterior está sob influência dos espíritos humanos em desenvolvimento, razão das imperfeições existentes, e que não devia ser assim se os humanos buscassem pelo saber das leis da natureza, criando um maravilhoso jardim com a parte que receberam para evoluir.

— O relatório nos mostra uma realidade diferente que põe por terra as absurdas teorias inventadas pelos homens — destacou o Master. — O poder intelectual do homem não é suficiente para desvendar os segredos do universo. A Terra não é isolada. Ao lado dela, outros astros giram em torno do Sol, o qual, junto com vários sóis, gira num eterno circular da matéria vivificada pela energia do Criador. A unificação do saber humano requer a inclusão do saber espiritual.

— Quanto mais o ser humano souber sobre o universo, mais próximo estará do conhecimento das leis da Criação — concluiu Viveca. — O ser humano necessita da visão global harmoniosa e inesgotável do grande fenômeno que encerra o evoluir e o existir.

— A Força está no Criador que é a verdadeira vida

— empolgou-se Carlo, que se maravilhava com o caminho daquela conversa. — A irradiação da força gera movimento. E o movimento é energia criadora dos mundos. Os seres humanos assim sintonizados poderiam colher apenas paz e alegria em suas vidas.

A percepção da sabedoria trazida pelas palavras imprimia ao ambiente uma aura positiva de alegria abundante e poderosa que tornava o grupo coeso, uno, gerando uma energia de luz brilhante como o alvorecer. Zaion percebia a vibração. Algo, no entanto, o incomodava. Alguma coisa parecia fora do lugar. Em meio a um dourado reluzente, o rosto de Annunziata lhe apareceu, sorrindo. Ele sentia sua presença. Sua luminosidade estava entre eles. E podia também ouvi-la dizendo: “Prezado amigo, nem todos se conectam ao Ser Maior”. E desapareceu.

Apenas Carlo, que estava ao lado do Master, percebeu que ele fechara os olhos, e que, ao abri-los, parecia incomodado.

— O que foi, Zaion?

— Annunziata — ele respondeu em voz baixa. — Devemos ficar atentos, meu caro, muito atentos, pois os seres das trevas estão sempre prontos a criar obstáculos ao progresso. Eles precisam desaparecer.

Tentou dissipar o pensamento negativo focando sua atenção no belíssimo jardim, emoldurado pela janela da sala que convidava a apreciar a paisagem.

— Vejam, meu amigos, como é lindo esse jardim. Que árvores frondosas, que frutos exuberantes. Cada árvore, cada fruto e cada flor são vivificados pela mesma força que, partindo lá das Alturas, avança pelo cosmos criando os mundos com tudo o que a semente espiritual necessita para o seu fortalecimento. O que sabe disso tudo o ser humano? Que sentimento de gratidão deveria se formar em seu íntimo!

Todos silenciaram por um momento e se juntaram ao Master para apreciar o trabalho divino que, muitas vezes,

foge à atenção nas atribulações do dia-a-dia.

— Lindo — repetiram as inglesas, que envolveram Zaion num fraterno abraço. Ele retribuiu com um sorriso franco de carinho e gratidão pela atenção constante das irmãs.

— Prossigamos com os escritos! — convidou Zaion aos demais.

— O mundo é a matéria propulsada pelo espiritual — prosseguiu Viveca. — O Paraíso é o reino espiritual da Criação. O Paraíso é a verdadeira Criação. O mundo é transitório, desenvolve-se das emanções provenientes da Criação, imitando-a em imagens, impulsionado e mantido por meio de emanções espirituais. Amadurece, para depois decompor-se. O espiritual não envelhece, permanece eternamente jovem.

— Eternamente jovem e evoluindo sempre — aclamou o Master.

Faça-se a Luz, pronunciou o Grande Criador, e as Suas irradiações se lançaram para além do limite até então desejado, para o espaço sem Luz, levando movimento e calor. Assim iniciou-se a Criação que, gerando o espírito humano, pôde tornar-se o grande campo para a sua evolução.

— Deve ter sido um fenômeno abalador — opinou o francês que poucos perceberam ter entrado na sala.

— Provavelmente esteja associado ao *Big-Bang* — complementou o italiano. E prosseguiu: — Segundo os cientistas, foi a grande explosão de um ponto que acumulava toda a energia do universo, há 13,7 bilhões de anos, que deu origem às estrelas, planetas e demais corpos. Os manuscritos de Nola trazem uma explicação muito simples.

— Simples, meu amigo, para aqueles que empregarem a reflexão intuitiva, pois apenas com o raciocínio não conseguirão compreender o sentido espiritual aí contido. Fica evidente que tudo se processou seguindo um plano inteligente



que promoveu o desenvolvimento e evolução da matéria para que o espiritual pudesse ser acolhido — conclui Zaion.

— Uma obra de mestre, do Grande Mestre Universal — acrescentou Viveca.

A tarde havia transcorrido suavemente. Zaion convidara os amigos a uma pausa na varanda para que pudessem admirar o Sol, uma bola de fogo avermelhada, perfeita em sua forma, majestosa em seu brilho, enigmática em sua poderosa força. O espetáculo, sempre grandioso, era ainda mais intenso na região Central do Brasil. Zaion, porém, sentia-se incomodado. Sua intuição lhe mandava redobrar a atenção sobre as forças maléficas que ele apostava que seriam despertadas com a mesma intensidade com que as revelações se faziam conhecidas pelos ametistas.

Carlo, sempre próximo ao Master, percebendo a aflição no cenho comumente descontraído de seu amigo, perguntou:

— Algo errado?

— Intuição, mera intuição — Zaion balançou a cabeça num gesto como que para dissipar os maus pensamentos. — Como será que as pessoas vão receber essas informações? Aqueles que buscam respostas compreenderão com pouco esforço. Para outros, será como uma faísca fazendo despertar um saber adormecido. Isto é, os que se utilizarem da inteligência espiritual logo compreenderão. Os que seguirem a inteligência racional não perceberão a profundidade das palavras.

— Master — interrompeu Viveca, que percebeu a riqueza da conversa dos amigos, — qual a diferença entre a inteligência espiritual e a racional?

— No livro *O oitavo hábito*, Stephen R. Covey fala das quatro inteligências: a mental, a física, a emocional e a espiritual, respondeu Zaion.

Os demais se aproximaram para ouvir atentamente as

explicações de Zaion.

— Inteligência Mental (QI) é a capacidade de analisar, raciocinar, pensar abstratamente, usar a linguagem, visualizar, entender. A Inteligência Física (QF) é aquilo que o corpo faz funcionar sem nenhum esforço consciente, como o sistema respiratório, circulatório, nervoso e outros. O corpo humano é um sistema miraculoso com cerca de sete trilhões de células com surpreendente coordenação física e bioquímica. Os médicos são os primeiros a reconhecerem que o corpo cura a si mesmo. A medicina facilita a cura removendo obstáculos. A Inteligência Emocional (QE) é o autoconhecimento, a autoconsciência. A intuição dirá à mente pensante para onde olhar e seguir. Uma pessoa de baixa inteligência emocional tentará compensar a sua deficiência, apoiando-se excessivamente em seu intelecto e em sua posição formal. E, finalmente, a Inteligência Espiritual (QS) representa nosso impulso em busca de conexão com algo maior e mais digno de confiança que o nosso ego. Procura a conexão com nossa alma na busca de compreensão do mistério da vida. Em momentos de grande beleza, as emoções podem abalar até as pessoas mais duras e céticas. As energias, internas e externas, se conectam. Alcançamos, com a inteligência espiritual, o poder e a criatividade da natureza e do Universo.

O Master fez uma pausa e prosseguiu:

— O que se vê hoje é que o desenvolvimento unilateral de atividades do raciocínio acabou se tornando dominante, acarretando distúrbios de ordem física e emocional, provocando estados de doença e incapacidade de compreensão de tudo quanto se situa para além do materialismo palpável.

— O espiritual ficou em segundo plano — suspirou Ruiz, com seu forte acento espanhol.

— Como se processa esse domínio do raciocínio? — perguntou Humberto, que desejava essa explicação como ferramenta de apoio ao seu trabalho de decodificação do

documento.

— É simples — respondeu o Master, — algumas vezes agimos impelidos pela voz interior. Isso geralmente ocorre de forma inconsciente, porque a voz interior foi sufocada, ao longo das gerações, pelas alterações hereditárias do corpo. O ser humano deveria buscar o fortalecimento da intuição, dando ao cérebro oportunidades de atuar para que tivesse uma conduta espiritual de forma plenamente consciente, mas agarrando-se ao raciocínio não permite que o espírito se manifeste.

Como poderemos fortalecer a voz interior? Pela meditação? — inquiriu o brasileiro.

— Meditar apenas não é suficiente. A intuição se acha soterrada pelo raciocínio. Sem a base sólida do saber da Criação, a meditação irá se apoiar, exclusivamente, na materialidade. Já o trabalho de limpeza da mente é muito importante. É como a necessidade de esvaziar diariamente o cesto de lixo para que os resíduos não apodreçam. Reencarnações são oportunidades para evoluir e alcançar o saber da Criação. Infelizmente, o corpo tem dominado o espírito, criando uma vontade cerebral instintiva própria, em desacordo com as leis da Criação que sufoca a voz interior.

— Entendi — lastimou-se Viveca, — muitos deixarão que o relatório passe por suas vidas sem maior interesse, porque desenvolveram a inteligência mental em detrimento da inteligência espiritual, cada vez mais fragilizada. Na atualidade o ser humano está desamparado, pois precisa compreender o real significado da vida para que tenha como meta a evolução. Mas também precisa ser preparado para a vida para atuar com autoconfiança e, com isso, se tornar cada vez mais elevado, criativo, corajoso e alegre diante das dificuldades.

— Uma pena — suspirou o Master convidando os amigos a prosseguirem com a leitura dos manuscritos. — Temo que não dispomos de muito tempo.

Na sala dos manuscritos, alguém tateia no escuro em busca de, ao menos, parte do texto de Nola. O vulto percebe a aproximação dos ametistas e apressa-se em entregar as páginas encontradas para outra figura sombria que se esgueira pela porta envidraçada que se abre para o jardim. O brilho difuso do anoitecer não deixa dúvidas: McMilan, de posse de parte dos escritos, foge sorrateiramente pelos arbustos e segue a passos largos a caminho da entrada principal da fazenda. Carlo, ao acender a luz, exclama ao deparar com o amigo:

— Que susto, Jean Batiste. O que fazia aí no escuro?

## Um traidor entre os ametistas

Com um jeito dissimulado, o francês disse que a leitura do manuscrito o havia deixado um tanto abalado e que preferiu ficar um pouco no escuro e sozinho para meditar no significado do que acabara de ouvir: — Acho que foi um dia e tanto. Devíamos fazer uma pausa. Vamos jantar e descansar o resto da noite. Continuaremos a ler o manuscrito amanhã. O que acham?

— Estou totalmente de acordo. Também gostaria de me restabelecer antes de dar prosseguimento aos trabalhos — disse Bárbara.

— Acho que todos estamos cansados. Vamos jantar e descansar o resto da noite. Recomeçaremos amanhã, bem cedo — sugeriu Thomas Ferreira.

Vendo que todos pareciam realmente exaustos, Zaion concordou com a pausa e o grupo se dirigiu à sala de jantar. Depois da farta refeição, os companheiros passaram algumas horas conversando de forma descontraída uns com os outros. Tarde da noite, as irmãs Sinclair decidiram voltar para a fazenda de Ferreira, onde estavam hospedadas, junto com seu anfitrião, para descansar.

No meio da madrugada, Zaion teve um sono agitado. Annunziata surgiu envolta em um manto vermelho e a expressão de seu rosto era de medo, desamparo e dor. Como que em câmera lenta, ela se virou e deixou cair o manto,

revelando que havia um punhal cravado em suas costas. O Master acordou de um salto, assustado. O que a vidente estava tentando lhe dizer? Levantou-se e foi até o banheiro para lavar o rosto. Ao se ver no espelho, teve uma intuição: “Traição. Mas é claro! Uma punhalada pelas costas. Só pode ser isso. Alguém de nossa confiança irá nos trair”.

Vestiu o roupão e se dirigiu correndo para a biblioteca. Acendeu as luzes e abriu a gaveta em que Bárbara havia guardado parte do manuscrito e empalideceu ao constatar que nada mais restava ali. — Fomos roubados — gritou num impulso, e começou a revirar a biblioteca.

Acordado pelos gritos do Master, Carlo Arnaboldi entrou correndo na biblioteca e, vendo o amigo transtornado, entendeu que algo muito grave havia ocorrido.

— O manuscrito sumiu — disse Zaion.

O burburinho acordou também Viveca e Humberto Sanches, que se juntaram aos dois companheiros na biblioteca, seguidos por Jean Baptiste, Ivan Ruiz e Jonathan Kristen. Sem dizer nada, todos começaram a vasculhar as demais gavetas e estantes, e também outros cômodos da casa.

— Onde ele está? — perguntou Arnaboldi ao francês, com voz e atitude ameaçadora.

— Como vou saber? Sei tanto quanto você. Por que está falando comigo desse jeito? — indagou Jean Baptiste.

— Porque você não estava conosco na varanda. Ficou sozinho na biblioteca, no escuro, e se assustou quando voltamos — retrucou o italiano.

— Ora, não diga asneiras. Acha que se eu tivesse feito isso seria tão estúpido a ponto de ficar no local? Naquela hora eu estava meditando, de olhos fechados. Qualquer um poderia ter entrado sem que eu percebesse — defendeu-se.

— Mas foi você que sugeriu que a gente fizesse uma pausa na leitura do manuscrito. Assim o seu comparsa teria tempo de fugir sem que nos déssemos conta — acusou Viveca.

— Eu não acredito que vocês estejam suspeitando de mim. Isso é um absurdo! E eu não fui o único a querer des-cansar. Bárbara e Ferreira também acharam que era melhor parar. Por que não suspeitam deles? — contra-argumentou o francês.

— Senhores, vamos nos acalmar. Nem tudo está perdido — contemporizou Ivan Ruiz. — Brenda escreveu o texto decodificado no computador. Ainda podemos recuperar essa parte. E o restante do manuscrito está com as irmãs, na fazenda do Ferreira — completou.

Zaion foi correndo verificar o computador, mas sua expressão ficou ainda mais grave. Ao abrir o documento, apareceu o desenho de uma caveira dando risada e, em seguida, a tela escureceu.

— Quem roubou o original, fez o serviço completo. Também instalou um vírus no computador. Todo o trabalho feito está perdido — decretou.

Quando amanheceu, as irmãs Sinclair e Ferreira chegaram à fazenda e mal podiam acreditar no que ouviram.

— Ao menos, salvamos uma parte do manuscrito. Ele está bem aqui — falou Brenda, mostrando a bolsa que trazia junto ao corpo.

— Temos que redobrar a segurança para que não roubem esta parte também — disse o Master, já refeito do baque sofrido. — E temos que recuperar a parte que nos foi covardemente subtraída. Quem teria motivos para fazer isso? — perguntou Zaion, olhando para Kristen, que pareceu ficar incomodado.

— Nenhum de nós faria uma coisa dessas, Zaion. Deve ter sido alguém de fora. Há muita gente interessada em destruir esse documento e você sabe disso. Provavelmente fomos seguidos e é muito difícil ter total segurança numa fazenda — salientou Ferreira.

O grupo foi interrompido pelo som estridente do tele-

fone. Ruiz atendeu, enquanto a discussão entre os ametistas não dava sinais de acabar tão cedo. Após desligar o telefone, o espanhol começou a falar.

— Era Malik. Nosso amigo africano queria saber se precisávamos de reforços, já que Gerald McMilan foi visto embarcando num avião rumo a Cuiabá.

Fez uma pausa e calmamente se postou na frente de Kristen:

— Por que você não deu o recado que ele pediu ao Zaion?

O rosto branco do inglês ficou ainda mais pálido. Ele começou a falar, gaguejando:

— Ora, eeeuu esqueci. Estava tão empolgado com a leitura do manuscrito, que acabei esquecendo de dizer ao Master que Malik havia ligado. Além do mais, não achei que corríamos nenhum risco — defendeu-se, visivelmente nervoso.

— Então foi você — acusou Jean Baptiste, agarrando o inglês pelo colarinho.

Os dois começaram a brigar e a bater um no outro, sendo apartados por Ruiz e pelo Master. Como um bicho acuado, Kristen deu um empurrão no Master, que caiu sobre os outros companheiros. Em seguida, arrancou a bolsa de Brenda, em que estava a outra parte do manuscrito, e saiu correndo, atravessou o jardim, seguiu para um campo aberto e, num salto, montou num cavalo que estava pastando ao sol. Com habilidade de um verdadeiro *jockey*, saiu em disparada. Todos o seguiram, mas não conseguiriam alcançá-lo a pé.

Carlo Arnaboldi deu meia-volta e correu para o carro que estava estacionado junto à entrada da casa, mas o motor não funcionou. Ele abriu o capô e verificou que alguém havia retirado a correia. O carro ao lado, em que Ferreira havia chegado junto com as irmãs Sinclair, também estava sem condições de seguir o fugitivo. Os quatro pneus haviam



sido esvaziados.

Ferreira e Ruiz foram para o estábulo, selaram dois cavalos e saíram em disparada para ver se conseguiam avistar Kristen. Nesse meio-tempo, Bárbara se dirigiu ao Master com uma expressão grave:

— Precisamos voltar para a fazenda do Ferreira agora mesmo. Uma voz interior me dizia para ser mais prudente, por isso pedi a Brenda para trazer apenas uma parte do documento. A outra ficou num cofre, no meu quarto, na fazenda do nosso companheiro brasileiro. Temos que ter certeza que ainda está lá — sentenciou.

Zaion sabia que não deveriam perder a calma. Respirou fundo e chamou o caseiro da fazenda para que lhe emprestasse um carro. Isso feito, ele se dirigiu junto com Bárbara e Humberto para a fazenda de Ferreira, pedindo para que Viveca, Arnaboldi e Jean Baptiste permanecessem na casa e contatassem, por telefone, Malik e Walter Hoffman, avisando-os para se manterem alertas sobre qualquer movimentação estranha. Havia a possibilidade de que os que roubaram o manuscrito tentassem algum contato com os integrantes dos Invasores, que permaneceram em Fortaleza, seguindo de perto os passos dos ametistas que lá ficaram.

Do outro lado da fazenda do amigo de Ferreira, o ametista brasileiro e o espanhol Ruiz avistaram o cavalo usado por Kristen pastando no gramado, perto do bosque. Mas não havia nem sinal do inglês. Os dois desceram dos cavalos, amarraram-nos num galho de árvore e seguiram a pé pelo bosque adentro, tentando ver se havia alguma pista no chão. Nesse meio-tempo, Ruiz recebeu uma pancada na cabeça e desmaiou.

Momentos depois, na fazenda de Ferreira, Zaion e Bárbara entraram no quarto em que a inglesa estava hospedada e tiveram outra surpresa terrível: o cofre estava aberto e nada mais restara dentro dele, a não ser um bilhete, endereçado a Zaion. Nele, lia-se o seguinte:

Meu caro Master,  
a humanidade ainda não está preparada para lidar com a verdade. É melhor que este manuscrito permaneça oculto por mais algum tempo. Existem forças do mal que impediram na sociedade e não permitiriam que a humanidade fosse alertada para impedir seu avanço. Não estou contra a nossa irmandade. Acredite, ainda sou e sempre serei um ametista. Mas preciso guardar esta preciosidade num local seguro, para que apenas as gerações futuras o revelem. Talvez seja necessário que o mal impere por mais algum tempo para que germine nos corações humanos a vontade genuína de mudar de rumo. Esta hora, meu caro amigo, ainda não chegou.

O bilhete não estava assinado, mas Zaion reconheceu a letra. Era a de Thomas Ferreira.

No bosque, Ferreira avistou Kristen, que se aproximou.

— Você não o machucou, não é? — perguntou o inglês, referindo-se a Ruiz, que estava no chão, desacordado.

— Claro que não. Mas eu tinha que imobilizá-lo. A essa altura, Zaion já deve ter lido o bilhete que pedi para McMilan deixar dentro do cofre, assim que saí de casa junto com as irmãs Sinclair. Marquei de nos encontrarmos no bar do Velásquez, na cidade. Ele já deve estar lá. Onde está o restante do documento? — perguntou Ferreira.

— Está num lugar seguro. Acho melhor nem você saber qual é. Não confio muito nesse tal de McMilan. E você? — retrucou Kristen.

— Fica difícil saber em quem confiar, meu amigo. Mas acho que você teve uma atitude prudente. Vamos, porque não há tempo a perder.

Os dois montaram nos cavalos e saíram em disparada, deixando Ruiz no chão. Horas depois, o espanhol recobrou a consciência e voltou a pé para a casa da fazenda, com um

enorme galo na cabeça.

Ele estava entrando na casa, ao mesmo tempo em que Zaion, Bárbara e Humberto regressavam da fazenda de Ferreira. Os demais que estavam na casa, ansiosos por notícias, viam nas expressões dos companheiros que a situação era ainda pior do que poderiam imaginar. Com uma bolsa de gelo no imenso galo formado atrás da cabeça, em virtude da pancada, Ruiz não podia acreditar no que seu amigo Ferreira havia feito a ele e a toda a irmandade.

— Tenho que admitir que, em parte, Ferreira tem razão. Se nem os membros da nossa própria fraternidade conseguem agir com transparência e retidão, o que dirá as demais pessoas que deixaram de cultivar o espírito. De fato, a humanidade ainda não está preparada para lidar com a verdade — suspirou Viveca.

— Meus amigos, peço que não desanimem — interrompeu Zaion. — A única parte boa nessa história é que nosso companheiro não se deixou corromper pelo dinheiro ou por riquezas que possam ter oferecido a ele. Sua intenção era a de preservar o documento para revelá-lo apenas no futuro.

— Mas, como diz o ditado popular, de boas intenções o inferno anda cheio. Nada justifica essa traição. Nada! — bradou Ruiz, indignado. — O que vamos fazer agora? — perguntou a Zaion.

— Vamos nos organizar para tentarmos encontrar Ferreira, antes que ele cometa alguma tolice. Talvez ainda possamos recuperar o manuscrito. Ou pelo menos, parte dele — sentenciou o Master. — Alguém tem alguma sugestão?

— Enquanto vocês estavam fora, fiquei conversando com o Sebastião, o caseiro da fazenda. Numa conversa descontraída, ele deixou escapar que o Ferreira costuma frequentar um bar na cidade. Parece que o nome do dono, que aliás é amigo dele, é Velásquez. Não custa nada a gente ir até lá. Quem sabe, não encontramos alguma pista? — arriscou Brenda.

— Boa idéia, mana. Eu sabia que a nossa paixão pelos livros da Ágata Christie não seria em vão — brincou Bárbara, tentando amenizar o ar tenso que havia se instalado no íntimo de seus companheiros.

As irmãs inglesas foram junto com Zaion, Ruiz, Viveca e Humberto Sanches rumo ao tal bar, na tentativa de achar algum indício do paradeiro do documento. Enquanto isso, Carlo Arnaboldi e Jean Baptiste ficaram incumbidos de voltar ao local onde o espanhol havia sido golpeado, para ver se conseguiam encontrar alguma pista deixada por Kristen e Ferreira. Os dois seguiram a cavalo e, perto do bosque, viram pegadas na relva. Decidiram segui-las. Cavalgaram durante horas, até que viram um corpo estirado à beira de um lago próximo. Os dois desceram dos cavalos, se aproximaram para verificar que, coberto de sangue da cabeça aos pés, aquele homem transfigurado pela violência era o traidor brasileiro, que havia sido esfaqueado várias vezes antes de ser largado ao relento.

— Ele ainda está vivo — afirmou o francês.

— Você acha que foi o Kristen que fez isso com ele? — perguntou o italiano.

— Confesso que estou totalmente pasmo. Não sei mais o que pensar. Jamais poderia imaginar que algum companheiro nosso nos traísse. E menos ainda dois deles. Conheço Kristen há anos e o considerava um grande amigo, quase um irmão. O que será que deu nele? — questionava Jean Baptiste.

— Ganância, meu caro amigo. O dinheiro é uma praga capaz de seduzir e ludibriar. É preciso ter valores muito sólidos para não se deixar encantar. Devem ter oferecido a ele uma grana preta. Soube que ele estava em dificuldades financeiras depois que se separou. Parece que a ex-esposa tirou dele até o último tostão. Além disso, ele gostava de investir em ações e perdeu grandes quantias em negociações

pouco inteligentes de seus corretores na bolsa de valores. E você sabe como nosso bom amigo gosta de conforto e luxo — arriscou Arnaboldi.

— Precisamos de socorro com urgência. Resta pouco tempo para o Ferreira — afirmou o francês pronto a improvisar uma padiola com sua camisa e a do companheiro italiano.

Enquanto isso, a comitiva capitaneada por Zaion se aproximava da cidade, quando Viveca percebeu que o carro que vinha na direção contrária estava sendo dirigido por McMilan. — É o fotógrafo que estava nos seguindo no Rio Rápido, Zaion, dê a volta e siga aquele carro — antecipou-se.

— McMilan. Só pode ser ele — disse Zaion, virando o carro bruscamente. — Ele nos viu? — perguntou ao grupo.

— Acho que não — respondeu Humberto. Vamos segui-lo, mas tome cuidado para que ele não perceba. Deve estar levando o documento para alguém. Se formos habilidosos, conseguiremos saber quem está por trás disso e, de quebra, vamos recuperar o manuscrito.

— Espero que você tenha razão — comentou Bárbara.

O carro à frente seguia a toda velocidade. A certa altura, entrou numa estrada de terra e continuou seguindo em frente. Zaion mantinha-se em seu encaço, tomando cuidado para ficar distante o suficiente para não ser notado. Depois de algumas horas, o carro finalmente parou perto de uma pequena casa de pedra. Os ametistas pararam o carro a uma distância segura e desceram do veículo, tentando se aproximar da casa sem ser notados.

Assim que entraram na casa, Kristen se dirigiu a McMilan:

— Já fiz a minha parte. O documento que Ferreira queria tanto preservar já está em seu poder. Mas você não precisava tê-lo matado. Por que simplesmente não o imobilizou?

—Porque não é possível fazer uma omelete sem quebrar

os ovos, ora. Se não queria sujar as mãos, não devia ter se metido nisso. Agora é tarde demais — contestou McMilan.

— Está bem, não quero discutir. Você já está com tudo mesmo. Além do documento que arranquei das mãos da Brenda e dos que lhe dei naquela noite na fazenda, há a outra parte que você tirou do cofre daquela outra gorducha gulosa. Agora é a minha vez. Onde está o dinheiro que me prometeu? — indagou o inglês.

— Calma, tudo a seu tempo. Vamos acender a lareira primeiro. Está um gelo aqui dentro. Vá pegar a lenha, enquanto vou esquentar a água para um chá — disse McMilan.

Depois que acendeu a lareira, Kristen virou-se para o escocês e disse:

— Estou com um mau pressentimento. Me dê logo o dinheiro. Quero sair daqui o quanto antes.

— Ora, ora. Não quer conhecer seus benfeitores? Eles deverão chegar logo — rebateu.

— Não. Fique você esperando por eles. Eu quero a minha grana. Quanto antes sair do país, menos chance terei de ser apanhado pelos ametistas — sentenciou Kristen.

— Está bem. Se prefere assim — disse McMilan, dirigindo-se para um cofre que estava na parede, escondido por um quadro. Ele abriu o cofre, pegou uma caixa que estava lá dentro e, enquanto a abria, ainda de costas para o inglês, completou:

— Você sabe o que acontece aos traidores, não é *my friend*?

Do lado de fora, os ametistas, que já estavam bem perto da casa, ouviram três tiros. Eles correram e puderam ver pela janela que Kristen estava morto no chão, enquanto McMilan começava a jogar alguns papéis dentro da lareira.

É o manuscrito! Aquele desgraçado o está queimando — gritou Viveca, do lado de fora da janela.

Zaion e Humberto arrombaram a porta e se dirigiram

ao escocês, na tentativa de impedi-lo. Mas esse, ao ser surpreendido, jogou toda a pasta que continha o documento no fogo e correu para alcançar o revólver que havia deixado sobre a mesa, a alguns metros de distância. Humberto avançou sobre McMilan, enquanto Zaion pegava a arma e a jogava em direção à porta, sendo recuperada por Bárbara. Enquanto os homens lutavam, Viveca e Brenda tentaram tirar a pasta do fogo. Elas conseguiram pegá-la em chamas e a jogaram no chão. Com a *écharpe* que trazia ao colo, Brenda tentou apagar o fogo. Mas era tarde demais. A maior parte do manuscrito havia se transformado em cinzas. E o que restara, não servia para nada.

— O mal venceu — desesperou-se Viveca.

Sentado no chão, com as mãos e os pés amarrados, McMilan sorria satisfeito. Zaion aproximou-se dele e perguntou:

— Quem está por trás disso? Por que destruíram o documento? O que esperam ganhar com isso?

— Tempo, meu caro. A natureza humana é má e não pode ser corrompida por esses arroubos babacas de entendimento da verdade e conexão com o todo, como vocês, idiotas ametistas, preferem acreditar. Sua voz estava começando a ser ouvida por muita gente, Zaion. E com o manuscrito apoiando as suas crenças, corríamos o risco de perder nossa força junto aos espíritos mais fracos — finalizando a frase com uma sonora gargalhada.

— O que vamos fazer agora? — questionou Bárbara.

— Vamos chamar a polícia. Este homem é um assassino e seu lugar é na cadeia. Quanto a nós, vamos voltar para a fazenda, fazer as malas e seguir para Fortaleza — disse Zaion. E voltando-se para McMilan, continuou: — Se você pensa que nos derrotou, está muito enganado. Você destruiu o manuscrito, mas não o conhecimento que ele continha. Esse, meu caro, nada nem ninguém poderá destruir — concluiu.

## A importância da vontade humana

Alguns dias depois do trágico acontecimento, os companheiros da Fraternidade Ametista voltaram a se encontrar em Fortaleza, numa reunião convocada pelo Master:

— Meus caros irmãos, sei que muitos de vocês ainda estão abalados com tudo o que houve. Eu também custei a aceitar a terrível perda de um documento tão precioso como aquele. Mas sabemos que tudo na vida acontece por uma razão. Nada é coincidência ou obra do acaso. Acredito que tudo isso só serviu para nos unir e para reavivar em nós a consciência do nosso papel neste plano e neste momento — disse Zaion, com o tom sereno habitual.

E prosseguiu:

— Esta noite fui novamente visitado, em meus sonhos, pela vidente de Nola. Ela me levou até um lugarejo, onde havia um casebre em ruínas. Mostrou-me uma enxada e apontou para uma parede de tijolos à mostra, dentro da tal casa. Em seguida, ela mesma pegou outra enxada e começou a quebrar a parede, pedindo-me para ajudá-la. Conseguimos cavar um buraco e pude ver que havia um cilindro enterrado entre as camadas de tijolos. Com cuidado o retirei e o abri. Havia um documento dentro dele, e quando comecei a ler o que estava escrito, o documento se transformou em pó nas minhas mãos. Acordei sobressaltado, mas depois



que me refiz entendi o que ela queria me dizer. Tudo o que estava relatado no manuscrito não tem importância. Porque o verdadeiro conhecimento está ao nosso alcance. Basta que voltemos a nos conectar com o sagrado, com a fonte da inteligência criativa, com a natureza, com o Criador. E isso, meus caros, nós já sabemos fazer. Nossa missão, daqui para a frente, será a de transmitir isso às pessoas. Será levar o nosso conhecimento para as pessoas comuns, induzindo-as a voltar a cultivar o lado espiritual. Só assim seremos capazes de combater o mal e minar o seu avanço.

Zaion continuou:

— Chamei vocês aqui hoje para que possamos trocar nossos conhecimentos e também para que estipulemos formas de trazer mais pessoas para a Fraternidade. Elas e nós todos deveremos agir como multiplicadores do conhecimento. Vamos aproveitar esse momento para reavivar algumas questões. Como todos sabemos, o ser humano necessita assegurar a harmonia entre o corpo e o espírito a fim de proporcionar um desenvolvimento sadio e eficaz para cumprir, de modo integral, a finalidade do autodesenvolvimento e, concomitante, o beneficiamento da Criação. Cada pedra, cada planta, cada animal tem sua irradiação, também chamada de aura, que pode ser observada e que varia conforme o estado do corpo. Por isso podem ser observadas perturbações no anel de irradiações e reconhecidos, assim, focos de doença. É preciso saber avaliar que efeito exerce a escolha de alimentos sobre o sistema de irradiações e verificar o que consegue ajudar o equilíbrio, fortalecendo ou enfraquecendo algumas coisas e também alterando o que predomina. Assim, os seres humanos deveriam dedicar maior atenção ao importante estudo da aura, pois pelas suas cores é possível reconhecer o verdadeiro estado de uma pessoa, mas não terão a compreensão acertada enquanto não ampliarem a sua percepção espiritual. A vontade é a expressão do espírito. Tudo quanto é espiritual é magnético, atraindo e sendo

atraído. Por causa da preguiça, muitos se tornaram dependentes no espírito, incapazes de tornar realidade a própria vontade.

Jean Baptiste concordou com o Master e complementou:

— Frequentemente as pessoas são levadas a crer que a vida é uma coisa com a qual não devem se ocupar de forma muito séria. Ou se contentam com as idéias pouco claras ensinadas pela religião ou ficam sendo manipuladas pelos condicionamentos que são repassados pela mídia. Saber mesmo é um luxo para o qual poucos dedicam o seu tempo.

As palavras do francês levaram o Master a fazer outras indagações:

— O que as pessoas querem? Com o que elas ocupam os seus pensamentos, na maior parte do tempo? Quantas vezes, em sua existência, uma pessoa se aquieta para examinar qual é o sentido da vida? A grande maioria passa pela vida sem vivê-la realmente. Qualquer ação de uma pessoa é sempre precedida de uma vontade espiritual. Os corpos terrenos são apenas os instrumentos executores vivificados pelo espírito. Cada ação terrena pode ser considerada como expressão exterior de um processo íntimo, isto é, a expressão da vontade intuitiva, que significa ação do espírito e que não pode ser colocada no mesmo grau da vontade mental.

Viveca também quis participar do debate de idéias de forma mais intensiva:

— Aos seres humanos foi dado o poder para formar as condições de vida mediante a própria força do Criador, canalizada por intermédio da vontade intuitiva. Por isso, as pessoas devem prestar muita atenção para onde conduzem o seu querer. A falta de clareza no querer conduz o pensamento por caminhos obscuros, atraindo confusão e sofrimento.

— É isso mesmo, Viveca — retomou Zaion. — A vontade intuitiva é a única conexão para o desencadeamento das ondas de força espiritual que se encontram na obra do

Criador, aguardando o estímulo da vontade dos espíritos humanos. Feliz dele se as utilizar somente para o bem. Mas ai dele se se deixar induzir e utilizá-las para o mal. Nossos dois companheiros ametistas Ferreira e Kristen não souberam aplicar os conhecimentos na prática. Eles não conseguiram compreender a sutileza dos sentimentos íntimos e intuitivos e se deixaram levar por falsas premissas. Um deles achava que estava fazendo o bem. O outro queria apenas lucrar. Mas ambos se perderam. O ser humano sábio deveria seguir, imperturbável, o seu caminho. Porém, na ignorância, acabará seguindo como nau desgovernada no embate dos apelos a que será submetido a todo instante. Com isso, invejarão e serão invejados. Invejar é como segregar uma substância venenosa que intoxica o ambiente. Quando se é invejado sente-se o clima pesado ferindo e envenenando a vida. A inveja fará que os seres humanos se prejudiquem uns aos outros com opressão, atemorizações, inseguranças e indecisões.

Ruiz tomou a palavra:

— Cada um deverá concentrar-se em seu trabalho, sem ficar pensando naqueles mais bem-sucedidos, atormentando-se com isso, para não perder a pureza interior e ficar cego pela inveja, perdendo a visão do que realmente é importante na vida. Devemos nos concentrar, daqui para a frente, em ajudar as pessoas a se concentrarem naquilo que desejam, e no seu trabalho, aceitando o insucesso e o infortúnio sem fazer exigências. Com a sua dedicação e força de vontade, atrairá magneticamente o que necessita e, então, a felicidade poderá aparecer de repente, como uma graça obtida.

— Isso mesmo, meu caro amigo Ruiz — interrompeu Humberto Sanches. — A inveja é um sentimento intuitivo inferior que deveria ser barrado. Mas, uma vez acolhido, desperta pensamentos no cérebro, estabelecendo ligação com a força viva que só o espírito humano está capacitado a movimentar. Então, a força assim mobilizada fortalece os

pensamentos originais, direcionando-os para o objeto, a fim de ali causar danos, se encontrar solo para tanto. Contudo, o gerador fica ligado, tendo que arcar com as conseqüências de sua atitude negativa. Tal como acontece com a inveja ocorre com todos os sentimentos intuitivos, tanto os inferiores, o ciúme, a cobiça, o ódio, como com os mais nobres, o amor, a coragem e a misericórdia. O ser humano tem a livre escolha. A de enobrecer o seu mundo de forma construtiva, ou produzir os demônios que atrairão a infelicidade para muitos e o atormentarão como conseqüência da lei da reciprocidade.

— Lamentavelmente, temos que constatar a má utilização da força espiritual pelos seres humanos — disse o francês, — principalmente neste tumultuado século de desencontros e desentendimentos. Os seres humanos devem tomar consciência imediatamente, atentando para o emprego correto de sua vontade. Lembro-me de uma parte do Manuscrito de Nola em que a vidente dizia que num tempo distante os seres humanos ficariam surpreendidos com a velocidade dos acontecimentos. Haverá o desejo, nas pessoas, de se revoltarem contra o que não pode ser mudado, mas terão de aceitar as condições, colhendo o que semearam. É indispensável muita cautela para não se deixar dominar pela fúria, aceitando a reciprocidade de forma humilde, pois ela é justa e incorruptível.

— É verdade — disse o Master. — A agitação afeta os humores, deixando as pessoas aflitas e inquietas, presas a algum pensamento inútil e mesquinho, o que sombreia o seu ambiente. Mais do que nunca, temos que buscar a serenidade, agindo com calma e ponderação, examinando o nosso proceder com sinceridade, pois sem cultivar esses valores, as pessoas começarão a agir como vítimas dos outros, quando na verdade são vítimas de si mesmas, do seu raciocínio cismador que impede a delicada manifestação da intuição que percebe a vida em sua abrangência mais ampla, pois a vida

terrena é apenas uma importante etapa da peregrinação do espírito.

Depois do debate de idéias, Zaion pediu aos companheiros que voltassem para seus respectivos países. Em breve seriam novamente contatados para dar continuidade ao projeto de agirem como multiplicadores do conhecimento e da iluminação, contribuindo para despertar a humanidade do sono profundo da ignorância e incentivando-a a cultivar o espírito e a se reconectar com a Verdade.

Quando todos saíram da sala, Bárbara e Brenda se aproximaram de Zaion. Certificando-se de que ninguém os ouvia, Bárbara chegou mais perto do Master e cochichou em seu ouvido:

— Quando iremos revelar aos nossos companheiros que a parte final e mais importante do manuscrito foi salva e está em nosso poder?

— Temos que tomar todo o cuidado, Barbie. Por enquanto, é melhor que ninguém saiba que você havia deixado uma cópia falsa do documento dentro do cofre de Ferreira e que a verdadeira esteve o tempo todo com você, colada ao seu corpo por uma fita crepe e sob as suas vestes. Nossos inimigos precisam ter certeza que nos derrotaram. Vamos deixar passar um pouco mais de tempo. Enquanto isso, minhas queridas e leais amigas, continuem a decodificar o documento em segredo. No momento oportuno, a verdade será revelada — disse Zaion, despedindo-se de ambas com um grande e apertado abraço.

## O anticristo e a conspiração contra a humanidade

As inglesas e o italiano permaneceram em Fortaleza, com o Master. A decodificação da parte do manuscrito que havia sido salva por Bárbara adiantava-se e permitia a Zaion declarar num suspiro:

— Realmente, esta parte explica os males na face da Terra. Fazendo um apanhado da evolução humana, mostra com clareza onde se processou a grande falha.

Carlo Arnaboldi, ao passar os olhos nos trechos decodificados, comentou sobre uma informação impressionante e que se assemelhava à do livro *As grandes profecias*, de Franco Cuomo, que transcrevia o texto do jornalista Alemão Louis Emrich, sobre o “terceiro segredo de Fátima”. Ele sempre trazia esse texto junto a si e insistiu em ler em voz alta para os amigos, para que também apreciassem a semelhança das mensagens:

[...] Um grande castigo cairá sobre todo o gênero humano, não hoje nem amanhã, mas na segunda metade do século XX. [...] Em nenhum lugar do mundo existe ordem e Satanás reina nos escalões mais altos, determinando o andamento das coisas. Ele efetivamente conseguirá introduzir-se até na mais alta hierarquia da Igreja; conseguirá seduzir os espíritos dos grandes cientistas que inventam armas com

as quais será possível destruir, em poucos minutos, grande parte da humanidade... E então vereis que Deus castigará os homens com severidade maior do que o fez com o dilúvio. Chegará o tempo dos tempos e o fim de todos os fins, caso a humanidade não se converta; ...Também para a Igreja chegará o tempo das suas maiores provações: cardeais vão se opor a cardeais, bispos a bispos. Satanás marchará nas suas fileiras e ocorrerão mudanças em Roma...Tempo virá em que nenhum rei, imperador, cardeal ou bispo esperará aquele que ainda virá, mas para punir segundo o desígnio do meu Pai. Uma grande guerra será desencadeada na segunda metade do século XX. Fogo e fumaça cairão do céu, as águas do oceano transformar-se-ão em vapor, uma onda se erguerá turbulenta e tudo afundará. Milhões e milhões de homens morrerão de hora em hora, e os que permanecerem vivos invejarão os mortos. Para qualquer lugar que se olhe será angústia, miséria, ruína em todos os países da Terra. Estais vendo? O tempo se aproxima cada vez mais e o abismo se alarga sem esperança. Os bons morrerão junto com os maus, os grandes com os pequenos, os príncipes da Igreja com os seus fiéis, os reinantes com os seus súditos. Haverá morte em toda a parte por causa dos erros dos insensatos e dos guerrilheiros de Satanás, o qual então reinará absoluto sobre o mundo...

— De fato essa versão do terceiro segredo é assustadora e... verossímil — comentou Bárbara, com um nó na garganta, — e encontro semelhanças com o Manuscrito de Nola, no que diz respeito a influência satânicas. Em 1917, a menina Lúcia de Jesus dos Santos e outras duas crianças receberam revelações num fato conhecido como as três mensagens de Fátima. Durante anos, a irmã Maria Lúcia do Coração Imaculado ficou aguardando, esperançosa de ver acatadas as recomendações, mas em 2005, a sua alma abandonou a Terra sem que as suas anotações tivessem sido

exibidas — completou a inglesa.

— Sobre a previsão de guerra, parece que essa profecia está errada, pois já estamos no século XXI — disse o italiano.

— Não — respondeu o Master, — a guerra está presente há alguns anos. Os efeitos podem parecer adiados, mas armas nucleares estão proliferando em vários países.

— Acho que devemos prosseguir examinando como estão as outras partes do manuscrito — pediu com ansiedade o espanhol, que surpreendentemente decidira permanecer em Fortaleza junto com o amigo francês e que entrava, junto com ele, na sala em que o Master e os ametistas decifravam o conteúdo protegido do relatório. Zaion e o grupo sorriram em sinal de boas-vindas. Master reconhecia que a forte intuição dos amigos os mantivera ali como o grupo ametista e pediu que uma das inglesas prosseguisse com a leitura do Manuscrito de Nola decodificado.

“Os humanos deveriam fortalecer o espírito por meio das vivências. As sementes do espírito retornariam, após a experiência do corpo, fortalecidas pelo esplendor da Luz da Verdade. Chegaria o momento da conexão entre o espírito e o raciocínio que levaria o homem ao livre arbítrio, para o progresso espiritual em paz e harmonia na Terra” — disse Brenda, com o tom solene. E prosseguiu:

Às ocultas, as trevas impediram que os humanos aproveitassem a estada na maravilhosa Terra. Foram lançadas idéias destrutivas na mente dos descuidados, envolvendo-os em paixões baixas, levando-os à presunção, à vaidade e à arrogância. As pessoas estão mentalmente presas a falsos conceitos. Para se libertar, cada um deverá assumir o comando da própria mente.

— Aqui ainda diz... — disse ela, prosseguindo na leitura,



no longínquo século XX, surgirá um povo que poderá estabelecer a paz mundial, desde que os seus líderes não se deixem levar pela ânsia de dominar o Planeta. Haverá uma luta em busca do poder. Todos buscarão por prazeres passageiros até a saturação. Haverá inúmeras religiões clamando para si o direito de se julgar a certa. Após a queda das Torres.

E fez uma pausa, comentando em seguida:

— Creio que ela está descrevendo o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, que destruiu as Torres Gêmeas nos Estados Unidos — e prosseguiu:

e fanatismos, radicalismos e ódios desencadearão a guerra que colocará o Planeta sob risco de destruição. A desconfiança é uma das piores armadilhas para os seres humanos, pois as almas dessas pessoas são atadas indissolúvelmente com espíritos luciferianos. O cérebro estará superdesenvolvido e, o espírito, sufocado pelo fluxo crescente dos pensamentos gerados. A Terra estará sob caóticas condições.

Brenda tomou um gole de água e continuou a leitura:

O seres humanos estarão muito afastados dos reais ensinamentos de Jesus Cristo. No tempo em que viveu na Terra, Jesus incomodou os adeptos da mentira. Esses inimigos da verdade sabiam que somente poderiam calar Jesus, se Ele fosse retirado de seu corpo terreno. Os que detinham o poder arquitetaram o plano. E Jesus precisava de tempo para permanecer entre os humanos para falar-lhes a verdade. Então Ele pediu ao Pai para afastar o cálice do sofrimento iminente, pois derramar seu sangue inocente não era a finalidade de sua vida. Sendo, porém, o funcionamento

das leis da Criação perfeitos e imutáveis, o livre arbítrio dos seres humano deveria ser consumado, sobrecarregando-se, assim, a humanidade de uma enorme culpa. Atentem para isto: Jesus não quis fundar uma igreja, mas mostrar o verdadeiro caminho para a humanidade que abriu as portas para o mal. Ele anunciou a Verdade que encerra as verdades das religiões, mas as trevas que se julgavam donas da humanidade inteira, desenvolveram uma luta por todos os meios para que a obra salvadora se tornasse irrealizável, pois seu objetivo era provocar a morte espiritual.

Jesus foi gerado naturalmente. O homem e a mulher têm a capacidade de gerar filhos, mas não para insuflar vida no corpo que dão ensejo para se formar. A vida só começa quando o espírito se encarna. Assim como houve o ato de geração, também o seu corpo terreno, sem vida, entrou no processo de decomposição e transformação da matéria. Os discípulos, os judeus e os romanos da época sabiam disso claramente, mas só mais tarde foram sendo introduzidas falsas noções dogmáticas e inquestionáveis sobre o corpo de Jesus, em oposição às leis da Criação. Isso tinha que gerar infortúnios e, no futuro, desmoronar de todo o instável arcabouço em que se fundamentou a doutrina da religião criada pelo imperador Constantino, em Nicéia, no ano 325 d.C.

O anticristo esconde-se sob o raciocínio humano e, dessa forma, pode excluir a humanidade da compreensão do que se encontra fora da matéria grosseira. Seu principal alvo são as mulheres e os homens das religiões. Por meio do raciocínio, o anticristo quer destruir o que ainda restou de nobre na essência humana. Quando nasce uma criança não é uma nova vida, mas uma continuação em um novo corpo e que o raciocínio aprisionado à matéria, não quer deixar ver.

— Essa parte realmente teria levado a vidente a ser cremada, caso tivesse sido pega — disse o francês, — mas o que se passava naquela época, agora está ainda pior, é o que nos faz pensar na frase final. Por favor, Brenda, prossiga com a leitura.

Bárbara interrompeu para explicar que algumas páginas envelhecidas do manuscrito continham também complicadas fórmulas matemáticas que, depois de muitos exames, permitiram perceber a relação com o século XXI. Havia a previsão de que a população poderia atingir cerca de nove bilhões de almas encarnadas, em sua maioria ligada à vida material. A maior parte dessa população viveria em precárias condições, famintos, sem água potável, agressivos e violentos, sujeitos a doenças epidêmicas.

— Vejam — falou o Master, — o relatório prevê o aumento desmedido da população.

— Isso é um fato real — disse Jean Baptiste. — E, ao que parece, o manuscrito também contém uma explicação da provável causa da explosão demográfica.

— E contém mesmo, meu bom amigo. Veja só — disse Bárbara, pegando o documento traduzido das mãos da irmã e reiniciando a leitura:

Não suponham que tenha havido qualquer falha do Criador e suas leis. Os seres humanos deveriam viver de tal forma a não se constituírem numa ameaça para a natureza com sua influência destruidora. Gaia, a Senhora da Terra, a entidade que zela pelas condições do Planeta, via com preocupação as crescentes massas humanas que se aglomeravam no mundo astral, bem como de seres humanos que obrigatoriamente voltavam à Terra para uma nova encarnação por terem perdido a leveza e a pureza, a fim de poderem ascender para os mundos mais luminosos. Diante das perspectivas da explosão populacional, muitos líderes intelectualistas visua-

lizam duas alternativas: trazer recursos procedentes de fora do planeta ou promover uma sensível redução através de extermínios em massa. Ambas as soluções denotam a falta de uma real compreensão da vida e do funcionamento da Criação.

— Aos olhos de pesquisadores modernos, Gaia é entendida como a natureza que reage para recompor o equilíbrio — explicou o Master.

— Vejam esta parte apagada — disse Bárbara, mostrando aos companheiros o documento original que estava aberto sobre a mesa. — Parece indicar uma data, algo em torno de dois mil e não sei quanto, em que ocorrerá a ruptura em decorrência das agressões ao meio ambiente, sem possibilidade de reverter as conseqüências desastrosas. Ou seja, de nada adiantarão cofres abarrotados de barras de ouro e moedas, pois faltarão água, alimentos e o ar também estará escasso.

— É muito provável que estejamos vivendo exatamente nesse período — completou o Master, — mas olhem a continuação na página seguinte. Por favor, prossiga Bárbara.

A inglesa ajeitou os óculos, e continuou:

Os seres humanos, depois de determinado número de vidas terrenas, deveriam seguir rumo à Luz, a fim de continuar a viver e atuar em mundos superiores. A aglomeração acarretou a destruição dos maravilhosos mundos astrais e, com certeza, também da matéria grosseira do Planeta, isto é, do seu habitat terreno.

Master compreendia que a leitura se tornava mais fácil a cada página, pois aquele grupo não estava unido à toa. Eram todos espíritos amigos, que viveram em outra época, e que já tiveram contato com a obra de Annunziata em vidas

passadas.

Após a leitura dessa parte do manuscrito, todos sentiam-se apreensivos com o futuro da espécie humana. Violência e tragédias se sucedem a olhos vistos. Ameaças de ataques e constantes retaliações constituem a melhor expressão do êxito do anticristo em destruir o que de bom e nobre havia entre os humanos.

Zaion sentia esse aperto no coração e pediu aos ametrilhadores um momento a sós. Os amigos saíram da sala cabisbaixos. O italiano, ao passar ao lado do Master, pousou sua mão carinhosamente no ombro daquele que tanto admirava. Zaion moveu a cabeça e lhe deu um sorriso em agradecimento ao apoio. Sozinho, cerrou os olhos e disse em voz alta para Annunziata lhe ouvisse:

— Em breve, farei companhia a você, como estava previsto.

Ao saírem para o jardim, Jean Baptiste aproximou-se de Brenda e perguntou se ela tinha alguma notícia sobre o estado de Ferreira.

— Falei ontem com o casal Sanches. Viveca e Humberto foram visitá-lo na clínica onde está se recuperando. Depois que você e o Arnaboldi o salvaram, ele precisou passar por algumas cirurgias e ficou em repouso absoluto durante muitos dias. Mas agora já está bem, embora muito arrependido e envergonhado do que fez — contou Brenda.

— Há algum tempo eu vinha notando que o Ferreira, às vezes, parecia muito arrogante e impaciente com as pessoas. Era como se ele achasse que sabia mais do que todos, e se sentia superior. Por isso, imagino que tenha se deixado levar por falsos conceitos de que a verdade não é para todos, mas apenas para uma seleta elite de intelectuais — comentou o francês.

— Pois é, mas a vida acabou lhe dando uma dura lição. Acredito que, mais do que nunca, ele precisa do nosso apoio e amizade, para que volte a ser o Ferreira de antigamente.

Todos somos imperfeitos e cometemos erros. O importante é saber reconhecer isso e ter humildade suficiente para corrigi-los. A lei da reciprocidade é inexorável, quando fazemos algo de bom ou de ruim a outras pessoas, estamos fazendo para nós mesmos. Os fios do destino se atam, trazendo de volta conforme o merecimento, recompensa ou castigo — completou Brenda.

## Uma pausa para reflexão

Depois de algumas horas, os ametista voltaram a se reunir, mas permaneceram alguns instantes em serena reflexão. Os últimos retoques na parte final da decodificação parecia ainda mais facilitada, como se a vidente de Nola assoprasse seu significado. Uma coisa era certa: nada é obra do acaso.

— Master — disse Jean Baptiste, — Annunziata se projetou para o século XXI, cuja turbulência e a rapidez das mudanças tanto nos têm surpreendido. Poderia nos dizer o que acha disso?

Olhando para todos, o Master foi logo apresentando as suas idéias, fruto de muitas viagens pelo mundo, e de contatos com muitos líderes e com as pessoas do povo também.

— Eu acho que o momento é apropriado, embora disponhamos de pouco tempo. Vocês estão querendo que eu apresente um resumo do que penso, pois então ouçam: o novo século ainda reserva muitas surpresas. O petróleo será considerado mais valioso que ouro e que a própria vida humana. Os poderosos tudo farão para manter sob controle as reservas petrolíferas e isso será foco de intrigas e desarmonia entre os povos. A energia nuclear, usada para fins bélicos, estará como uma espada sobre a cabeça dos seres humanos. Os conflitos decorrentes dos fanatismos religiosos se tornarão evidentes. O novo milênio provocará expectativas, para

aquele que cultivará uma nova maneira de pensar e enxergar a vida, percebendo o valor real dos cifrões que ceifam o desequilíbrio no que não ofereça imediato resultado financeiro. Mas acredito, também, que uma nova era deverá surgir, em que o conhecimento será fonte de harmonia e felicidade e que, por meio do trabalho metódico, produzirá verdadeira riqueza com a participação de todos. Hoje, pessoas despreparadas para a vida aumentam a degradação geral. Escolas não dão aos alunos o que eles mais necessitam. Tempo virá em que os estudantes aprenderão a raciocinar com lógica e rigor, submetendo tudo à reflexão intuitiva, por isso, mais facilmente encontrarão o real sentido da vida. A competição deverá ser substituída pela cooperação.

E continuou:

— Os veículos automotores e fábricas não mais lançarão poluentes na atmosfera; uma nova fonte de energia limpa será descoberta. Não mais serão produzidos bens nocivos à saúde, tais como cigarros e outros entorpecentes. Não haverá miseráveis e desocupados perambulando pelas ruas, que serão tranqüilas e seguras, pois com a participação do espírito, tudo deverá alcançar um nível mais elevado.

Com seu sentimento mais delicado, Bárbara, a amiga inglesa, não se conteve e também fez uma pergunta:

— E a vida, sofrerá transformação? Hoje tudo se volta para o dinheiro e as pessoas não sabem mais o que é amizade. Só é considerada de utilidade a pessoa que gera lucro imediato.

O Master então respondeu:

— A atual civilização agoniza. O conceito dominante é o de que nascemos para morrer, e com a morte tudo se acaba. Por isso as pessoas estão afastadas do Amor, achando que devem aproveitar a vida com sofreguidão e de forma egoísta.

— Entendi — disse a interessada britânica.



— Mas fale algo sobre as transformações — complementou a irmã, olhos fixos no Master.

— Saber exatamente é muito difícil, pois são milhares de variáveis que interferem no processo. Líderes movidos pela paz acreditam que, após a eclosão das grandes transformações, a natureza refulgirá novamente. A alimentação será rica e equilibrada, sem tanta adição química. Não haverá o estigma da fome. As espécies vegetais, animais terrestres ou marítimas não mais estarão ameaçadas de extinção. Cessarão as arbitrarias destruições de florestas. Haverá paz entre os seres humanos. Antes disso, porém, muita água vai rolar...

— Está aí nossa Annunziata, a nos prevenir sobre a necessidade de uma reforma interior para garantir esse éden do futuro — acrescentou Carlo Arnaboldi.

— Isso mesmo. É preciso renovação — e Zaion prosseguiu em suas conclusões sobre o futuro da humanidade:

— As alterações climáticas poderão colocar muitas cidades submersas. Ondas gigantes e tremores de terra poderão ocorrer a qualquer momento. Bilhões de pessoas poderão desaparecer. As conseqüências das previsões de cientistas como James Lovelock, autor da *Teoria de Gaia*, logo começarão a afetar drasticamente a vida. As condições de sobrevivência serão muito difíceis. A hora de uma mudança de atitude é agora. Num futuro não muito distante, a sociedade humana tomará consciência da insanidade que foi ter permitido a destruição da cobertura florestal do Planeta de forma tão indiscriminada. As florestas são os grandes filtros que inserem umidade no ar, regulando o clima, mantendo a temperatura suportável. O funcionamento da natureza, quando não perturbado pela ação humana, é miraculoso na sua atuação para conservar as condições que possibilitam a vida.

— Você já ouviu falar também sobre desastres vindos do céu, tais como choque de asteróides ou cometas? — per-

guntou o francês.

— Astrônomos falam sobre a possibilidade de choque violento de um cometa com a Terra como ocorreu em 1994 com o planeta Júpiter — destacou Zaion.

— Pelo visto — comentou o espanhol, — ainda temos muita coisa ruim pela frente.

— Verdade, mas a humanidade ainda poderá tomar consciência do estresse gerado pelos temores da vida moderna, como o de perder o emprego, ou o do trânsito agressivo, das doenças, da violência urbana e de tantas outras dificuldades que nos enfraquecem. Torna-se imprescindível reconhecer o tecer das leis da Criação, cuja automática atuação pode, em conformidade com a atuação da humanidade, auxiliar favorecendo, ou contrapor-se, agravando a situação — completou Zaion.

O Master fez uma pausa, estendeu a sua mão até ao copo de cristal e saboreou uns goles da água refrescante, em seguida continuou na sua análise:

— As pessoas estão condicionadas para seguir o mesmo padrão de comportamento que é ganhar dinheiro e, depois, ocupar-se gastando tudo o que ganharam, consumindo sem parar. Os seres humanos deveriam atuar como coletores dos valores espirituais, mas estagnaram. Há muita insegurança e rupturas ocorrendo em todo o Planeta. Estamos diante de uma nova mudança de paradigmas, pois tudo o que até agora foi construído exclusivamente com o raciocínio está dando visíveis mostras de desgaste. Uma nova escala de valores deverá surgir e a Terra poderá novamente viver em paz! O indivíduo observador poderá compreender a fala do Senhor por meio da natureza, pois nela estão inseridas as leis naturais da criação. Uma nova era deverá surgir com a exata compreensão do significado da existência terrena. Terá chegado a época em que prevalecerá o amor. Os seres humanos estarão libertos do fardo milenar de seus próprios erros.

— Mas como isso se dará? — perguntou o italiano.

— A vidente nos fala sobre isso no manuscrito?

O Master achou a indagação muito oportuna, então ele explicou o fenômeno do predomínio do raciocínio de uma outra maneira:

— Imaginem o ser humano como um triângulo. Em cima está a alma e, na base, o corpo juntamente com o cérebro. A alma deveria comandar as ações, transmitindo as determinações para o cérebro se incumbir da execução, pondo o corpo em ação. O cérebro, então, seria a grande ferramenta da alma. Mas o ser humano cometeu uma funesta inversão: o cérebro assumiu o comando e o controle do corpo, deixando a alma enclausurada sem poder atuar, então ela foi se enfraquecendo, enquanto o cérebro se deixou levar por todas as paixões baixas, perdendo a direção. A vida se destina ao amadurecimento da alma, mas ficou restrita ao corpo. Assim, a cada existência terrena, a alma retorna enfraquecida e despreparada para prosseguir a sua peregrinação, ficando presa à Terra. Mas agora, no grande acontecer universal, mediante dores e sofrimentos, a alma é obrigada a despertar para uma nova era de paz e alegria em obediência às leis da Criação, ou permanecer em seu sono letal que conduz ao abismo da destruição.

O Master continuou:

— Eu ainda quero falar um pouco sobre a atual situação da humanidade. Ao se afastar da essência espiritual, o ser humano criou uma vida artificial, e tudo foi seguindo direção errada. Hoje surgem as conseqüências disso. A maioria não está vivendo como deveria, apenas sobrevivendo. Apressadas e acomodadas, contentando-se em saber o que está acontecendo sem grande interesse nos porquês, menos ainda se tiverem de ler, o que para muitos representa sacrifício e perda de tempo. Para não se transformar em objeto, o ser humano deve buscar continuamente a razão por que está vivo e qual o significado da vida. Por sua vez, os líderes têm a responsabilidade de contribuir para o aprimoramento

da população do seu país e, conseqüentemente, da sociedade humana, exercitando o poder para o bem de todos.

Ao fim da explanação, um facho de luz surgiu naquele ambiente fechado deixando claro tratar-se de um fenômeno inexplicável. A luz ia se tornando mais e mais intensa, quase cegando a vista daqueles que insistiam em manter os olhos abertos. Zaion pareceu perder os sentidos e, como acometido por enorme fraqueza, curvou-se apoiando sua cabeça nas próprias pernas. Os demais ametistas não conseguiam se mover. A claridade foi-se tornando ainda maior e, por detrás da luz, pôde-se observar a figura de uma mulher, linda na energia vibrante que emanava. Foi a primeira vez que eles viram: ali na sala estava Annunziata.

## As profecias noleanas

*“Pois Deus não quer quaisquer sofrimentos do Seu povo! Quer apenas alegria, amor e felicidade! O caminho na Luz nem pode ser de outra maneira. E o caminho para a Luz só apresenta pedras quando a criatura humana aí as coloca.”*

*(Na luz da Verdade — Mensagem do Graal, de Abdruschin, dissertação “Pai, perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem”)*

Em sua intensa luz, a vidente materializou-se diante do grupo, que mal podia acreditar no que estava vendo. Ela permaneceu por alguns instantes apenas sorrindo, enquanto Zaion, pouco a pouco se recuperava da intensa vertigem que o havia atingido. Erguendo a cabeça, os olhos do Master encontraram os de Annunziata, quando esta lhe falou:

— Meu amado, finalmente consegui quebrar as barreiras do tempo para lhe dizer o quanto estou grata pelo magnífico trabalho que você vem fazendo nesta encarnação. Despertar a consciência humana, numa época tão conturbada na qual vive, não é uma tarefa fácil. Fique certo que seus esforços estão gravados no livro da vida.

Depois, voltando-se aos companheiros da Fraternidade Ametista, falou em tom professoral:

— Algo terrível está para acontecer. Mas rogo que não se deixem abater e continuem no caminho do bem. Nada

acontece por acaso, como vocês já sabem este é o momento da renovação. Muitas crenças inventadas pela mente humana serão agora abandonadas e substituídas pelo conhecimento real da Criação e suas leis cósmicas. Continuem firmes fazendo o trabalho iniciado por Zaion. Não alimentem o medo. Muitos auxiliares espirituais estarão com vocês agora e sempre.

A sala escureceu de súbito e quando a luz retornou, Annunziata havia desaparecido. Atônitos com aquela visão, os membros da Fraternidade ainda estavam tentando entender o que tinham acabado de ver, quando ouviram o estrondo de uma explosão e as paredes ao redor começaram a ruir sobre eles. Seus algozes, numa tentativa desesperada de destruir o manuscrito e de calar para sempre os decodificadores da mensagem nele contida, haviam dado a última tacada. Durante meses a fio seguiram Zaion e estudaram seus movimentos, concluindo que as reuniões das quais participava não deveriam ser apenas meros encontros de amigos. Ao verem que as irmãs Sinclair, Arnaboldi, Jean Baptiste e outros integrantes da Fraternidade estavam reunidos, aproveitaram a ocasião para jogar um coquetel Molotov pela janela de uma das salas, ao lado da qual os companheiros se encontravam.

A explosão destruiu a sala, minou as estruturas da casa e iniciou um grande incêndio. Atordoado, Zaion, caído no chão, tentou se mover, mas percebeu que a estante havia caído sobre as suas pernas. Imobilizado e quase sem forças, agarrou o braço de Arnaboldi que estava caído ao seu lado e recomendou:

— Pegue o manuscrito e saia daqui o mais depressa que puder.

Vendo seu grande amigo e mestre em perigo, o italiano ainda quis argumentar:

— Não vou sair daqui sem você. Espere que já voltarei com o socorro — disse com grande aflição no olhar.

— Não haverá tempo para isso, meu fiel companheiro. Acho que minha missão se encerra aqui. Mas não deixe que todo o meu esforço seja em vão. Salve o manuscrito e continue a disseminar os ensinamentos que cultivamos há tantas décadas. Como Annunziata disse, estarei com vocês em espírito. E tenho certeza de que nos reencontraremos em outra vida, em outro tempo — conclui Zaion.

Arnaboldi levantou-se e caminhou em direção a Jean Baptiste e a outros membros da Fraternidade em busca de socorro. Enquanto isso, Zaion sentiu como se tudo à sua volta tivesse parado. Não ouvia mais os gritos dos seus companheiros tentando escapar daquele horror, nem sentia o calor do fogo e a fumaça que começavam a tomar conta do local. Como se estivesse num vácuo, viu uma bela mulher vindo em sua direção e de seu corpo emanava uma luz intensa e brilhante. Quando ela se aproximou, pode ver que era Annunziata. Ambos se olharam e se abraçaram por um longo tempo. Depois, ela serenamente lhe falou:

— Meu amado, sei que a sua alma reconheceu a minha porque estamos ligados pelo amor e já estivemos juntos em algumas encarnações. Sinto sua falta, tanto quanto você a minha, mas lhe peço para não desistir. Por favor, não se entregue. Seus companheiros ainda precisam da sua liderança e do seu conhecimento para prosseguirem na missão de alertar a humanidade quanto ao perigo eminente. Ainda há tempo de salvar o Planeta da destruição. Sempre estarei com você nos seus sonhos e, quem sabe, mais cedo do que imagina, teremos a oportunidade de vivermos juntos novamente — disse a vidente.

— Tem razão, minha doce Annunziata — falou Zaion, com a voz embargada pela emoção. — Desculpe-me por este momento de fraqueza. Tudo o que presenciei e mais as traições de alguns dos nossos companheiros abalaram a minha determinação. Mas, de fato, minha missão ainda não terminou. Não posso e não vou me entregar agora. A força do

seu amor revigorou minha energia vital. Obrigado, minha amada. E até breve.

Zaion envolveu Annunziata em seus braços, lhe deu um longo e apaixonado beijo e de súbito voltou à consciência. Jean Baptiste estava ao seu lado, batendo em seu rosto para despertá-lo, enquanto outros dois companheiros ametistas faziam força para levantar a estante que havia caído sobre as pernas do Master.

— Felizmente foi só um desmaio. Você foi protegido e salvo — alegrou-se Jean Baptiste, segurando os dois braços de Zaion e puxando-o de sob a estante, libertando-o. Arnaboldi estava ao lado e ele e o francês ajudaram o Master a se levantar e o ampararam, cada um de um lado, conseguindo sair da casa antes que o teto desabasse de vez e o fogo tomasse conta de tudo. Em poucos minutos, os bombeiros chegaram e tentaram apagar o incêndio que envolvia a casa, mas já não havia o que fazer. O local estava totalmente destruído. Do lado de fora, os ametistas que conseguiram escapar com alguns arranhões se desesperavam com o ocorrido e com as perdas de muitos dos seus caros irmãos que não conseguiram sair com vida do terrível atentado.

Depois de atendido pelos paramédicos que estavam no local para prestar socorro às vítimas, Zaion aproximou-se de Arnaboldi e lhe perguntou sobre o manuscrito.

— Fique tranqüilo. Eu fiz o que me pediu. Ele está comigo, debaixo da minha camisa, são e salvo, meu amigo. Tenho que lhe pedir desculpas por não ter obedecido ao seu segundo pedido, que era sair do local sem você. Ainda bem que consegui alcançar nossos amigos e nosso fiel francês. Sem eles não teria conseguido salvá-lo. Mas de forma alguma eu o deixaria lá — disse o italiano.

— Obrigado pela sua amizade. Envergonho-me em admitir, mas tive um momento de fraqueza e quase desisti de tudo. É bom saber que tenho amigos vigilantes para me acudir nessas horas. Obrigado, mais uma vez — reiterou



Zaion.

— Não há o que agradecer. Tenho certeza que você agiria da mesma forma se tivesse acontecido comigo. Agora precisamos ser mais cautelosos e agir rápido. Não podemos nos deixar abater e nem colocar mais vidas em risco — confidenciou Arnaboldi.

— Você está certo. Vamos descansar esta noite e amanhã bem cedo nos reuniremos para traçar um plano de ação — concluiu Zaion.

Enquanto isso, num quarto de um hotel de baixa categoria, um homem de feições grotescas, cabelos desalinhados e barba por fazer atendia em seu celular a uma ligação internacional:

— Então, feito?

— Lamento informar, mas o peixe grande escapou da rede. Perdemos a sua pista — disse a voz do outro lado do telefone.

— Não é possível. Vocês todos são um bando de incompetentes — o barbudo prosseguiu falando, — Esteja preparado, o manuscrito será revelado antes do que esperávamos.

Distante, do outro lado da linha, um homem de expressão dura e usando trajes finos pensava no que poderia ser feito. Em seguida, gritou:

— Imbecil, veja se descobre onde se esconderam — e com raiva, desligou. Refeito do imprevisto, com ar de superioridade, disse para si mesmo: “Acho que teremos de pôr em prática o plano de manter a massa distraída para mantê-la sob nossa influência”.

No dia seguinte, Arnaboldi apresentou uma sugestão para Zaion:

— Conheço um mosteiro de frades franciscanos que fica numa região mais afastada. Um grande amigo nosso ordenou-se recentemente e acredito que poderá nos ajudar,

oferecendo um discreto alojamento oculto dos nossos inimigos, até que consigamos definir os próximos passos que daremos. Lá teremos mais tranqüilidade e segurança. O que acha? Podemos nos reunir lá?

Zaion ficou pensativo por um momento, e depois disse:

— Mas será isso adequado? Afinal estamos pesquisando um manuscrito que colide com as posições adotadas pela Igreja.

Arnaboldi, então, explicou que não deveria se preocupar com isso, principalmente porque o frade é de fato um sincero amigo que ofereceu a sua ajuda de forma irrestrita. — Na verdade trata-se de um mosteiro independente, que segue uma filosofia de solidariedade humana sem apego ao poder terreno, e cujo objetivo é ajudar ao próximo. Mas não está diretamente atrelada a nenhuma Confraria ligada à Igreja. É uma espécie de refúgio, criado por homens de bom coração para prestar verdadeira ajuda, sem prender-se aos cânones religiosos.

Com essa explicação, as dúvidas se desfizeram e Zaion aceitou a oferta.

Os amigos se despediram e, no caminho para o hotel onde estava hospedado, Zaion pensava sobre as revelações do manuscrito. Intimamente ele sabia que, no momento atual, a humanidade ainda não estava sensibilizada e sintonizada para absorver amplamente o teor da mensagem e colocar todos os ensinamentos em prática. A áspera luta pela sobrevivência absorve tudo o que restou de energia e o espírito está muito enfraquecido para impulsionar a busca do novo saber.

A Fraternidade Ametista ainda teria um longo trabalho a fazer, no sentido de preparar as novas gerações nesse sentido. Corpo-mente-espírito estão desconectados. O mais importante no momento era a conscientização da essência espiritual que vivifica o ser humano. O espírito está esque-

cido, mantido encarcerado, ignorado como se nem existisse, permanecendo estagnado, enfraquecendo-se a tal ponto que não mais consegue se fazer notar. No entanto, o espírito é a essência do ser humano e somente por intermédio dele se poderá construir uma sociedade humana em consonância com as leis da Natureza, e que possibilite a efetiva evolução da nossa espécie.

Também Arnaboldi seguia para seu hotel recordando, mentalmente, o que tinha lido no manuscrito:

Nola, dezembro de 1591 — Para alcançar a Verdade os seres humanos devem cultivar, em seus corações, o calor proveniente do espírito para agirem com amor. Quando impelidos pelo raciocínio, os corações se tornam calculistas e frios. Os seres humanos perdem a Paz e a alegria de viver. Se nada for feito para inverter esse curso, daqui a alguns séculos, apesar dos grandes feitos técnicos, a humanidade perderá o contato com o mundo real, ficando sem saber qual a finalidade da vida. Permanecerão hipnotizados por seus ambientes e pelas comunicações de massa, por pessoas, a quem vão querer imitar, e viverão de ilusões estéreis. Mas chegará a hora da escolha definitiva entre a Luz ou as trevas, os próprios acontecimentos farão com que as criaturas humanas despertem para isso.

Na manhã seguinte, Zaion recebeu um telefonema de Arnaboldi informando que estava tudo acertado e que o frei Benvindo já os estava aguardando. Vinte companheiros mais próximos e familiarizados com o manuscrito embarcaram no micro-ônibus que o italiano havia alugado para levar a todos até o local do encontro. A viagem de três horas foi extremamente agradável. O dia estava ensolarado e convidava o grupo a apreciar as belezas naturais que viam pelas janelas. Logo que chegaram, tiveram uma grande surpresa. O frade franciscano que os aguardava na entrada do mosteiro

com um grande sorriso e os braços abertos não era outro senão Ferreira, o companheiro brasileiro que havia ajudado os inimigos da Fraternidade a roubar o manuscrito.

Zaion parou por um momento em frente ao agora frei Benvindo, fitando-o com o semblante sério. Todo o grupo ficou quieto de repente para ver qual seria a reação do Master. Mas foi Ferreira quem primeiro quebrou o silêncio:

— Meu caro Master e meus irmãos, revê-los é para mim uma grande alegria. Estou muito feliz em poder auxiliá-los nessa nobre causa. Depois de muito pensar em como reparar o que eu havia feito, decidi ingressar nesta confraria, colocando todos os meus bens à disposição desta irmandade. Fui recebido de braços abertos. Parece que estavam à minha espera e deram-me esse significativo nome: Benvindo. Quero dizer que estou profundamente envergonhado por tê-los traído, ao ter permitido que o intelecto falasse mais alto que meu coração. Lamento ter agido por orgulho. Eu achava que a humanidade não estava pronta para conhecer a verdade e por isso tentei roubar o manuscrito para que ele pudesse ficar escondido por mais algumas décadas e ser lido apenas por gerações mais preparadas para entender seu conteúdo. Que tolo que fui! Jamais pensei em colocar a vida de ninguém em risco. Eu também quase morri nessa empreitada desastrosa. Peço que me perdoem. Se não fosse por Jean Baptiste e por Carlo Arnaboldi, que me resgataram e me levaram ao hospital, não teria sobrevivido. Também pude contar com outros dois anjos, que são Viveca e Humberto Sanches. Eles acompanharam minha longa recuperação física, e me ajudaram a fortalecer meu lado espiritual e novamente enxergar a Luz. Para me redimir de todo o mal que causei, decidi me tornar frade. E aqui, neste local abençoado, cercado pela natureza e com a força das orações, consegui perceber a magnitude do mal que causei. Sei que não será fácil voltar a confiar em mim e entenderei se quiserem ir embora, ou que eu me afaste — confessou o frei Benvindo.

O Master ficou em silêncio por mais alguns instantes e depois falou:

— O que você fez foi muito grave, Ferreira, digo, frei Benvindo. Você acabou sendo influenciado por aqueles que temem, que os seres humanos que analisam os fatos logo reconheçam a lógica sobre o funcionamento da Criação e suas leis mencionadas no manuscrito, pois isso lhes daria independência e liberdade. Mas eu sou apenas humano, assim como você, e não tenho o direito de condená-lo, mesmo porque todos nós cometemos erros. Fico feliz em saber que recuperou a humildade. Reconhecer os erros é um passo importante. Ter atitudes para corrigi-los significa que realmente aprendeu a lição. De minha parte, não tenho nada contra você. Por mim, vamos aceitar a sua hospitalidade e a dos seus irmãos de mosteiro. E quanto a vocês, meus companheiros, o que acham? Ficamos ou partimos? — questionou Zaion.

Todos se entreolharam. Brenda foi a primeira a falar:

— Eu adoraria ficar. Sei que os frades fazem uns biscoitos e uns pãezinhos maravilhosos e não queria perder isso por nada.

— E depois ela diz que a gulosa sou eu — emendou Bárbara. — Eu também quero ficar. Soube que o chá da tarde também é ótimo — disse a inglesa, arrancando gargalhadas do grupo.

Um a um dos demais também concordou em ficar. Zaion voltou-se para Ferreira, abriu um sorriso e o abraçou. E todo o grupo cercou os dois, envolvendo-os num grande e fraterno abraço.

Emocionado, frei Benvindo guiou seus companheiros até uma linda e confortável sala, que dava para um pátio interno. Bem instalados no belo local, Zaion abriu a reunião:

— Meus queridos amigos, é chegada a hora de decidir quais serão nossos próximos passos. Espero conseguir

encontrar a melhor saída e foi para isso que os convoquei aqui hoje. Não posso mais permitir que mais vidas sejam sacrificadas. Conseguimos salvar a parte final do manuscrito e minha intuição me diz que não podemos mais manter seu conteúdo em sigilo. Temos que nos empenhar para que o Bem impere. Precisamos impedir que a humanidade continue a agir de forma centrada apenas no intelecto e que volte a cultivar o espírito e a intuição, de forma a se reconectar com o todo. Apenas assim terá condições de reverter os enormes danos feitos até agora ao planeta. Para recuperar o equilíbrio rompido, torna-se indispensável adaptação às leis da Criação, pois o ser humano que vive em conformidade com elas se encontra livre de pressões e restrições. Tudo o auxiliará em vez de lhe obstruir o caminho. Tudo o servirá, porque ele se utilizará de tudo de modo certo. Ultrapassado o limite, não haverá mais volta, e o próprio funcionamento automático das leis da Criação promoverá o restabelecimento do equilíbrio. Isso se dará de forma estrondosa com o perceptível aumento das catástrofes naturais e das tragédias humanas. Teremos que reconhecer como nos deixamos envolver por falsos conceitos, seguindo por caminhos errados.

Arnaboldi tomou a palavra:

— Acredito que cada um de nós terá, como meta, usar a criatividade e os conhecimentos adquiridos para influenciar os jovens a mudarem de atitude, de forma a que no futuro próximo possamos viver em plena harmonia e em sintonia com a natureza. Ao agirmos assim, estaremos preparando o terreno para que as revelações finais do manuscrito sejam devidamente compreendidas e seguidas. O problema é que temos tantos falsos profetas e tantas pessoas inescrupulosas se aproveitando da boa fé das pessoas que não sei se devemos revelar o conteúdo do manuscrito agora. Minha dúvida, ao revelar a verdade, é que sejamos mal interpretados e confundidos com esses mercadores, que apregoam a fé, mas na verdade estão visando apenas ganhos em benefício próprio.

— Concordo com você, Arnaboldi — disse Jean Baptiste. — Talvez seja mais prudente aguardarmos um pouco mais. A elite intelectual, com certeza, irá nos massacrar por todos os meios, tentando levantar dúvidas sobre a veracidade do manuscrito. Isso poderá acirrar ainda mais a vontade dos nossos inimigos de se apossarem dele, aproveitando a oportunidade para nos ridicularizar perante a opinião pública. Ficaremos expostos e desacreditados, e muitas pessoas correrão risco de vida na tentativa de salvar o documento — sentenciou o francês.

— Nada disso — interrompeu Viveca Sanches. — Quanto mais protelarmos a revelação, mais riscos correremos. Temos que deixar o documento num local seguro ou entregá-lo a uma autoridade confiável, ou mesmo a algum jornal de renome e idoneidade inquestionáveis. Com isso, desarmamos os nossos inimigos e finalmente começamos a conscientizar os seres humanos sobre a realidade espiritual da vida e sobre os males que estão sendo causados ao meio ambiente, bem como o que fazer para reverter esse processo de destruição. Os seres humanos têm o direito de saber. E toda a verdade que deciframos sobre o Manuscrito de Nola deve ser revelada. Quero lembrá-los da parte em que a vidente escreveu: “Quando chegar a hora não permitam que a Mensagem seja ocultada. Os seres humanos terão de ser alertados sobre a necessidade de se fortalecerem e de se dedicarem às reflexões e sentimentos intuitivos para alcançar o estado de alerta do próprio espírito. Com isso, deixarão de ser escravos das trevas” — enfatizou Viveca.

— Um tumulto tomou conta da reunião. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Um grupo defendia o argumento do italiano, e outro, o da mexicana. Zaion precisou intervir, pedindo ordem. Conseguindo acalmar os ânimos, finalmente o Master falou:

— Meus caros, ambas as partes têm razão. Mas preciso dar o voto de Minerva. Também acho que a humanidade

ainda não está suficientemente madura para aceitar as revelações do manuscrito. Mas, em contrapartida, não podemos mais esperar. Quanto mais o tempo passa, mais o meio ambiente sofre as agressões, e se não começarmos a breçar isso imediatamente, não haverá o que salvar no futuro. As pessoas precisam entender que a salvação do Planeta e o futuro da humanidade está em suas mãos. E a nossa missão é trabalhar em prol desse despertar. Eu acho que é chegada a hora, sim, de revelarmos a verdade. Só peço a vocês que me ajudem a decidir qual será a melhor forma de fazermos isso — disse o Master.

— Um novo burburinho tomou conta da sala. Todos falavam ao mesmo tempo. Pouco a pouco, as pessoas foram se aquietando. Jean Baptiste tomou a palavra:

— Já que você acha que não temos escolha senão revelarmos a verdade, acho que devemos procurar os líderes de todas as religiões para que nos ajudem nessa empreitada — disse o francês.

— Ficou doido — retrucou Humberto Sanches. — Nunca conseguiremos um consenso e menos ainda a ajuda dessas pessoas. Isso apenas será possível quando os seres humanos, individualmente, começarem a buscar o conhecimento das leis da Criação.

— Eu concordo com Humberto — disse Arnaboldi. — Acho essa alternativa muito arriscada. O melhor seria elegermos um jornal de grande credibilidade internacional e divulgarmos isso através da imprensa.

— Tenho uma idéia melhor — irrompeu Brenda. — A internet, gente! Atualmente todo mundo está conectado na grande rede. Em poucos minutos, todo o Planeta estará sabendo do documento. Acho que esse é o veículo ideal.

— De fato, mana — concordou Bárbara. — Mas também há de tudo na rede. Podem achar que é mais um comunicado engraçadinho e não darem a menor importância ao documento. Em termos de pulverização da informação e da



velocidade da divulgação, realmente esse é o canal. Mas em termos de credibilidade, tenho sérias dúvidas — ponderou a inglesa.

— Podemos fazer uma ação conjunta — disse Zaion. — Podemos enviar cópias autenticadas para todos os líderes das religiões institucionalmente estabelecidas, a todos os principais jornais do mundo todo e colocar o documento na íntegra na Internet. Com isso, acho que cobriremos todos os flancos. Quem concorda com isso, levante a mão — disse Zaion.

Depois de alguns instantes, todos levantaram a mão. Com a unanimidade, o próximo passo era providenciar as cópias autenticadas e colocar o documento, decifrado, na internet, simultaneamente em vários idiomas.

## Epílogo

A manchete dos principais jornais era a mesma: “Manuscrito de Nola revela o futuro da humanidade”. A reportagem dizia mais:

Pesquisadores de uma sociedade de estudos de documentos antigos denominada Fraternidade Ametista traz a público as revelações de uma vidente que teria vivido no século XVI, em que faz revelações sobre o futuro da humanidade e fornece uma fórmula para a criação de uma sociedade humana baseada na justiça e no amor ensinados por Jesus. O documento original encontra-se guardado no Museu do Louvre e foi autenticado por diferentes e renomados arqueólogos que atestaram a veracidade do documento.

A reportagem trazia um trecho do documento:

Chegará o tempo em que uma reforçada energia da Luz será lançada sobre o destino dos seres humanos. Essa energia terá, como efeito, a aceleração de todas as sementes adormecidas, fazendo-as germinar e dar frutos, seja na vida dos indivíduos isoladamente ou de povos inteiros. Tudo que estava adormecido irá despertar, tornando visível as consequências dos pensamentos, das palavras e das ações. Haverá choro e desespero, mas também súplicas sinceras daqueles que, reconhecendo seu modo errado de atuar, perceberão,

enfim, o verdadeiro significado da vida, buscando, na modificação de seu modo de ser, o caminho da salvação do caos. Esses serão afastados de todo o perigo, para recomeçarem a vida em paz e alegria. Aquele que desperdiça o tempo de sua existência com o falso cismar do raciocínio, não resistirá ao impulso mais forte. Somente poderão sobreviver aqueles que, alcançando lucidez, colaborarem com vivacidade e alegria para o embelezamento desta Criação como parte dela!

Semanas depois, em seu chalé, nos Alpes suíços, saboreando uma deliciosa taça de vinho, Zaion festejava sua decisão. Pela janela ele podia ver um céu azul límpido e a extensa vegetação recoberta de neve que se refletia no lago em frente à casa. Ao contemplar essa bela paisagem, o Master percebia com clareza que cabe aos seres humanos se conscientizarem sobre a importância de sua sintonização individual para alcançar a evolução e contribuir para melhorar a vida no Planeta. Se cada um fizer a sua parte, a soma do todo será uma sociedade mais consciente de suas obrigações e, portanto, mais justa e solidária. A natureza será respeitada como deve, e todas as criaturas viverão em perfeita harmonia. Enquanto isso não for alcançado, prevalecerão o egoísmo e as intenções de se destruírem mutuamente. Ele sabia que ainda teria muito trabalho pela frente, mas a alegria de Servir ao Criador Todo-Poderoso lhe proporcionava renovada força. Em seus sonhos, Zaion festejava com Annunziata o Amor pela Humanidade e juntos vibravam pela Paz.

Ela se aproxima e sussurra em seus ouvidos: “Os seres humanos receberam de presente a Criação para alegrá-la e embelezá-la, mas passaram a viver abaixo do que era esperado, e conseqüentemente teve início um ciclo inverso de retrogradação da espécie. Para onde quer que olhemos, observamos as marcas da destruição, do ódio e do desespero. Torna-se inadiável romper corajosamente as amarras que impedem o surgimento de seres humanos verdadeiros,

que vivam como parte da Criação, vibrando com ela, aprendendo e amadurecendo, auxiliando e construindo de forma benéfica, então a paz surgirá como elemento natural da vida”.

## A palavra do autor

O Manuscrito de Nola é uma ficção literária. No entanto, procurei introduzir ensinamentos contidos no livro *Na luz da Verdade — Mensagem do Graal*, escrito por Oskar Ernst Bernhardt, que adotou o pseudônimo de Abdruschin. Nascido em 18 de abril de 1875, na Saxônia, Alemanha, esse autor sempre almejou difundir suas idéias, sem chamar a atenção sobre sua vida pessoal. Por essa razão, os aspectos de sua existência terrena sempre foram deixados de lado. Abdruschin fixou-se em Vomperberg (região do Tirol austríaco), onde terminou de escrever a *Mensagem do Graal*, no idioma alemão, de onde se difundiu para vários países. No Brasil, a primeira edição em português ocorreu em 1934. O escritor alemão faleceu em 6 de dezembro de 1941, na cidade de Kipsdorf, Alemanha, quatro anos após sua propriedade, na Áustria, ter sido confiscada pelos nazistas, ao tomarem o país.

A obra de Abdruschin tem sido pouco citada pelos pesquisadores, o que me inspirou a escrever este livro, por meio do qual procuro mostrar, com toda a clareza, como é fácil encontrar o caminho para a compreensão das Leis da Criação, descritas por ele como jamais alguém o tenha feito.

Quem deixa o espírito chegar à atuação dentro de si, só pode seguir o caminho para a Luz, que cada vez mais o

enobrece e o eleva, de modo que, por fim, difunde bênçãos  
ao seu redor, onde quer que chegue. (*Mensagem do Graal*,  
de Abdruschin)

## Bibliografia

- ABDRUSCHIN, O. E. B. *Na luz da Verdade — Mensagem do Graal*. Embu: Ordem do Graal na Terra, 2001. 3v.
- ALBERONI, F. *Os invejosos*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- COVEY, S. R. *O oitavo hábito*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2005.
- CUOMO, F. *As grandes profecias*. Rio de Janeiro: Bom Texto, Uniletras, 2002.
- DROSNIN, M. *O Código da Bíblia*. 8.ed. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2005.
- HONSBAMM, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- JESUS O AMOR DE DEUS. 5.ed. Embu: Ordem do Graal na Terra, 2002.
- MONTALDO, G. *Giordano Bruno*, filme, 1973. Versátil Home Vídeo.
- OLIVEIRA, F. M. P. de. *Cosmologia e liberdade em Giordano Bruno*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2001. (Mimeogr.)
- PROFECIAS DE SÃO BOSCO. São Paulo: Artpress, 2002.
- PUCINNELLI JUNIOR, R. C. *Jesus ensina*. Embu: Ordem do Graal na Terra, 2006.
- SAMPSON, A. *O toque de Midas*. São Paulo: Difel, 1991.
- SASS, R. von. *A Grande Pirâmide revela seu segredo*. Embu: Ordem do Graal na Terra, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Atlântida, princípio e fim da grande tragédia*. 5.ed. Embu: Ordem do Graal na Terra, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O livro do Juízo Final*. 11.ed. Embu: Ordem do Graal na

- Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os primeiros seres humanos*. Embu: Ordem do Graal na Terra, 1999.
- SHENKAR, O. *O século da China*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- SOROS, G. *A crise do capitalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- TODD, E. *A ilusão econômica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- TRIGUEIRO, A. *Mundo sustentável*. Rio de Janeiro: Globo, 2005.
- WALLERSTEIN, I. M. *O fim do mundo como o concebemos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.



